



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA E
PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL

MARILDES LIMA MIRANDA SOUSA

FONTES DE VIDA, SOCIABILIDADE E MEMÓRIA:
Narrativas sobre os caldeirões do Sítio do Mocó, Coronel José
Dias-PI

SÃO RAIMUNDO NONATO-PI

2021

MARILDES LIMA MIRANDA SOUSA

**FONTES DE VIDA, SOCIABILIDADE E MEMÓRIA:
Narrativas sobre os caldeirões do Sítio do Mocó, Coronel José
Dias-PI**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Orientador: Alencar Miranda Amaral

Coorientadora: Rosemary Aparecida Cardoso

SÃO RAIMUNDO NONATO-PI

2021

Sousa, Marildes Lima Miranda

S725f Fontes de vida, sociabilidade e memória: narrativas sobre os caldeirões do Sítio do Mocó, Coronel José Dias-PI / Marildes Lima Miranda Sousa. - São Raimundo Nonato-PI, 2021.

162 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Alencar Miranda Amaral.

1. Arqueologia da Paisagem. 2. Relatos de memória. 3. Caldeirões – Sítio do Mocó – Piauí. I. Amaral, Alencar Miranda. II. Título. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 930.1



Serviço Público Federal
Universidade Federal do Vale do São Francisco
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARILDES LIMA MIRANDA SOUSA

**FONTES DE VIDA, SOCIABILIDADE E MEMÓRIA: NARRATIVAS SOBRE OS
CALDEIRÕES DO SÍTIO DO MOCÓ, CORONEL JOSÉ DIAS-PI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia e Preservação Patrimonial, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Aprovado em 15 de outubro de 2021

Prof. Dr. Alencar de Miranda Amaral – UNIVASF – Orientador

Dra. Rosemary Aparecida Cardoso - LAPA- UNIVASF – Co orientadora

Prof. Dr. Leandro Elias Canaan Mageste – UNIVASF



Serviço Público Federal
Universidade Federal do Vale do São Francisco
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO HISTÓRICO



Documento assinado digitalmente

MAURO ALEXANDRE FARIAS FONTES
Data: 25/08/2022 17:00:15-0300
Verifique em <https://verificador.ig.br>

Prof. Dr. Mauro Farias Fontes – UNIVASF



Documento assinado digitalmente

RODRIGO LESSA COSTA
Data: 26/08/2022 17:09:27-0300
Verifique em <https://verificador.ig.br>

Prof. Dr. Rodrigo Lessa Costa – UNIVASF

Aos meus pais Francisco de Assis, Iolene e minha irmã Marisa pelo apoio que me deram durante toda a elaboração desse trabalho. Ao meu avô Francisco in memoriam que por muito tempo foi técnico de Arqueologia, no entanto, infelizmente não teve a oportunidade de ler esse trabalho.

AGRADECIMENTO

Primeiramente quero agradecer ao meu altíssimo Deus, dono de tudo e de todos; por tudo que eu passei para que eu chegasse até aqui, independente da dor ou da alegria, o importante foi a minha evolução.

Ao longo da minha caminhada como estudante do interior do nordeste, filha de cozinheira e de ex-cortador de cana de açúcar, venci muitas barreiras por ser de uma classe de renda baixa. Muitos não acreditavam no meu potencial, no entanto, com ajuda da minha família e da minha prima Laís Paes como costumados dizer, ela é a irmã do meio, agradeço por acreditar no meu potencial, pelos momentos de descontração. A minha prima e arqueóloga Artenice Miranda por ser uma pessoa de bom coração e sempre disposta a ajudar, sabe um pouco de tudo, sempre tirando as pessoas do prego. Minha prima Brenda Sousa, atenciosa e companheira, sempre demonstrando sua admiração pela minha caminhada, nosso carinho e admiração é recíproco. Agradeço aos meus avós Nilza Maria, Elias Claro e a minha avó e segunda mãe Ildemar Miranda, por ser alguém que sempre esteve ao meu lado e me acolhendo principalmente nos tempos difíceis, ao meu avô Francisco que infelizmente não está mais entre nós, no entanto foi meu segundo pai, sempre me incentivando a ser uma mulher forte e inteligente, um dos motivos pelo qual escolhi ser arqueóloga, foi pelas suas histórias contadas quando trabalhou por muito tempo como técnico de arqueologia na FUMDHAM. Agradeço as minhas tias, Maria Aparecida e Iolanda, pelas palavras de carinho e incentivo. Ao meu amigo Osvaldo que é gentil, parceiro, bom ouvinte e sempre tem uma palavra amiga para me aconselhar.

Sou grata aos meus colegas univasfianos: Mirelle Negreiro, Angelica Assis, Nataliane Viera, Maria de Lurdes, Lilianara Rocha, Maria Alda, Lucas Ribeiro, Emerson Neves, Leandro Surya, Wélder Marques, Paíla Oliveira, Paulo Henrique, Rodrigo Bernardo, Sandra Dia,, Lorena Passos pela troca de conhecimento, alegrias e perrengues durante esse período de graduação. Sou grata ao meu grupão de campo e laboratório na qual tive bons momentos, Luara Lima (a Doida), Layane Santana (Lala a sensata), Ianca Barros (a Irmãzinha, a mais calma do grupo). Sou grata meu grupo de whatsapp (As Barraqueiras) que juntou as univasfianas Alicya Barros (Amarela), Thamiris Cavalcante (a Limite) e Iara Ribeiro (a Pandinha), obrigadas por serem minhas confidentes e pela

amizade que construímos ao longo da graduação. Sou grata ao grupo de whatsapp (Kamasutra) criado pelas peças raras Rafael Guimaraes (o índio), Breno Lima (o mini bic) “Pitu é vida”, Gabriela Amorim (seus dramas sempre são engraçados), Davi Feitosa (o Zé linguinha) que foi um anjo, que por muitos momentos na graduação me colocou para cima e que acreditou em meu potencial, acrescentando ainda as Barraqueiras, obrigada pela troca de carinho, estresse, risadas e muita cachaça na sexta feira depois das aulas sou grata pela amizade e carinho de todos.

Sou grata pelo carinho e ensinamentos de todos os professores do colegiado de arqueologia, em especial os professores: Mauro Farias, Gisele Felice, Vanessa Linke, Vivian Sena por se preocuparem com o meu crescimento intelectual e profissional. Agradeço ao meu orientador Alencar Amaral pela compreensão e paciência por ter me aturado mandando mensagens no período da noite e aos finais de semana, sou grata pela sua dedicação e orientação.

Aos meus pais Iolene e Francisco de Assis, que por motivos de saúde quando criança sempre tive dificuldade de aprendizagem, no entanto eles sempre estiveram ao meu lado me apoiando e dizendo que eu sou capaz, sempre me incentivaram a lutar pelos meus objetivos. Se hoje estou aqui é por causa deles, que apesar de tanta dificuldade que nossa família passou, principalmente por questões financeira e de saúde, vocês nunca deixaram que faltasse amor e atenção. Seu Assis, o que falar desse cara? Um homem que teve que sair do interior do nordeste ainda muito jovem, se arriscando em um trabalho doloroso e bastante cansativo de corte de cana para conseguir recursos e tratar da saúde de sua esposa e filhas, no entanto mesmo que distante, sempre foi um pai brincalhão, amargoso e dedicado. Dona Iolene, “Estuda minha filha, pois a única herança que posso te dar é o estudo”, sempre segurando minha mão e mesmo com uma saúde frágil é uma mulher forte, de garra e determinada, muitas vezes se privando de comprar algo para si, para que não falte algo para suas filhas, um amor e dedicação imensurável, agradeço por todos os momentos de bronca, carinho e incentivos, pois foram muitos momentos de choro e desânimo achando que eu não iria conseguir e com um simples abraço seu, meus ânimos sempre voltava.

Agradeço a minha irmã Marisa Sousa, por ser um grande incentivo, por sempre está ao meu lado, mesmo que as vezes nos estranhemos, ser uma base

que posso confiar e me apoiar e por sempre termos essa parceria e troca de conhecimento em geral, obrigada principalmente nesse último período de graduação, por me acompanhar em quase todas as entrevistas e sempre me ajudando quando solicitado.

Agradeço aos colaboradores que por motivo de confidencialidade não irei citar seus nomes, no entanto sou imensamente grata por nos receberem em suas residências em meio a pandemia, foi um prazer trabalhar e ver o carinho que todos têm pelos caldeirões e pela história da comunidade. Agradeço aos colaboradores: Irani Miranda, Jucilene Miranda, Welington Claro, Zenaide Assis, Gilderlindo Sousa por terem cedidos arquivos pessoais das suas galerias. E por fim agradeço a mim por não ter desistido mesmo que tendo vários obstáculos que por muitas vezes fizeram com que eu desanimasse, no entanto tive forças para me levantar todas as vezes.

RESUMO

Em uma abordagem do Patrimônio Cultural da localidade Sítio do Mocó, nesta pesquisa buscamos apresentar os caldeirões rochosos que para a comunidade são locais de memória e patrimônio cultural, e como a criação do Parque Nacional Serra da Capivara influenciou no modo de vida da comunidade em relação a esses caldeirões naturais. Seu objetivo é identificar através das narrativas dos nossos colaboradores que fazem parte da comunidade Sítio do Mocó, quais são os caldeirões e qual a funcionalidade de cada um no seu período de utilização. Entrevistamos homens e mulheres com faixa etária entre 12 aos 95 anos, foi possível perceber que há uma diferenciação de fala entre os grupos de faixa etária diferentes, que para o grupo mais velho as águas dos caldeirões eram utilizadas apenas para a sobrevivência, para o grupo jovem adulto a visão e utilização dos caldeirões naturais se expandiram, pois os utilizavam também como locais de lazer e convívio social. Já para o grupo mirim, os caldeirões são locais inacessíveis principalmente por fazer parte da área do Parna Serra da Capivara e o custo da visita ser elevado. Para tanto, utilizamos dos conceitos de Arqueologia da Paisagem, Arqueologia Pública e Memória para entendermos como a paisagem é socialmente construída.

Palavras-chave: Caldeirões. Patrimônio Cultural. Memória. Sociabilidade. Sítio do Mocó.

ABSTRACT

In an approach to the Cultural Heritage of the locality Sítio do Mocó, in this research we seek to present the natural water reservoirs (tank) known as “caldeirões”, that for the community are places of memory and cultural heritage, and how the creation of the Serra da Capivara National Park influenced the way of life of the community in relation to these places. Its objective is to identify, through the narratives of our collaborators who are part of the Sítio do Mocó community, which are the natural water reservoirs and what is the functionality of each one in its period of use. Through our collaborators who are chosen by the gender: male and female and by the age: from 12 to 95 years old, it was possible to notice that there is a difference in speech between the different age groups, that for the older group the natural water reservoirs were used only for survival, for the young adult group, the vision and use of tanks expanded, as they also used them as places for leisure and social interaction. As for the children's group, the “caldeirões” are inaccessible places mainly because they are part of the Parna Serra da Capivara area and the cost of visitation is high.

KEYWORDS: Natural Water Reservoirs. Cultural Heritage, Memory. Sociability. Sítio do Mocó.

LISTA DE FIGURA

Figura 01: Mapa representativo da cidade de coronel josé dias. fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/coronel_jos%C3%A9	37
Figura 02: Comunidade Sítio do Mocó.....	41
Figura 03: Monumento Representando um Mocó na Comunidade Sítio do Mocó.....	42
Figura 04:Número inscrito no paredão do cruzeiro.	43
Figura 05: Lavanderia comunitária da comunidade sítio do mocó.	46
Figura 06: Mulheres buscando água no poço depois do fechamento dos caldeirões.....	46
Figura 07: carteirinha de identificação do projeto pro-árte fundham da aluna Marildes Sousa, Integrante da comunidade sítio do mocó.....	48
Figura 08: Apresentação no anfiteatro pedra furada do projeto pro-árte FUMDHAM, aluna Marildes Sousa, integrante da comunidade sítio do mocó.	49
Figura 09: Professores Lina do Carmo e Jack ensaiando com as crianças do sítio do mocó no anfiteatro da pedra furada.	50
Figura 10: Colaboradora Cleiciane, 31 anos em momento de lazer no caldeirão do gado, 2014.	54
Figura 11: Caldeirão do gado, lavadeiras e homens buscando água para atividades domésticas.....	58
Figura 12: Desenho ilustrando o sertanejo buscando água em um carrinho de forquilha.....	60
Figura 14: Sertanejo buscando água em um carrinho de forquilha.	61
Figura 15: Placa de proibição para entrar na área dos caldeirões.	66
Figura 16: Google Earth, 2019.	69
Figura 17: Parede com a placa do caldeirão do gado.	70
Figura 18: Placa do caldeirão do gado com a datação de 03/02/1985.....	71
Figura 19: Crianças socializando no caldeirão do gado.	76
Figura 20: Pessoas aproveitando o dia de lazer no caldeirão do gado.	77
Figura 21: Jovens socializando no caldeirão do gado.....	78
Figura 22: Colaboradoras Cleiciane e Marisa em um dia de lazer	79
Figura 23: Jovem pulando do biquinho, ponto mais alto do caldeirão do Gado.	80

Figura 24: Batizado evangélico no caldeirão do gado.....	82
Figura 25: Batizado evangélico no caldeirão do gado.....	82
Figura 26: Caldeirão da Bernaldina ou do Zé Gregório.....	87
Figura 27: Toca com vestígios da residência da bernaldina.	88
Figura 28: Escada para a manutenção do caldeirão da porta.....	91
Figura 29: Caldeirão dos porcos.	94

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	16
2.	DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	19
2.1.	Arqueologia da Paisagem.....	19
2.2.	Arqueologia Pública.....	22
2.3.	Memória.....	26
2.4.	Metodologia.....	30
3.	CONTEXTUALIZAÇÃO GEOAMBIENTAL E HISTÓRICA	36
3.1.	Contexto Geoambiental	36
3.2.	Contexto Histórico.....	39
4.	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS	52
4.1.	Memórias e narrativas dos moradores do Sítio do Mocó sobre os caldeirões.....	53
4.2.	Caldeirões do Sítio do Mocó	67
4.2.1.	Caldeirão do Gado	69
4.2.2.	Caldeirão do Grande ou Caldeirão da Chiquinha	83
4.2.3.	Caldeirão da Bernaldina ou Caldeirão do Zé Gregório	86
4.2.4.	Caldeirão da Porta	89
4.2.5.	Caldeirão do Avô ou Caldeirão do Aniceto	92
4.2.6.	Caldeirão dos Porcos	93
4.2.7.	Caldeirão dos Branquim.....	94
4.2.8.	Caldeirão das Porteiras.....	95
4.2.9.	Caldeirão dos Claros	95
4.2.10.	Caldeirão dos Cambambá	96
4.2.11.	Caldeirão da Escada.....	96
4.2.12.	Caldeirão da Mãe Ana ou Vózinha ou Tapagem	97

4.2.13.	Caldeirão da Demar ou Caldeirão do Francisco	97
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
	REFERÊNCIAS	103
	ANEXOS.....	107

1. INTRODUÇÃO

Ao decorrer da graduação, me deparei com a necessidade de um tema para elaboração da monografia, no entanto não sabia ao certo qual assunto iria abordar, só tinha certeza de uma coisa, que seria algo relacionado a comunidade Sítio do Mocó, da qual faço parte. Sempre acreditei no potencial histórico e arqueológico de nossa comunidade, principalmente por ser uma área afetada com a criação do Parque Nacional Serra da Capivara. Sempre me questionando qual tema abordar, então foi em um passeio aleatório aos caldeirões rochosos em uma manhã de domingo no ano de 2018 que encontrei o tema da minha monografia. Ao chegar no caldeirão do Gado, me deparei com um turbilhão de memórias, algo tão intenso que acionou um gatilho de várias coisas boas. Foi então que me questionei: - com 21 anos de idade eu sinto que esses caldeirões me remetem a uma explosão de memórias afetivas, imagina para tantas outras pessoas da comunidade Sítio do Mocó que frequentaram por muito mais tempo, ainda mais considerando os vários relatos contados por minha mãe do tempo em que as pessoas lavavam roupa e buscavam água desses caldeirões¹ para garantir sua sobrevivência.

Vale ressaltar que enquanto criança ainda participei de algumas atividades que eram executadas nos caldeirões, entre elas buscar água para afazeres domésticos, acordar bem cedo para conseguir um melhor lugar no lajedo para que pudesse lavar roupa juntamente com minha mãe e minha irmã e no final da lavagem de roupa ir tomar banho antes de voltar para casa. Lembro-me de vários momentos prazerosos quando criança, minha mãe me ensinando a nadar no Caldeirão do Gado quando o nível da água estava muito baixo ou até mesmo de dar a desculpa de ir lavar roupa juntamente com minha irmã Marisa e meus primos, com intuito apenas de ir nadar e me divertir nas águas do caldeirão do Gado. Lembro-me ainda da união de toda a

¹ Caldeirões são rochas de diversas formas e profundidades, as quais acumulam água em suas cavidades e que, também, carregam consigo um significado histórico, cultural, social e ambiental (...) o que dá mais coesão e robustez ao seu valor patrimonial de caráter natural. (SILVA FILHO; OLIVEIRA; AMADOR, 2017, p. 3305).

comunidade para realizar mutirões de limpeza de todos os caldeirões, para que as águas acumuladas das chuvas ficassem limpas. Mesmo que bem pequena, meus pais me levavam junto, para que eu aprendesse com aquele momento junto com a comunidade a ter consciência e responsabilidade de zelar pela boa organização dos caldeirões que é um patrimônio da comunidade e responsabilidade de todos. Por ser criança e querer ajudar, minha mãe me dava um pequeno baldinho amarelo que era um recipiente de tinta tanto para ajudar na limpeza dos caldeirões ou para colocar água em sua bacia para lavar nossas roupas.

Então naquele momento de visita aos caldeirões, tive a certeza de que havia encontrado o meu tema, pois sabia a importância que aqueles monumentos naturais tiveram e têm para o povoamento da comunidade Sítio do Mocó e para a memória das pessoas que ali vivem ou viveram. Sabia que durante algumas décadas as pessoas da comunidade utilizaram os caldeirões para sua sobrevivência, mas também para consolidação de laços e convivência sociais. Assim, resolvi desenvolver uma pesquisa voltada a identificação e registro dos Caldeirões do Sítio do Mocó, bem como das narrativas dos moradores locais sobre esses espaços.

Inicialmente o foco da pesquisa seria o mapeamento e caracterização dos caldeirões, fazendo assim o georreferenciamento e um levantamento fotográfico dos locais citados por nossos colaboradores através de prospecção oportunística. Ainda no planejamento do projeto me deparei com a realidade que a maior parte dos caldeirões outrora utilizados pelos moradores do Sítio do Mocó estão atualmente inseridos no interior do Parque Nacional Serra da Capivara, doravante PARNA, cujo acesso é controlado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBIO. Certamente, enquanto pesquisadora, o meu acesso aqueles locais estariam garantidos desde que eu cumprisse os trâmites burocráticos necessários para a realização de pesquisas no PARNA. Mas essa situação me gerou certa angústia, tristeza e até raiva, especialmente quando pensava: “E se eu não estivesse realizando uma pesquisa para minha formação acadêmica, como se daria, ou não, o meu acesso à locais importantes para a história de meus avós, pais, familiares e amigos? Quando as pessoas da minha comunidade que não estão na universidade poderão ter acesso novamente a esses locais?”

Assim, devido a pandemia da covid 19 ficou inviável fazer a pesquisa de campo na área dos caldeirões naturais que estão localizados no PARNA Serra da Capivara,

devido o mesmo ter sido fechado em um determinado período de tempo nos anos de 2019 e 2020 atendendo as recomendações necessárias da secretaria de saúde. Portanto, resolvi mudar o escopo da minha pesquisa, não realizei os trâmites necessários para ter acesso ao PARNA, e decidi que minha comunidade deveria se tornar o foco do meu trabalho. Para tanto busquei conversar com crianças, jovens e pessoas mais idosas, registrando diferentes narrativas que me permitissem analisar o papel dos caldeirões no povoamento da área e discutir sua importância como catalizadores de narrativas e memórias; e, por conseguinte, como patrimônio para a e da comunidade do Sítio do Mocó. Um dos objetivos complementares da pesquisa, mas nem por isso menos relevante, foi dar voz e lugar de fala para a comunidade e através das narrativas de nossos colaboradores entender, e problematizar, como a criação do Parque Nacional Serra da Capivara, afetou a relação da comunidade com esses caldeirões.

Para atingir essas metas e embasar a pesquisa, no primeiro capítulo realizo a discussão teórico-metodológica trazendo os conceitos de Arqueologia da Paisagem, Arqueologia Pública, Memória e a metodologia utilizada; no segundo capítulo abordo a contextualização geoambiental e histórica da área estudada; no terceiro capítulo apresento a discussão de dados, compartilhando as memórias e narrativas dos moradores do Sítio do Mocó sobre os caldeirões que fizeram, e ainda fazem, parte de suas vidas.

2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

No presente capítulo foram abordados pensamentos e conceitos de vários autores sobre Arqueologia da Paisagem, Arqueologia Pública, memória e também detalhados os parâmetros e escolhas metodológicas feitos nessa pesquisa. Optamos por fazer o uso dessas vertentes teóricas e conceituais justamente por acreditarmos que uma se liga a outra, do mesmo modo, decidimos realizar entrevistas semiestruturadas, que nos permitiram uma aproximação maior com nossos interlocutores, dando assim uma ênfase nos seus lugares de fala e liberdade para que relatassem suas vivências em relação a esses lugares de memória que são os caldeirões naturais na qual a comunidade Sítio do Mocó utilizou por muito tempo.

2.1. Arqueologia da Paisagem

De acordo com os pensamentos de Martins et al (2004, p. 12), a paisagem na ciência é vista através de várias percepções, sendo que seu significado vai se diversificando de acordo com a necessidade de cada ciência a partir de cada estudo específico. De acordo com Jackson (1995, p. 166, apud ANSCHUETZ, WILSHUSEN e SCHIECK, 2001, p. 9) “uma paisagem é um espaço ou coleção de espaços construídos por um grupo de pessoas que modificam o ambiente para sobreviver”, criando assim uma nova possibilidade de dimensão de espaço para socializar em comunidade.

Segundo Martins et al (2004), o termo paisagem pode apresentar significados diversos em distintos idiomas, por exemplo:

Em francês- é formado por pays [do baixo lat.page (n) se] + -age[do lat.-agine, do acusativo de – ago, ou do provençal-atge. (...) apresentando assim dois significados, (...) os territórios podem ser coleções ou classes de terra, no segundo significa uma transformação dos territórios por meio da ação de processos dinâmicos; (...) em inglês a palavra é designada como *landscape*; em alemão como *lantshaft* ou *landshaft*, entretanto essas duas últimas terminologias apresentam similaridade ao termo em português” (MARTINS et al. 2004, p. 10)

Na obra “Ecologia de Paisagem: conceitos e aplicações potenciais no Brasil”, Martins et al (2004), citam ainda a visão de Brabyn (1996) que afirma que: “No sentido original, paisagem foi definida com mais precisão como a impressão global obtida da observação da Terra, a partir de uma distância razoável” (BRABYN, 1996 apud MARTINS et al, 2004 p.11-12).

Boado afirma (1999, p. 5) que “a paisagem é, portanto, um produto sociocultural criado pela objetividade, no meio ambiente e no espaço, da ação social de caráter material com o imaginário”. Portanto, esse dinamismo é composto por situações sociais que são causadas intencionalmente pelas pessoas, reproduzindo assim suas percepções em forma de ações no seu ambiente de convívio. A paisagem vai se moldando conforme a necessidade e pensamento de um grupo em sociedade, colocando assim sua cognição em prática e utilizando a mesma para transformar o seu ambiente devido a demanda social.

A paisagem cultural é criada, por um grupo cultural, a partir de uma paisagem natural. A cultura é o agente, a área natural o meio ambiente e a paisagem cultural o resultado. Sob a influência de uma dada cultura, que por sua vez muda ao longo do tempo, a paisagem passa por um desenvolvimento, passa por fases e provavelmente chega ao fim do ciclo de desenvolvimento. Com a introdução de uma cultura diferente - ou seja, alienígena - há um rejuvenescimento da paisagem, ou uma nova que se sobrepõe aos restos da antiga. (ANSCHUETZ, WILSHUSEN e SCHIECK, 2001, p. 7)

Ao longo dessa pesquisa buscaremos utilizar as informações fornecidas pela arqueologia da paisagem, possibilitando assim tentar compreender como se dá a socialização nas áreas em pesquisa que estão correlacionadas com os caldeirões da comunidade Sítio do Mocó em Coronel José Dias-PI, entendendo assim a relação do ser humano e seus locais de convívio.

Ao falar de arqueologia da paisagem primeiramente teremos que entender como foi e é a relação da comunidade com os espaços que o mesmo habita e como é/foi feita a sua organização e modificação. Tendo em vista as descobertas da arqueologia sobre a relação homem/natureza, é harmônico dizer que o ser humano é capaz de modificar e transformar a natureza em cultura isso para suprir suas necessidades diárias e sociais. Desde muito tempo os hominídeos vêm testemunhando as mudanças climáticas e ecológicas que constantemente o planeta vem sofrendo, conseqüentemente as suas ações diárias foram afetadas fazendo com que haja uma construção da humanidade através da

paisagem. Assim, a arqueologia passou a ter o interesse de investigar as interferências que a natureza tem na vida do ser humano e vice-versa. Percebendo essa necessidade surgiu a Arqueologia da Paisagem que busca entender essa relação entre seres humanos e natureza.

Segundo Anschuetz, Wilshusen e Schieck (2001) uma análise coerente dessas relações só seria viável com a adoção do paradigma da paisagem que se baseia em quatro premissas principais, quais sejam:

1- A paisagem não é derivada do meio ambiente e sim um produto construído como cultura, através da ligação do ser humano com seu ambiente; 2- A paisagem é um produto na qual é visto como cultura, que o indivíduo constrói, expressando assim seus pensamentos e desejos; 3- A paisagem é o foco primário de uma comunidade que busca encontrar modo de sobrevivência, organizando assim seus recursos espacial e econômico; 4- A paisagem é a construção na qual cada comunidade realça seu cognitivo, deixando assim sua cultura e costumes através da paisagem. (ANSCHUETZ, WILSHUSEN e SCHIECK, 2001, p. 4).

Portanto, de acordo com alguns arqueólogos citado neste trabalho a paisagem deve ser compreendida, ou analisada, levando-se em consideração não apenas a área dos sítios arqueológicos, mas também o seu entorno, pois assim conseguimos informações sobre o porquê da escolha dos indivíduos de se estabelecer naquela área. Vale ressaltar que a área escolhida por esses indivíduos é influenciada pela necessidade diária da sua sobrevivência escolhendo assim pontos estratégicos para realizar tarefas específicas, todavia, também é preciso lembrar que fatores sociais e simbólicos também podem influenciar nos modos de ocupação e interação com a paisagem. A paisagem é então percebida como um produto cultural e histórico de um dado grupo sobre a qual existe uma rede de interações e todo um universo de elementos que são transmitidos de geração a geração (MORALES, 2007, p. 76). Assim sendo,

O estudo da paisagem em Arqueologia envolve questões complexas sobre as maneiras com que grupos pré-históricos moldaram seus espaços, situações que abarcam uma variedade de processos tanto relacionados à organização desse espaço, quanto a sua modificação em função de uma diversidade de propósitos que incluem: subsistência, questões de ordem econômica, social, política, cognitiva, ideológica, de poder, simbólica ou religiosa (HODDER, 1986 apud FAGUNDES e PIUZANA 2010, p. 206)

Tendo em vista isso, a paisagem se qualifica como fenômeno social através do qual podemos perceber mudanças causadas por motivos simbólicos ou socioculturais, obtenção de recursos, mobilidade entre outros diversos motivos que venham a ser vistos como uma saída para a sobrevivência. Portanto, o ser humano acaba modificando o ambiente e a natureza conforme o surgimento das suas necessidades diárias. Vale ressaltar que os registros arqueológicos deixados por essas sociedades em meio a natureza podem vir a sofrer inúmeras modificações ao longo do tempo, tais como erosão, bioperturbações, sedimentação, causando assim uma modificação ao longo do tempo (MORALES, 2007).

Assim, para compor uma interpretação adequada sobre qualquer paisagem de interesse arqueológico é de suma importância identificar quais elementos, características estão na sua configuração enquanto paisagem atentando assim a cada detalhe, e “compreender a distribuição diferencial dos sítios no ambiente e também a disposição das evidências arqueológicas no espaço de assentamento, como forma de avaliar suas características de função e organização” (MORALES, 2007, p. 77).

Deste modo, ao estudar os caldeirões é preciso reconhecer que esses espaços vão para além daquele ambiente no qual estão inseridos, se vinculando com as vidas de pessoas que viviam e ainda vivem nas suas proximidades. Deste modo, a inserção destes espaços na paisagem se relaciona à forma como diferentes grupos humanos se organizavam e modificavam o ambiente ao seu redor (MORALES, 2007, p. 77).

2.2. Arqueologia Pública

O termo arqueologia pública deriva do inglês “public archaeology”, e como vários termos adotados de línguas estrangeiras gera a necessidade de adequações aos contextos locais. Como discutido por Silva (2011), há uma leve diferença quando traduzimos o termo “public archaeology” para o português:

O vocábulo em inglês “public”, visto como um adjetivo (referente ao substantivo “arqueologia”): 1. pertencente a, ou relativo à população ou a comunidade como um todo (...).

2. feito, construído, provindo de ação, etc., para a comunidade como um todo: acusação pública. 3. aberto a todas as pessoas: uma reunião pública.

4. dá, pertinente a, ou estando a serviço da comunidade ou nação, especialmente um oficial do governo: um oficial público (...)

Enquanto que o vocábulo em português, “público”: 1. relativo ou pertencente a um povo, a uma coletividade 2. Relativo ou pertencente ao governo de um país, estado, cidade (...) 3. Que pertence a todos; comum. 4. Que é aberto a quaisquer pessoas”. (SILVA, 2011, p. 42-43)

De certo modo, o desenvolvimento da Arqueologia Pública é algo razoavelmente recente tendo o termo sido mencionado pela primeira vez em 1972 nos Estados Unidos, no âmbito das discussões sobre patrimônio cultural (SOUSA & SILVA, 2017, p. 68). Inicialmente os esforços da Arqueologia Pública nos Estados Unidos estavam voltados para que os sítios arqueológicos encontrados em terras federais fossem resguardados enquanto tesouro nacional, divulgando assim sua relevância histórica e cultural para a população (ALMEIDA, 2003, p. 276).

Foi um momento em que a arqueologia se deparou com a dificuldade de sozinha, zelar pela integridade dos recursos agora disponíveis. Igualmente, foi o momento em que muitos governos começaram a colocar em pauta a dúvida sobre financiar trabalhos que não trariam benefícios econômicos diretos (COLLEY, 2002, apud SOUSA. 2011, p. 85).

A Arqueologia Pública no território brasileiro teve sua consolidação concreta a partir da década de 1980, com a proposta de apresentar para a sociedade quais as práticas e métodos que a arqueologia utilizava, bem como valorizar e promover a preservação do patrimônio arqueológico nacional. (SOUSA & SILVA, 2017, p. 86)

Segundo Sousa & Silva (2017, p. 69) “a expressão ‘Arqueologia Pública’ refere-se à atuação com pessoas, proporcionando diálogos e discussões a respeito das simbologias e das representações constituídas através da cultura material”. Isso implica dizer que a Arqueologia Pública é baseada na premissa que consiste em envolver a sociedade com a arqueologia, com intuito de

aproximar os dois atores para a promoção de um bem comum que é a preservação do patrimônio. “A Arqueologia Pública é um conjunto de ações e reflexões que objetiva saber a quem interessa o conhecimento produzido pela Arqueologia; de que forma nossas pesquisas afetam a sociedade” (ALMEIDA, 2003, p. 276).

Funari, Oliveira e Tamanini (2008, p. 132) relatam que para Ascherson (2000) “A Arqueologia Pública é compreendida como todos os aspectos públicos da Arqueologia, incluindo tópicos como políticas arqueológicas, educação, política, religião, etnicidade e Arqueologia, envolvimento público em Arqueologia”. Nascimento (2004) segue afirmando que a Arqueologia Pública é um meio de aproximação entre sociedade e ciência bastante eficaz, na qual a mesma transmite o saber do valor da preservação patrimonial, e com isso ocorre uma valorização do patrimônio por parte da comunidade.

Silva (2011) define Arqueologia Pública como uma “extensão” de projetos de Arqueologia que proporcionam conhecimento ao público leigo sobre as pesquisas arqueológicas realizadas, essa extensão vai para além de meras publicações, estendendo-se para exposições museológicas e até mesmo trabalho voluntário. Além disso, Silva (2011, p. 45) relata que vários arqueólogos estão agora considerando a Arqueologia pública, particularmente dirigindo-se ao público leigo, como uma parte essencial de sua responsabilidade social.

Silva (2011, p. 84) cita ainda o pensamento de Mcmanammon (2002) para quem a Arqueologia Pública é uma das melhores maneiras para fazer com que o público alvo—entenda que sua cultura é importante para a arqueologia. Montenegro (2012, p. 488 apud SANTOS, 2017, p. 279), define Arqueologia Pública como “um campo fértil de investigação que incorpora abordagens teórico-práticas em áreas onde arqueólogos e seus públicos interagem, a exemplo da gestão do patrimônio, da educação em museus, da Arqueologia e da educação”

Assim, ações em Arqueologia pública visam promover um diálogo com a população sobre o patrimônio arqueológico, buscando a colaboração da comunidade para a preservação deste patrimônio.

[...] as atividades relacionadas à ação de arqueologia pública no espaço escolar são resultados de projetos de implantação de grandes construções, e, dado o impacto ambiental, é, nessas regiões,

que ocorrem eventos educativos ligados à conscientização quanto ao patrimônio arqueológico (LIMA; FRANCISCO, 2006, p. 53 apud SOUSA; SILVA. 2017, p. 73).

Portanto, a Arqueologia Pública agrega nas pesquisas arqueológicas o reconhecimento da necessidade e importância do diálogo entre cientistas e sociedade no âmbito das representações da cultura material e do patrimônio cultural. Nesse sentido, os arqueólogos (as) devem buscar planejar e desenvolver ações para sensibilizar e compartilhar as belezas e importância do patrimônio arqueológico com a sociedade tornando-a coparticipe no processo de preservação destes bens. Assim, a Arqueologia Pública é uma via de “mão dupla” que só funciona se ocorrer reciprocidade de interesses entre cientistas, professores e comunidade, pois é de extrema importância a participação e colaboração das pessoas e comunidades que vivem nas áreas onde esses patrimônios estão alocados (SOUSA & SILVA. 2017).

A participação ativa da população deve ser integrada nas políticas de conservação do patrimônio arqueológico. Esta participação é essencial sempre que o patrimônio de uma população autóctone esteja em causa. A participação deve basear-se no acesso aos conhecimentos, condição necessária a qualquer decisão. A informação do público é, portanto, um elemento importante da “conservação integrada” (CARTA INTERNACIONAL PARA A GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO, 1990 apud SANTOS. 2017, p. 274).

Como afirma Santos (2017, p. 73), a Arqueologia Pública é bem mais do que uma área capaz de divulgar os resultados das pesquisas arqueológicas às pessoas envolvidas (comunidades), ela vai para além disso, buscando colher dados de como as comunidades se relacionam para com a arqueologia e seus cientistas. Por tanto, com essas informações podemos identificar inúmeras formas de aproximação que cada indivíduo inserido na comunidade tem com o patrimônio arqueológico.

Deste modo, acreditamos que ao adotarmos os preceitos da Arqueologia Pública é possível aproximar e envolver a comunidade do Sítio do Mocó com a identificação e compreensão do “patrimônio cultural” inserido no em torno do Parque Nacional Serra da Capivara, ampliando assim o escopo de “bens” que tradicionalmente são reconhecidos como integrantes desta categoria. Portanto, acreditamos que analisar como se dá a relação dos integrantes da comunidade com os caldeirões nos trará indícios para compreender tanto quais são os

sentimentos e memórias estabelecidas com esses locais, quanto problematizar os “discursos autorizados” sobre o patrimônio.

2.3. Memória

Ao longo deste trabalho faremos o uso das fontes orais coletadas junto aos moradores da comunidade Sítio do Mocó, apresentando assim suas memórias e depoimentos buscando destacar e compreender como os caldeirões fizeram parte das suas vivências e seus costumes, suprimindo assim algumas das suas necessidades diárias e também servindo como locais de socialização e memória ao longo de suas vidas.

A memória humana é uma arma poderosa para se falar de um passado não tão recuado, facilitando assim várias pesquisas com intuito de estudar os costumes, história, cultura material e crenças de uma determinada comunidade (NORA, 1993, p. 9). Portanto, seguindo essa linha de pensamento, a memória está ligada diretamente com a vida e depende de uma ou mais pessoas para permanecer viva. Podemos compreender a memória como algo capaz de nos fornecer informações sobre fatos e acontecimentos vividos diretamente pelos indivíduos ou ainda por alguém do seu ciclo familiar ou até mesmo social (NORA, 1993, p. 9).

Diante disso, no presente trabalho iremos fazer o uso das memórias e dos relatos orais das pessoas que vivenciaram e interagiram nos ambientes em questão. As memórias das pessoas quando no coletivo, são capazes de transformar lugares como “templos” de memórias, visto que os lugares nos quais aconteceram as interações sociais abrigam marcas e lembranças, dando assim sentido e valor sentimental aos mesmos (NORA, 1993).

Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar algum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mas ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória (NORA. 1993, p. 18).

De acordo com Leal (2011, p. 01) “A Memória pode-se traduzir como as reminiscências do passado, que afloram no pensamento de cada um, no

momento presente; ou ainda, como a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos vividos no passado”.

Nora (1993, p. 15) relata que “memória é de fato, a constituição gigantesca do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar.” Assim, Nora (1993, p. 9) define memória como sendo sinônimo de vida, na qual são carregadas por grupos ainda existentes que são capazes de carregar suas lembranças para sempre ou deixarem cair no esquecimento, entretanto a memória é capaz de se apropriar tanto do imaterial quanto do material, através do espaço, objetos, ou até mesmo em imagens e seus gestos. Além disso:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passada (LE GOFF, 1990, p. 423).

Tendo em vista que a memória é fundamental para a contextualização desse trabalho irei abordar a memória tanto com a perspectiva de memória individual quanto memória coletiva, vendo que ambas se conectam com as memórias criadas em relação aos caldeirões e a história do Sítio do Mocó. Tomando essas memórias como narrativas de valor afetivo sobre a história e o patrimônio sociocultural da comunidade, destacando a relevância dos caldeirões do Sítio do Mocó neste cenário. Todavia, reconhecemos que as narrativas orais são baseadas em memórias fragmentadas e reproduzidas através de como o indivíduo experiência sua individualidade no coletivo.

A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem verdade, como as vozes – exatamente iguais (PORTELLI, 1997, p. 16 apud DAVID, 2013, p. 158).

Buscaremos aprofundar nossa fala sobre memória coletiva baseando-nos no conceito do sociólogo Halbwachs (1990), pioneiro sobre esse assunto, que defendia que somos portadores e criadores de memórias coletivas enquanto personagens de um grupo social. Assim sendo, “nós nunca nos lembramos

sozinhos, como também o fato de que a memória se esvai quando nos afastamos do grupo que estava a ela ligado” (CASADEI, 2010, p. 155).

Leal (2011, p. 3) enfatiza que a memória individual não deixa de existir, com a presença de outros participantes, porém a mesma se converte no momento que as memórias são compartilhadas por um grupo, passando assim a ser de cunho coletivo. Halbwachs (1990, p. 34-38), sobre a memória individual, relata que quando estamos na primeira fase da infância, nós não participamos das memórias coletivas, isso acontece porque não estamos completamente integrados como sujeitos ativos em um ciclo social² portanto, se nós não temos momentos nos quais fazemos trocas um com o outro, essas memórias acabam perdidas e não são feitos *backups* das mesmas.

A memória coletiva é composta por várias memórias de pessoas diferentes que fazem parte de um mesmo grupo, tanto comunitário, escolar, de trabalho ou até mesmo familiar. Não importa se essas pessoas são de faixas etárias diferentes, o importante é que as mesmas tenham compartilhado do mesmo fato social, é de suma importância que os testemunhos tenham fundamentos para se tornar algo simbólico (HALBWACHS, 1990, p. 28). No entanto, sempre haverá particularidades nas lembranças de cada indivíduo que os tornam memórias individuais.

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante ponto de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum (HALBWACHS, 1990, p. 34).

A memória coletiva só se faz presente na vida de cada ator social, porque os mesmos se identificam, mesmo que uma pessoa não tenha participado diretamente de um determinado acontecimento, por fazer parte de grupo ela acaba se apropriando dessas memórias. dotando-as como pertencentes do ato acontecido, portanto se cada indivíduo reconhece essas lembranças como algo

² Tendo em vista esta colocação, optamos por não realizar entrevistas com crianças menores de 12 anos de idade.

que fez parte da sua história, e se qualificam como membro de determinado grupo essas lembranças ganham um significado coletivo. Devido a essa premissa da memória coletiva, de acordo com Leal (2011, p. 6) “quanto mais inseridos se fazem em um grupo, mais condições terão os indivíduos de recuperarem as suas memórias como também de contribuírem para a recuperação e perpetuação da memória do grupo, sempre numa relação de complementaridade”.

Halbwachs (1990, p. 25-26) argumenta que mesmo quando “eu” não presenciei um certo acontecimento, porém um “outro” indivíduo pertencente ao mesmo vínculo social que o meu se fez presente diante do fato ocorrido, “eu” posso ter acesso aqueles fatos e acontecimentos. Assim, “eu” enquanto membro dessa comunidade sou detentor das suas memórias, pois essa é uma das formas de participar enquanto membro desse grupo social. Portanto, a memória coletiva nos permite sermos guardiões de memórias mesmo que não tenhamos participado diretamente do acontecimento. Schmidt e Mahfoud (1993, p. 291) afirmam que a “memória coletiva, propriamente dita, é o trabalho que um determinado grupo social realiza, articulando e localizando as lembranças em quadros sociais comuns”.

Ainda envolto nas discussões sobre memória, outra referência importante para a nossa pesquisa são as ideias de Pierre Nora sobre os “locais de memória”. Segundo Abreu (2003), as discussões de Nora nos levam a perceber como os locais são capazes de transcender e agregar valores culturais, contando assim a história de indivíduos, comunidades e estados. Vários autores trazem em suas obras referências de Nora quando o assunto está ligado direto ou indiretamente com lugares de memória.

Para Nora (1993, p. 9), os lugares de memória são locais indicativos da representatividade da memória enraizada no concreto, na qual o indivíduo se reconhece como membro de uma sociedade a partir da união da sua memória com a do outro, fazendo com que tenha sentimentos de pertencimento para com esses locais de memória. Nora (1993, p. 21-22) afirma ainda, que só podemos nomear lugares de memória aqueles ambientes que trazem qualquer um dos três requisitos: 1º material, que podem englobar ambientes que trazem informações em formatos de arquivos; 2º funcional, que são objetos que tragam informações sobre rituais de um povo; 3º simbólico, ambientes que tragam paz

e reflexão mesmo que haja silêncio absoluto, concentrando assim unicamente em suas lembranças. A constituição destes lugares é inspirada pelo fato que para construir uma história é necessário que se faça a história da memória através do concreto em si, para que mesmo que de fato a memória venha “falecer” ela permaneça viva através da encarnação nos locais de memória.

Os lugares de memória são então os ‘precipitados químicos’ de um passado coletivo, e essa qualidade decorre não da definição de um conceito classificatório banal, mas, contrariamente, daquilo que constitui o cerne da sua própria natureza, já que é próprio da sua existência e da sua evidência, cruzar e esclarecer as ambiguidades e as complexidades que se estabelecem entre a construção da memória e a existência da colectividade que lhe subjaz (...) Entendidos assim, os lugares de memória são documentos e traços vivos, que se constituem no cruzamento histórico-cultural e simbólico-intencional que lhes dá origem, coisa que os leva a resistir à aceleração da história, à marcha da colectividade em direcção ao futuro, ao fim das sociedades camponesas, e ao fim das ideologias de salvação ou de condenação, dotando-se, ao mesmo tempo, de uma surpreendente capacidade de adaptação e de actualização relativamente ao momento que passa, porque neles pulsa e se exprime, justamente, o balanço entre a História e a Memória (ABREU, 2005, p. 216-217).

Diante das informações apresentadas anteriormente, podemos classificar lugares de memórias como sendo capazes de cristalizar e concretizar as memórias coletivas que ficaram no passado, no entanto, com essa ação social as memórias coletivas são capazes de permanecer vivas na sociedade. Portanto, os caldeirões além de serem uma paisagem natural, também são locais socialmente construídos para e pela comunidade Sítio do Mocó, carregam em suas rochas e águas as memórias de várias pessoas e gerações que os utilizavam como locais de convívio, lazer e trabalho. Sendo as recordações sobre esses locais e as vivências ali transcorridas, um indicativo que, para muitas pessoas do Sítio do Mocó, esses espaços fazem parte de sua história enquanto membro de um grupo, como discutiremos posteriormente.

2.4. Metodologia

O levantamento de dados sobre os caldeirões rochosos da comunidade Sítio do Mocó em Coronel José Dias-PI foi realizado através da conjugação de diferentes metodologias, envolvendo deste o levantamento de fontes orais

através da realização de entrevista semiestruturadas, até a busca ativa por documentação imagética (fotografias) sobre esses locais.

Deste modo, centramos nossos esforços na coleta de dados junto a algumas pessoas do Sítio do Mocó. E, para tanto, as reflexões teórico-metodológicas atinentes à nova história e a história oral, foram de grande valia para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Silveira (2007, p. 36), ressalta que a Nova História Cultural surgiu para buscar compreender o olhar do indivíduo para o que está ao seu entorno. Baseado nessa premissa, os historiadores ampliaram seus olhares, dando assim, oportunidades para a sociedade de conhecer as diversas “verdades” contadas pelos indivíduos e como as mesmas foram construídas. Na medida que os historiadores foram fazendo uso do método da História Oral a mesma foi ganhando força no meio científico, oportunizando ao pesquisador estabelecer contato com o indivíduo através da entrevista, atentando-se sempre as perguntadas e respostas.

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. (ALBERTI, 2005, p. 155, apud SILVEIRA, 2007, p. 38)

O uso da História Oral veio para dar voz aquelas pessoas que foram “deixadas de lado”, ou invisibilizadas pela História tradicional. Por isso, nem sempre a mesma foi reconhecida como uma forma “científica” de se fazer história, percorrendo um longo percurso para se tornar uma metodologia aceitável no ramo da historiografia.

De acordo com SELAU (2004, p. 98) a História Oral tomou força como um método com intuito de armazenar informações para futuros historiadores e os demais interessados sobre sua história, marcando assim a sua primeira geração. Na Itália sua força se deu no final da década de 60 tendo vínculo com a sociologia e antropologia, neste momento a concepção de História Oral se dava como uma Nova História que tinha o objetivo de dar oportunidade para aquelas pessoas carentes e esquecidas pela sociedade de contar sua própria história, buscando assim reconstruir a “cultura popular”. Já o final da década de 70 ficou marcado

como o momento que a História Oral ganhou uma força significativa, pois pesquisadores se aliaram para defender as suas convicções de que ela oferecia metodologias válidas para o estudo das classes populares e principalmente aquelas deixadas para trás sem direito as suas narrativas sobre a sua participação/protagonismo nos eventos históricos. Assim, nas décadas seguintes, vários debates e pesquisas relacionadas a essa metodologia e linha de pesquisa foram desenvolvidos, tornando as fontes orais e as entrevistas importantes ferramentas no estudo da História.

De acordo com Lang (2001, apud DAVID □□ 2013, p. 158) a História Oral é uma metodologia de pesquisa capaz de colher informações que não se encontram em documentos oficiais, mas que estão disponíveis nas memórias dos próprios indivíduos que vivenciaram os fatos de sua sociedade, e que, portanto, podem, e devem ser documentados por meio de entrevistas. Priscila David (2013, p. 162) afirma que para adotar essa metodologia de pesquisa o entrevistador deverá elaborar uma estratégia adequada de como irá conduzir seu diálogo com o entrevistado, exigindo muita sensibilidade da parte do entrevistador, que deverá respeitar o ponto de vista, as necessidades, escolhas, dores e alegrias dos entrevistados, sem, contudo, perder o foco nos interesses da pesquisa. Na concepção de David (2013, p. 160)

A História oral nos auxilia a compreender a possibilidade de múltiplas narrativas e que estas indicam que não há uma verdade única e que, em decorrência da sociedade ser composta por vários grupos sociais participantes concomitantemente de um mesmo período ou evento histórico, cada qual terá uma visão de mundo, uma experiência de vida que compõe o todo (DAVID, 2013, p.160).

Devido a História Oral ser uma metodologia bastante promissora capaz de possibilitar a coleta de informações direto com os indivíduos que presenciaram os fatos durante sua concretização, a mesma nos possibilita perceber que não há uma verdade única e absoluta, isso implica dizer que um ocorrido pode ter vários pontos de vista diferentes, variando de pessoa para pessoa ou até mesmo de grupo para grupo (DAVID 2013, p. 160). Podemos entender assim a História Oral tendo como base principal para sua construção a memória do indivíduo inserido em uma sociedade, que busca reconstruir seu passado através de recordações fragmentadas do seu subconsciente relacionadas a suas vivências

do passado não tão distante (MATOS; SENNA 2011, p. 96). Sendo assim, as memórias são estimuladas pelas perguntas realizadas pelo pesquisador, visando analisar e compreender as respostas obtidas para interesses de sua pesquisa, portanto a entrevista torna-se o instrumento principal para a coleta de dados. Assim, é de suma importância que a entrevista ocorra em um ambiente confortável e agradável para o entrevistado, onde o mesmo se sinta à vontade para relatar suas vivências (DAVID, 2013, p. 164).

A entrevista é definida por Haguette (1997, p. 86 apud BONI e QUARESMA, 2005, p. 72) como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”.

Em nossa pesquisa, optamos por realizar entrevistas semiestruturadas que:

combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal (BONI e QUARESMA, 2005, p. 75).

A entrevista semiestruturada é um método de pesquisa baseado em entrevistar pessoas que fazem parte ou testemunharam acontecimentos do seu passado, essas entrevistas utilizam basicamente as memórias dos envolvidos sobre os caldeirões naturais que são, neste estudo, os moradores da comunidade do Sítio do Mocó. A metodologia em questão foi escolhida por nos permitir ter uma interação mais aprofundada com os entrevistados, nos possibilitando ter acesso a respostas mais espontâneas por parte dos entrevistados, pois, esta modalidade de entrevista se aproxima de uma conversa informal trazendo assim uma comodidade para ambas as partes. Assim, durante todas as conversas com nossos colaboradores buscamos abordar questões como:

1. Você conhece os caldeirões?
2. Quais são os caldeirões que você conhece ou ouviu falar?
3. Quais caldeirões eram utilizados? A comunidade ainda faz o uso desses caldeirões?

4. Quando a comunidade começou a fazer o uso dos caldeirões?
5. Os caldeirões recebiam nomes para serem referenciados? Como era feito a escolha dos nomes?
6. Havia manutenção nos caldeirões? Como eram feitas?
7. Quais atividades eram realizadas nos caldeirões?
8. As atividades eram as mesmas para os homens e as mulheres?
9. Existe um que se destaca mais? Qual? Porque?
10. Você acha que são importantes para a comunidade?
11. Qual o significado que eles têm para a comunidade?
12. As pessoas ainda frequentam esses locais?

Optamos por selecionar os entrevistados dividindo-os em grupos de faixa etária e gêneros diferentes, com intuito de verificar se há uma variação no dinamismo do papel de cada grupo com os caldeirões, e se há uma divisão dos atuantes em relação a sua idade e seu gênero. Diante disso foram escolhidas 18 pessoas, tanto do gênero masculino quanto do gênero feminino para serem realizadas as entrevistas⁴, variando a faixa etária entre: 12 e 95 anos. Optamos, por ao longo do texto, identificar os colaboradores da seguinte maneira:

Onofre Bernado de Miranda, 95 anos

Maria Socorra da Silva, 80 anos

Elenita Salomé da Silva, 77 anos

Elias de Sousa Claro, 71 anos

Anatividade dos Santos Miranda, 62 anos

Pedro Pereira da Silva, 54 anos

Doraluce dos Anjos Sousa Silva, 51 anos

Iolene Lima Miranda Sousa, 49 anos

Nestor Paes Landim Neto, 39 anos

Nilva Aparecida de Lima, 34 anos

Cleiciane Miranda Silva, 31 anos

Willian Lima de Miranda Silva, 29 anos

⁴ A transcrição das entrevistas será apresentada nos anexos.

Daniela de Sousa Silva, 29 anos
José Paes Landim Júnior, 28 anos
Marisa Lima Miranda Sousa, 26 anos
Sara Raquel Paes da Gama, 16 anos
Gabriela de Lima Paes Landim, 14 anos
Evelly Vitória dos Anjos Sousa Miranda, 12 anos

Mais uma vez cabe reiterar nossos agradecimentos a essas pessoas concordaram em colaborar com nossa pesquisa e compartilhar suas memórias e narrativas sobre os caldeirões naturais. Vale ressaltar que durante todas as entrevistas, seguimos todas as orientações de protocolo contra a Covid-19 recomendadas pela secretária de saúde

3. CONTEXTUALIZAÇÃO GEOAMBIENTAL E HISTÓRICA

Neste segundo capítulo apresentaremos a contextualização geoambiental, trazendo o cenário ambiental no qual os caldeirões estão inseridos, bem como definindo o que seria um caldeirão natural em rocha. Para além disso, abordamos o contexto histórico da área estudada e suas proximidades, trazendo informações sobre como se deu o povoamento da comunidade Sítio do Mocó e como os caldeirões naturais influenciaram no povoamento e no modo de vida das pessoas que ali moraram (e moram) durante muito tempo.

3.1. Contexto Geoambiental

O presente trabalho teve sua pesquisa realizada com a comunidade do Sítio do Mocó que pertence ao município de Coronel José Dias-PI (Figura 01), onde está inserida uma parte do Parque Nacional (PARNA) Serra da Capivara. O PARNA Serra da Capivara situa-se no Sudeste do Estado do Piauí, no semiárido nordestino em uma área de grande beleza e diversidade da fauna e flora do bioma caatinga, contando ainda com a combinação do cerrado e de mata húmida (FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, 2017, p. 13).

A área do PARNA é composta por pedimentos que correspondem a uma grande área erosiva; planaltos de arenito ou chapadas do reverso da cuesta que fazem parte de ambientes que são cortados por vales com aparecimento de cornijas com arenitos; e a cuesta, área com maior quantidade de abrigos com pinturas, cuja formação rochosa é predominantemente arenítica, mas apresentando também formações conglomeráticas. (NERES; COSTA; CAVALCANTI, 2011, p. 6-7).

A região emergiu do fundo do mar há aproximadamente 225 milhões de anos, formando um relevo acidentado, composto por rochas sedimentares, areníticos, silíticos e conglomerados que, durante milênios, foram modelados pela força das águas e dos ventos, onde é possível perceber um mosaico de paredões rochosos de cor e textura diversificada (BORGES. 2007, p. 59).



FIGURA 01: MAPA REPRESENTATIVO DA CIDADE DE CORONEL JOSÉ DIAS. **FONTE:** [HTTPS://PT.WIKIPEDIA.ORG/WIKI/CORONEL_JOS%C3%A9](https://pt.wikipedia.org/wiki/Coronel_Jos%C3%A9_Dias)

Não poderíamos falar do PARNA sem falar das suas formações geomorfológicas compostas por vales, planícies e suas serras. Além disso, ao longo do tempo, diferentes agentes erosivos formaram depressões de tamanhos variados nos leitos rochosos, sendo esses locais conhecidos popularmente como caldeirões, reservatórios naturais de águas provenientes da chuva (SANTOS. 2007, p. 16). Sendo, pois, uma importante fonte de água, que integra a rede hídrica da área, com complexas características, como discutido por Santos (2007):

A fisionomia da rede hidrográfica é muito diferente conforme o substrato rochoso. Não só em razão da morfologia das vertentes (*canyons*, paredes verticais nos arenitos, opondo-se a vertentes arredondadas nos vales dos micaxistos e gnaisses). Na área da bacia sedimentar, no alto da chapada, a rede é larga, com grandes vales paralelos, condicionados pela estrutura geológica, no *front* da *cuesta*, onde foram escavados *canyons* (localmente chamados de Boqueirões) que são vales estreitos e profundos, com padrão dentrítico. Ambos os padrões são condicionados pela estrutura sedimentar e pelas falhas e fraturas existentes na área. Na área da Faixa de Dobramentos Riacho do Pontal, onde afloram os micaxistos a rede se apresenta dentrítica, cerrada e encaixada; onde afloram os gnaisses a rede, permanece

dendrítica, mas os vales se tornam mais largos, apenas incisos na paisagem” (SANTOS, 2007, p. 16).

Além disso, Felice (2006) ressalta que,

Hidrograficamente as regiões sul, sudeste e sudoeste do Estado do Piauí estão inseridas entre três importantes bacias hidrográficas que são a Bacia do São Francisco, do Parnaíba e do Tocantins-Araguaia e localmente a região do Parque está inserida na Bacia do Parnaíba, sub-bacia do Canindé, mais precisamente na microbacia do Rio Piauí (FELICE, 2006, p. 3).

Ao analisar os recursos hídricos da região do Parque Nacional Serra da Capivara, mostrando sua importância em relação aos sítios arqueológicos da região e discutindo as questões paleoambientais da área, a Felice afirma que “Os dados até o momento obtidos em outras áreas da pesquisa, como por exemplo, os estudos paleontológicos e paleobotânicos, indicam que o homem pré-histórico no sudeste do Piauí vivia em um ambiente com maior disponibilidade de água, com uma vegetação mista de floresta tropical úmida e vegetação aberta” (FELICE, 2006, p. 3). Entretanto, atualmente não existe nenhum rio permanente na área do Parna Serra da Capivara.

Em geral os rios da bacia Canindé-Piauí apresentam regime de intermitência, decorrente da formação geológica e geomorfológica da bacia, visto que os cursos de água mais importantes nascem no embasamento cristalino, com fraca condição de retenção da água, acrescido do fato de a bacia localizar-se em região semi-árida, com precipitações baixíssimas e irregulares (SANTOS, 2007, p. 16).

O regime intermitente dos rios, conjugado com um sistema irregular das chuvas⁵, tornam os caldeirões importantes espaços de armazenamento e disponibilidade de água. Entretanto, a capacidade de armazenamento desses locais depende dos índices pluviométricos, sendo que, segundo Santos (2007, p. 15), “a época chuvosa vai de outubro a abril, mas o regime caracteriza-se por apresentar irregularidade interanual, que oscila entre 250,5mm em 1932, ano de

⁵ “Durante a estação chuvosa, toda a paisagem tem uma coloração verde, pintalgada das cores de milhares de flores que enfeitam a caatinga. Durante as chuvas a água escorre pelos paredões rochosos formando cataratas. Os fundos de vales e cânions transformam-se em rios. Algumas horas depois de terminada a precipitação, tudo se acalma e a terra sedenta bebe rapidamente toda a água” (ICMBio, 2019, p. 13).

seca catastrófica e 1.269 mm em 1974”. Diante disso, fazer o uso dos reservatórios naturais (caldeirões) é uma solução que a comunidade do Sítio do Mocó achou para resistir ao período de seca, e assim utilizar suas águas para fins domésticos e para saciar a sede dos animais.

Os caldeirões são cavidades naturais causadas pela erosão na superfície rochosa, geralmente possuem formato cilíndrico ou cônico: “Geralmente os tanques naturais ocorrem próximos aos maciços rochosos, lajedos e, ocasionalmente, nos chamados mares de pedra ou blocos (campo de matacões), aflorando em meio à típica vegetação de caatinga” (WALDHERR; JÚNIOR; RODRIGUES, 2017, p. 469-470). Sendo também “chamados caldeirões as cavernas naturais em rochas cristalinas que representam reservatórios para a água da chuva” (SOUZA, 2017, p. 161).

Segundo Souza (2017, p. 162) os caldeirões são semelhantes aos olhos d’água, que provavelmente estão próximos às nascentes, causando assim uma fertilidade natural do solo. De acordo com os relatos dos nossos colaboradores, os caldeirões estão espalhados em várias áreas do PARNA, alguns de fácil acesso e outros mais distantes da comunidade Sítio do Mocó, podendo estar em locais mais íngremes e perigosos, havendo ainda variações nos seus tamanhos e profundidades, sendo que esta diversidade também se associa ao seu valor de uso e significados para os moradores locais.

3.2. Contexto Histórico

Quando falamos do contexto histórico da nossa área de pesquisa, nos lembramos dos seus primeiros habitantes, que foram os povos indígenas que ali se instalaram deixando sua presença marcada nos paredões com registros rupestres e nos diversos sítios arqueológicos com múltiplos exemplos de sua cultura material (ASSIS, 2016, p. 27). Dentre os povos indígenas que ocupavam a região no período de expansão das frentes colonizadoras, e que sofreram as violências e perseguições impostas pela Casa de Torre comandada pela família Garcia D’Avila, a maioria da documentação traz informações sobre os

denominados Pimenteiras, mencionando ainda a presença de grupos Gueguê e Acroá⁶ que entraram em guerra com os colonizadores⁷ (ASSIS, 2016, p. 33).

Diante da colonização houve muita morte de ambas as partes, pois os colonizadores consideravam a capitania do Piauí como terra de ninguém, e viram uma oportunidade de fazer sua conquista e apropriação (ASSIS, 2016, p. 43). Assim Negreiros (2012, p. 13-15) afirma que devido a situação agrário-demográfica local os colonos entraram em conflito com os indígenas da região, tentando assim tomar suas terras e subjugar os mesmos. Procurando locais próximos aos cursos de água, para fixar suas fazendas, pois esses eram os melhores ambientes para as atividades econômicas (agricultura e pecuária) a serem implementadas, visto que a presença de um reservatório de água nas proximidades das fazendas era essencial para suprir a necessidade diária das pessoas e das suas criações.

Para exemplificar as situações de conflito engendradas pela colonização da região do PARNA, podemos citar três fazendas de gado que foram invadidas por indígenas próximos a comunidade Sítio do Mocó: Fazenda Água Verde que está no sentido da margem direita do rio Piauí próximo ao riacho das Lages; Fazenda Almas localizada nas proximidades do riacho Tanque Novo e riacho da Lagoinha e Fazenda Caiçara, também próxima ao riacho Lagoinha e riacho Cavaleiro. Todas fazem parte do município de Coronel José Dias (NEGREIROS, 2012, p. 69-81), mostrando assim não apenas a existência e mobilidade dos indígenas na área referente ao nosso estudo, como também demonstrando que a ocupação do território que atualmente integra o município de Coronel José Dias foi marcada pela resistência desses povos à expansão colonial.

⁶ Termos criados pelos colonizadores.

⁷ “Para fins práticos, os índios se subdividem, no século XIX, em “bravos” e “domésticos ou mansos”, terminologia que não deixa dúvidas quanto à ideia subjacente de animalidade e de errância. A “domesticação” dos índios supunha, como em séculos anteriores, sua sedentarização em aldeamentos, sob o “suave jugo das leis”. Essa era uma ideia geral, aplicável tanto aos grupos agricultores, portanto sedentários, quanto aos grupos caçadores coletores. Na categoria índios bravos, passam a ser incorporados os grupos que vão sendo progressivamente encontrados e guerreados nas fronteiras do Império” (CUNHA, 1998, p. 136).

Podemos perceber que a presença e participação indígena foi extremamente essencial para o processo de ocupação da área referente a nossa pesquisa, seja ela em um passado mais remoto ou até mesmo no período colonial. Esse passado sobre os índios da região ainda permanece presente tanto nas pinturas das paredes rochosas próximas aos caldeirões quanto na memória dos moradores do Sítio do Mocó, como revela o depoimento da colaboradora Maria, 80 anos que relembra que, “a mamãe dizia que a vó dela foi pegada aqui no mato de cachorro, ela era índia, a minha bisavó”.

Assim, falar do início do povoamento da comunidade do Sítio do Mocó (Figuras 02 e 03) é algo complexo, pois, não há documentação oficial sobre o seu povoamento, porém, podemos recorrer às memórias das pessoas mais velhas da comunidade que trazem consigo uma história transmitida de pais para filhos(as), através dos relatos que são passados pelas gerações anteriores.



Figura 02: Comunidade Sítio do Mocó.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2021.



Figura 03: Monumento Representando um Mocó na Comunidade Sítio do Mocó.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.

Segundo Sousa (2019, p. 41-46) não se sabe ao certo como se deu o povoamento da comunidade Sítio do Mocó, porém, dois personagens são recorrentes nas narrativas dos moradores locais sendo eles os senhores Aniceto e Antônio Mocó. Há relatos que o Sr. Aniceto foi o responsável por instalar um cruzeiro no alto da serra no local que hoje é nomeado de Toca do Cruzeiro para que fosse cumprida uma promessa relacionada ao seu filho que havia partido para a guerra. Assim o espaço se tornou um local no qual as pessoas costumavam se reunir, tanto para questões religiosas quanto para lazer entre os jovens, no entanto não há registros sobre o ano da instalação do Cruzeiro, havendo apenas uma data gravada na rocha da Toca do Cruzeiro (Figura 04) que poderia ser a data que o cruzeiro foi instalado no local (SOUSA, 2019). Também se conta que momentos depois Antônio Mocó, que é citado também como sendo um dos primeiros moradores da área e cujo nome serviu de referência para a designação da localidade, juntamente com outros membros da comunidade decidiu construir uma capela para que o povoado passasse a ter um templo onde poderiam ser realizadas as atividades religiosas.

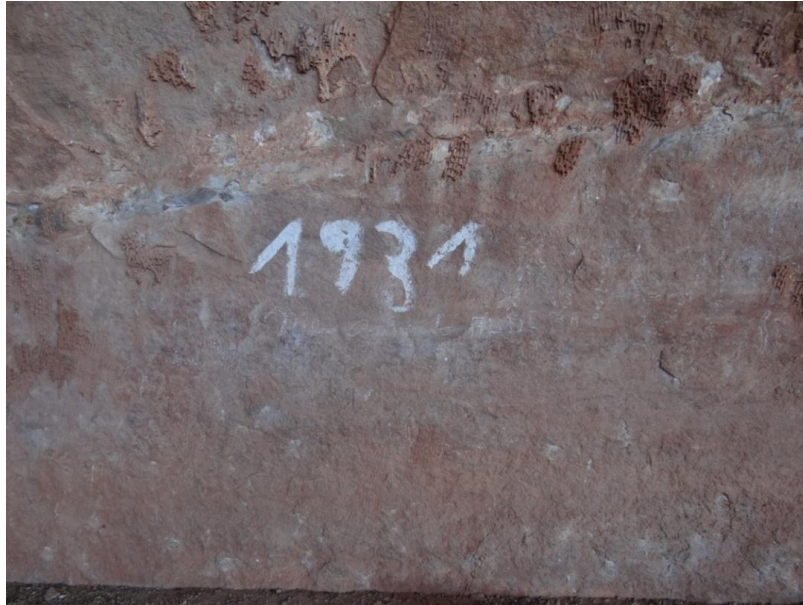


Figura 04: Número inscrito no paredão do cruzeiro.
Fonte: (Sousa, 2019, p.46).

Segundo nosso colaborador Onofre, 95 anos, a formação inicial do povoado remete a meados do século XIX e/ou início do século XX: “Quando eu vim do Zabelê, já tinha esses caldeirões todo, eu nasci no Zabelê, eu vim de lá era frangotim, eu tinha 8 ou 9 anos que eu vim pra aqui, quando eu cheguei aqui tinha 10 casas nessa terra”. Nosso colaborador, também chama a atenção para a importância dos caldeirões na instalação e definição das propriedades rurais, pois quando ele chegou na localidade “os caldeirões já tinha donos”, que eram os primeiros moradores a ocuparem aquelas terras. Neste contexto, mais uma vez o nome Antônio Mocó é destacado como um dos primeiros moradores dessa comunidade, “Esses caldeirões aí tudo tinham donos, aquele do Gado era do Antônio Mocó” (ONOFRE , 95 anos).

No decorrer das entrevistas o nome Aniceto também apareceu várias vezes, sendo mencionado como um dos primeiros moradores da comunidade, conhecido também por ter descoberto um reservatório natural nas rochas que na época fazia parte das suas terras “Foi ele que fez, viu aquelas coisas lá aterrado, aí foi tirando, tirando, tirando a terra, até que fez o caldeirão” (ANATIVIDADE, 62 anos). Este local, que hoje integra a área do PARNA, ficou conhecido como Caldeirão do Aniceto ou, como muitos chamam, Caldeirão do Avô. Esta segunda denominação se relaciona ao fato de muitos descendentes do Sr. Aniceto (netos,

bisnetos e tataranetos⁹) terem continuado a usar essa fonte de água por muitos anos, até a criação do Parna Serra da Capivara.

O PARNA foi criado em 1979, com intuito de atender as necessidades que os pesquisadores da Missão franco-brasileira viram em estudar, defender e preservar o patrimônio arqueológico e cultural ali existente. Sua área atualmente conta com cerca de 100.000 hectares (NERES; COSTA; CAVALCANTI. 2011, p. 4), se expandindo para quatro municípios próximos: São Raimundo Nonato, Brejo do Piauí, João Costa e Coronel José Dias. O PARNA Serra da Capivara abriga inúmeros sítios arqueológicos, contudo a maioria dos sítios registrados é composta por pinturas e gravuras rupestres, contendo ainda vários vestígios que indicam que a presença humana nessa área pode ter ocorrido a cerca de 50 mil anos¹¹ (SIQUEIRA, 2014, p. 56).

A criação do Parque Nacional Serra da Capivara promoveu a desapropriação das terras das famílias que habitavam o território que passou a integrar a área do parque; causando a remoção dos moradores da comunidade Zabelê e promovendo a restrição ao acesso a determinadas áreas (como os caldeirões e roças) aos integrantes da comunidade Sítio do Mocó, que atualmente não podem circular livremente nesses locais, sendo o acesso a essas áreas que agora integram o PARNA possível apenas com o acompanhamento de guia turístico, causando assim conflito de valores e um sentimento de desapropriação cultural e afetiva, como discutiremos posteriormente.

Assim, devido a proibição do acesso aos caldeirões, que passaram a fazer parte da área do PARNA, houve alguns conflitos entre os moradores da comunidade e os responsáveis pela gestão do PARNA, como discutiremos

⁹ Pessoalmente, para mim foi uma surpresa saber através dos relatos dos entrevistados mais velhos que faço parte dessa descendência do Sr. Aniceto, que segundo o entrevistado 1º Homem, 95 anos, seria meu tataravô.

¹¹ O PARNA atualmente é composto por 1158 sítios arqueológicos catalogados e protegidos para fins de preservação e conservação do patrimônio nacional e da humanidade (OLIVEIRA; BORGES. 2015. p. 110). Seus sítios não são apenas de pinturas e gravuras, contando ainda com sítios que correspondiam a acampamentos de caçadores-coletores e aldeias de grupos ceramistas-agricultores; além, das ocupações do período pós-colonial (OLIVEIRA; BORGES, 2015, p. 110).

posteriormente. Para o momento, é importante informar que visando mitigar os problemas causados pela perda dos caldeirões, a FUMDHAM viabilizou a instalação de um poço artesiano e a construção de uma lavanderia comunitária. Possibilitando que as pessoas tivessem acesso a água para suprir suas necessidades diárias, e simultaneamente contribuindo para a preservação do Parna e tentando reparar o dano, gerado pela proibição do uso da água dos caldeirões, causado a comunidade. A colaboradora Anatividade, 62 anos disse que não se recorda exatamente quando foi instalada a lavanderia comunitária, no entanto a mesma relata que “Demorou um tempo bom para a Doutora Neide fazer aquela lavanderia, mais ou menos uns 5 anos depois da criação do parque. Ela fez a lavanderia pra o povo ficar só na lavanderia mesmo e não ir para o caldeirão”. (Figuras 05 e 06)



Figura 05: Lavanderia comunitária da comunidade sítio do mocó.
Fonte: Acervo pessoal da autora. 2019.



Figura 06: Mulheres buscando água no poço depois do fechamento dos caldeirões.
Fonte: Festival interartes, 2003

Para a comunidade do Sítio do Mocó, apesar da restrição ao acesso a certas áreas, a criação do PARNA teve um impacto menor comparado a comunidade Zabelê, gerando emprego e renda para algumas pessoas da localidade, promovendo também a “chegada de energia e da escola”. Além disso, diante de todo o impacto sofrido pela comunidade Sítio do Mocó a FUMDHAM investiu em projetos socioculturais que pretendiam integrar os moradores locais com as atividades do PARNA. Desenvolvendo assim, projetos voltados à confecção de cerâmica, de roupas, capacitação para o trabalho na apicultura, entre outros, também foram realizadas atividades educacionais e de divulgação dos conhecimentos arqueológicos entre as crianças, criando assim “arqueólogos mirins”. Tais projetos viabilizaram a chegada da energia elétrica na comunidade e a construção de uma escola, além de gerarem empregos e renda para as famílias da localidade (OLIVEIRA, 2014, p. 71-73).

Na década de 1990 a FUMDHAM além de gerar emprego e renda para os integrantes da comunidade Sítio do Mocó, instalou um Núcleo de Apoio a Comunidade (NAC), mantido em convênio com a ONG Terra Nuova, acolhendo de início 40 crianças. O NAC implementou um posto de saúde, uma escola com capacidade para acolher crianças de creche e ensino fundamental maior,

visando desenvolver práticas comprometidas com a educação e patrimônio da comunidade, enquanto seus pais exerciam funções no parque. Além do olhar para as crianças, o projeto visava a alfabetização dos adultos e promover cursos técnicos para os integrantes da comunidade (OLIVEIRA, 2014, p. 75). Devido à falta de verba para financiar as atividades, infelizmente houve o fechamento do NAC, porém, em 2001 Cristiane Buco e Lina do Carmo iniciaram um projeto abordando a arte na educação chamado PRÓ-ARTE FUMDHAM, buscando contextualizar o ensino do patrimônio arqueológico do parque em um formato de arte com as crianças e adolescentes, suas atividades eram voltadas para a capoeira, balé contemporâneo, música, teatro e em alguns momentos o horário era destinado ao reforço escolar¹³ (OLIVEIRA, 2014, p. 77-80).

Diante da falta de verba os funcionários da FUMDHAM de início prontificaram-se a apoiar o projeto PRÓ-ARTE FUMDHAM, contribuindo assim como professores dessas crianças, vale ressaltar que à medida que os alunos iam aprendendo, os mesmos repassavam todo o seu aprendizado para os “novatos” do projeto e alguns chegaram até trabalhar como técnicos em laboratórios de arqueologia da FUMDHAM (OLIVEIRA, 2014, p. 78-79).

O NAC instalado no Sítio do Mocó, trouxe inúmeras melhorias para a comunidade como já dito anteriormente, falo com propriedade, pois apesar da pouca idade, tive o privilégio de poder participar das atividades oferecidas por essa instituição, entre os anos de 2001 a 2009 (Figura 07). Lembro-me de vários momentos prazerosos tanto na sala de aula, quando nos horários de lazer brincando no parquinho da escola que para as crianças da comunidade era uma coisa extraordinária, pois devido à falta de condições, muitos não conheciam um parquinho, mesmo dos menores que seja.

¹³ “Incluía além de escolas em tempo integral com a grade curricular obrigatória também oferecia aulas de educação ambiental, ecologia, arte educação por meio da música, dança (ballet), capoeira. Disponibilizava alojamentos para educadores e educandos, postos de saúde, e cursos profissionalizantes para os moradores dessas regiões compreendidas entre Sítio do Mocó, Barreirinho, ambos no município de Coronel José Dias, Alegre, Porteirinha no município de João Costa e Serra vermelha em São Raimundo Nonato”. (COSTA, 2011, p. 37, apud SIQUEIRA. 2014, p. 61).



Figura 07: carteirinha de identificação do projeto pro-arte fumdham da aluna Mariudes Sousa, integrante da comunidade sítio do mocó. Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.

Ao longo do dia o colégio oferecia algumas atividades: pela manhã havia aula, reforço escolar e o lanche, as vezes as crianças tiravam o cochilo da tarde na própria escola. A tarde havia aulas de música e desenho em uma sala toda decorada com cores vibrantes e objetos que deixavam as crianças eufóricas e sempre incentivadas a não faltarem nem um dia de atividade. As atividades extracurriculares eram administradas em dias específicos, havia aula de desenho, música, capoeira e balé contemporâneo, além disso tínhamos passeios e atividades fora da escola.

Íamos constantemente visitar o Museu do Homem Americano e ter aulas de balé contemporâneo com a professora Lina do Carmo e aulas de capoeira com o professor Jack no anfiteatro da Pedra Furada. Os lanches oferecidos continham um cardápio saudável e saboroso; e era indispensável, pois para muitas crianças, a merenda era a única refeição do dia. O cuidado com a higiene e com a saúde também eram prioridades, cada criança tinha seu kit para higienização bucal após as refeições, a professora nos orientava como fazer uma escovação correta. Todos os alunos tinham uniformes cedidos pela instituição.

Ao longo do ano as atividades eram executadas com bastante determinação de ambas as partes, alunos e professores, pois havia um período no ano que acontecia o festival no anfiteatro da Pedra Furada e todos queriam participar, no entanto para participar os alunos teriam que ter bom

comportamento e boas notas na escola. Participei deste projeto em seus últimos anos e fui tida como “a mascote” da turma por ter 5 anos e ser a mais nova entre todos os alunos a se apresentarem nos festivais interartes (Figuras 08 e 09). Esse projeto influenciou imensamente minha vida, pois carrego comigo os valores e afetos que adquiri ao longo do tempo que ali estive. As crianças eram sempre orientadas a estudar, sonhar e lutar por condições de vida melhores e isso influenciou bastante na vida de muitas dessas crianças que hoje são adultos e muitas conseguiram se formar nas áreas da Arqueologia, Geografia, História, Ciências da Natureza, Pedagogia e Química.



Figura 08: Apresentação no anfiteatro pedra furada do projeto pro-árte FUMDHAM, aluna Marildes Sousa, integrante da comunidade sítio do mocó. Fonte: acervo pessoal da autora, 2003.



Figura 09: Professores Lina do Carmo e Jack ensaiando com as crianças do sítio do mocó no anfiteatro da pedra furada.

Fonte: acervo pessoal da autora, 2004.

Assim sendo, apesar de alguns conflitos gerados pela proibição dos moradores da comunidade Sítio do Mocó não poderem acessar os caldeirões que atualmente estão no interior do PARNA Serra da Capivara, algumas pessoas acreditam que a criação do PARNA proporcionou muitos benefícios e a melhoria de vida para esses sertanejos, pois suas condições de vida antes da criação do parque eram bem precárias. Podemos observar que há uma ligação muito forte das pessoas, principalmente daquelas que tiveram a oportunidade de fazer parte desse projeto, como demonstra o depoimento do colaborador Nestor Neto, 39 anos:

Não sei se você lembra, mas cheguei a ser seu professor, a vida é um ciclo e fico feliz de ver você e a Marisa de ter aproveitado a oportunidade de ter concluído esse curso, que são cursos que até um tempo desse a gente não imaginava que pessoas do nosso nível social pudesse chegar até lá, e ver pessoas que a gente conhece, principalmente vocês da comunidade, pra gente é um orgulho (NESTOR NETO, 39 anos).

A colaboradora Elenita, 77 anos, também nos falou sobre a importância do PARNA para sua vida, relatando que foi limpar um apartamento em São Raimundo Nonato para Dra. Niéde Guidon, dias depois foi contratada para fazer a limpeza na escola – NAC da comunidade, na qual trabalhou durante 5 anos. Diante da falta de verba, houve o fechamento do colégio e o corte de

funcionários, porém a mesma relata que sua vida já não era a mesma de antes e que já havia conseguido adquirir alguns utensílios domésticos, graças a seu emprego gerado pela criação do PARNA.

Mas, como abordaremos a seguir, apesar da criação do PARNA Serra da Capivara e a atuação de pesquisadores e instituições a ele associado terem fomentado novas oportunidades e melhoria na qualidade de vida de algumas pessoas do Sítio do Mocó, a proibição ao acesso aos caldeirões certamente ainda causa incômodos, não tendo sido capaz de impedir a manutenção dos laços afetivos das memórias com esses locais.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS

Durante a execução do presente trabalho, nos deparamos com um cenário bastante delicado no qual o mundo estava sofrendo com uma grande pandemia, a COVID-19, no entanto ao realizarmos as entrevistas seguimos todos os protocolos de biossegurança indicados pela UNIVASF e pela Secretaria de Saúde de Coronel José Dias. Vale ressaltar que algumas das nossas conversas foram previamente agendadas via WhatsApp, marcando dia e horário nas residências de cada um dos nossos colaboradores durante as entrevistas tentamos não estendermos muito o nosso tempo nas residências das pessoas devido o cuidado com a COVID-19, permanecendo assim com uma duração aproximada de quinze a quarenta minutos em cada residência privilegiando ainda que as conversas ocorressem em locais abertos e/ou bem ventilados.

Como dito anteriormente através do WhatsApp foi compartilhado entre membros da comunidade uma publicação na qual eu procurava imagens de pessoas socializando nos caldeirões rochosos, então a partir disso as pessoas foram enviando fotos suas para meu WhatsApp, pude contar ainda com a ajuda de um artista artesão da comunidade, que através de suas memórias produziu um desenho ilustrando um senhor da comunidade buscando água em seu carrinho de forquilha.

Ao longo desse capítulo abordaremos as narrativas sobre os caldeirões naturais e sua importância para as pessoas do Sítio do Mocó, que estabeleciam diversas relações com e nesses espaços. Além disso, problematizaremos, a partir dos depoimentos dos nossos colaboradores, como a criação do PARNA afetou a vida da comunidade de um modo geral.

Diante dos depoimentos podemos perceber a importância e a relação que os integrantes da comunidade têm com os caldeirões, percebendo assim uma ligação com esses lugares de memória. Com esses depoimentos foi possível dar voz e liberdade para que essas pessoas pudessem se expressar e mostrar a grande importância afetiva que esses lugares têm para elas.

Portanto, a seguir buscamos discutir a importância destes espaços para comunidade, apresentar as narrativas sobre o uso dos caldeirões, problematizar

o impacto da proibição do acesso a essas áreas com a criação do PARNA e por fim, reunir de forma mais detalhada as informações citadas por nossos colaboradores sobre 13 caldeirões.

4.1. Memórias e narrativas dos moradores do Sítio do Mocó sobre os caldeirões

Ao questionar os nossos colaboradores quando começaram a fazer o uso desses caldeirões, muitos não estabeleciam uma data específica, no entanto afirmavam que os caldeirões eram utilizados desde “antigamente” quando os primeiros moradores se instalaram na localidade:

Não lembro, tem muitos e muitos anos (MARIA SOCORRA, 80 anos).

Acho que era desde o começo daqui do Sítio, que era a única que tinha era desses caldeirões (PEDRO , 54 anos).

Quando eu me entendi com 14 anos, esse povo já eram tudo dono desses caldeirões (ELIAS, 71 anos).

Não sei a data, na minha ideia, eu não tenho certeza, mas deve ter sido os primeiros moradores, desde Antônio Mocó e Vitorino (NESTOR NETO , 39 anos).

Quando eu me entendi, já era caminhando mais a mamãe puntar¹⁵ esses caldeirões lavando roupa (ELENITA, 77 anos).

Me intindi já vendo eles véi daquele jeito, só sei da reforma do caldeirão do Gado que foi eu mais um bucado que trabalhava lá. De pedreiro era eu, Morício e tinha outro, mas não tó lembrado, sei que o Dioclecio era o carregador de pedra, foi no ano que o Pedim morreu, morreu na apanhação de pedra la nos Pilão. (ONOFRE , 95 anos).

Durante os relatos dos moradores, ficou evidente a importância dos caldeirões para o povoamento e permanência das pessoas na comunidade Sítio do Mocó; bem como o carinho que as pessoas nutrem por esses espaços:

É muito importante, é o começo da história, por que foi quem criou o pessoal aí foi dentro desses caldeirões, tudo que foi criado aqui foi por esses caldeirões. A água que tinha era desses caldeirões, porque sem água ninguém vivi (PEDRO, 54 anos)

¹⁵ Puntar: ir ao encontro de alguém.

Nos se criemos tudo, criemos as famílias naquele pé de serra, nesses caldeirões, lavando, banhando. (MARIA SOCORRA, 80 anos).

A salvação era esses caldeirões aí (PEDRO, 54 anos).

Teve muita importância para o pessoal, porque aqui não tinha de onde retirar água e era os únicos reservatórios de água para a comunidade, até vir a invenção das cisternas que foi colocado nas casas do povo. (DANIELA, 29 anos).

Com certeza sim porque a comunidade ela tinha ali uma forma de sobrevivência porque era de aonde se fornecia água para a comunidade. Tudo que as pessoas faziam em relação de água vinha de lá e isso fica muito marcado na história de todo mundo (MARISA, 26 anos).

Sim, porque dali a gente tirava a água para lavar louça, roupa e até mesmo para beber, pra tudo (IOLENE, 49 anos).

Quando perguntada se os caldeirões são importantes para a história da comunidade a jovem Cleiciane, 31 anos, (Figura 10) respondeu:

Acho que sim, porque era até o lugar aonde a população se encontrava, é importante em todos os sentidos, porque aos finais de semana as pessoas iam se divertir e no meio da semana as pessoas iam lavar roupa e buscar água. A fonte de água da comunidade inteira era lá, de buscar água para afazeres os da casa, beber, da água para os animais. (CLEICIANE, 31 anos)



Figura 10: Colaboradora Cleiciane, 31 anos em momento de lazer no caldeirão do gado, 2014.

Fonte: Acervo pessoal da colaboradora Marisa, 26 anos.

Por sua vez, o colaborador Nestor Neto, 39 anos considera que hoje os caldeirões perderam um pouco da sua importância visto que “as comodidades

da modernidade” chegaram na comunidade com as cisternas e a água encanada do sistema da adutora do Garrincho. Porém, nos “tempos difíceis” os caldeirões eram muito importantes, pois forneciam para a comunidade Sítio do Mocó a água para sua sobrevivência.

Acho que tinha importância de uma forma geral, para os animais e para a gente de tudo tem um pouco, principalmente aquele tempo que não tinha nada então os caldeirões foram muito importantes para a finalidade do povoado. A importância era muito grande, aquele tempo, você sabe que água é vida e você vivi em um lugar que tem essa opção ia, então fui muito importante para a gente, a gente teve o privilégio da natureza oferecer isso aí, eu lembro de beber água salgada, você sabe o que é beber água salobra? Bebe, bebe, bebe e não mata a sede, e quente porque naquele tempo não tinha geladeira (NESTOR NETO, 39 anos).

Uma constatação semelhante foi feita pela senhora Anatividade, 62 anos, que apesar de reconhecer a importância dos caldeirões para a formação do povoado, afirma que na atualidade eles vêm sendo cada vez menos utilizados.

É muito importante, foi tão utilizado eles e hoje não está sendo utilizados e nem indo buscar água lá porque tem água encanada e as cisternas aí não precisa ir lá, agora só quem tá usufruindo são os animais, de primeiro eles secavam tudo, quando tinha água a gente estava pegando (ANATIVIDADE, 62 anos).

Durante todos os momentos da entrevista com o jovem José Junior, 28 anos, ele apresentava um semblante de carinho e admiração ao compartilhar suas memórias e narrativas sobre os caldeirões. Ele nos disse que acredita que as raízes da comunidade estão concretizadas nas rochas dos caldeirões e que apesar de todo sofrimento dos tempos difíceis, principalmente no período vivido por sua avó Maria Socorra, 80 anos, esses locais são essenciais para se falar da existência da comunidade e da vida e sobrevivência das pessoas que ali moraram.

Tem importância, nossas raízes estão lá, as raízes da comunidade está lá porque foi de lá que veio as primeiras águas pra lavar nossas roupas quando criança, para a manutenção de casa, tudo foi lá, lá era a grande esperança da comunidade. Quando o caldeirão tava seco a comunidade já desanimava porque a seca pegava pesado, lá era o grande oásis, tenho muitas lembranças boas, faz recordar toda nossa história, quando a gente fala de lá todo mundo se empolga e começa a contar uma história, um fala uma coisa e outro fala outra, aí vem aquele turbilhão de memória boas. (JOSE JUNIOR, 28 anos)

De acordo com os relatos de Onofre, 95 anos; Maria Socorra, 80 anos; Elenita, 77 anos; Elias, 71 anos; Anatividade, 62 anos; Pedro, 54 anos; Doraluce, 51 anos; Iolene, 49 anos; Nestor Neto, 39 anos; Nilva, 34 anos; Cleiceane, 31 anos; Willian, 29 anos; Daniela, 29 anos; José Junior, 28 anos e Marisa, 26 anos alguns caldeirões eram considerados os “principais” por serem os mais utilizados pelos moradores, já outros eram tidos como “caldeirões reservas” aqueles de difícil acesso ao quais se recorriam caso os principais secassem. Todos esses caldeirões tinham múltiplas funcionalidades, e suas águas eram empregadas para realização de diversas atividades cotidianas:

Os caldeirões eram mais usados para lavar roupa, pegar água para labutar em casa como para lavar a louça, limpar a casa, cozinhar, tomar banho além disso tinha a diversão do pessoal e lazer, na minha época eu não cheguei a beber água de lá não, mas já bebi água salobra. (MARISA, 26 anos).

Todos aqueles caldeirões têm as suas importâncias, por exemplo o do Gado servia para lavar roupa, banhar e aquele chamado Grande, lá em cima, era para beber e o da Bernaldina ficava lá guardadinho, quando aquelas águas acabavam, o recurso era lá. (WILLIAN, 29 anos)

As senhoras Maria Socorra, 80 anos e Nilva, 34 anos também ressaltaram a importância dos caldeirões naturais para o sustento das suas famílias.

Foi muito importante porque era de onde nós lavava, bebia, banhava, importante de tudo, a importância maior em nossa vida foi as águas, que sem água a gente não vive, tenho muito carinho e agradeço a Deus por ter aqueles caldeirões que se criamos e criamos a família todinha sustentada pelo caldeirão. Eu lavei foi pra tudo quanto foi de gente, não sei nem dizer o tanto de gente que eu lavei de roupa, ganhava só uma mão cheia de coisa (comida), não era dinheiro não, só troca por qualquer coisinha, era umas micharias, as vidas foi sofridas, eu criei um bocado de filho, mas só eu e Deus sabe o tanto que eu trabalhei mais o pai deles pra criar eles, naquela amargura, e tive 18 filho naquele tempo mais difícil que nós passamos e morreram 5 mulheres, ainda bem que acabou, agora é água encanada, graças a deus que essa água é abençoada (MARIA SOCORRA, 80 anos).

Eu gostava de ir lá com minha mãe quando eu era pequena eu ajudava ela, ela pegava roupa para lavar para ajudar no sustento da casa e eu a ajudava, nós íamos cedo, umas 6 horas da manhã e ficava até de tardezinha lavando porque era muita roupa que ela pegava, eu ajudava ela no sustento, eu era pequena mas ajudava de alguma forma, a gente ia pra encher a bacia de água pra ela lavar as roupas as vezes alguém ia levar almoço quando a gente não vinha almoçar em casa. Em troca recebia dinheiro e as vezes alimentação (NILVA, 34 anos).

Ao longo da conversa com a nossa colaboradora Maria, 80 anos, ao se lembrar de alguns momentos de sua infância, ela nos disse com alegria que ganhava sabão em troca de ajudar as lavadeiras a colocar água nas bacias, no entanto quando finaliza sua fala, seu tom de voz muda demonstrando um ponto de tristeza ao falar que “Comecei minha vida foi cedo de sofrimento, legalidade eu nunca tive em minha vida”.

Quando eu era menina ainda, eu ia para a fonte, aí chegava lá eu ia colocar água para as mulheres, as mulheres iam lavar roupa e eu colocando água. Eu lembro até da Maria do Thiago que eu levava os panim, as roupinhas nossas e lavava aí aquele sabão que ficava ela me dava. (MARIA SOCORRA, 80 anos).

A colaboradora Elenita (2021, 77 anos) também relata histórias semelhantes e com sorriso no rosto lembra de sua filha quando criança, “A Betinha ganhou foi muito sabão do povo, botando água para o povo lavar roupa, aí davam sabão ela”. Posteriormente, muito emocionada e com lágrimas em sua face, ela nos contou sobre sua luta para criar e alimentar seus filhos e sobre os momentos pedia ajuda para outras pessoas que tinham mais condições que a mesma, para que conseguisse salvar a vida de seus filhos para que eles não morressem de fome, pois suas crianças já estavam com 3 dias sem se alimentar. Apesar de todo o sofrimento para sobreviver, a mesma é grata a Deus e muito religiosa, pois se orgulha de ter vencido a fome “Nós trabalhamos foi pra isso, eu lavava pra Laíde, Zilda e para tia Zelinda. Não ganhava dinheiro não, era só uma mãozinha de feijão, de farinha, de milho, era só troca por comida, era sofrido” (ELENITA, 77 anos). Nestes momentos fica evidente a capacidade dos caldeirões em evocar memórias múltiplas, algumas alegres outras tristes, e ao mesmo tempo de demonstrar a relevância destes espaços na vida dessas pessoas.

Quando questionamos se havia uma diferenciação na divisão de tarefas realizadas nos caldeirões a maioria dos colaboradores, com exceção dos adolescentes, afirmam que apenas as mulheres lavavam roupas e que os homens e as crianças iam para auxiliar ajudando assim a pegar água para colocar em suas bacias (Figura 11).

Buscar água homem e mulher buscava, mas na parte de lavagem de roupa era só as mulheres e os homens e as crianças as vezes iam para colocar água nas bacias para elas lavarem. Lembro-me quando era menor, eu ia com um baldinho só para colocar água mesmo e depois ia para cima da serra brincar e esperar, até que a mãe da gente soltava o grito, fulano, quero água e só depois, que eu fui começar a lavar roupa. Quando percebíamos que o pessoal estava terminando de lavar as roupas, aproveitávamos para banhar porque quando a água estava pouca não podia banhar porque mexia a água e ficava suja. (MARISA, 26 anos).

Os homens só buscavam água, alguns iam ajudar sua esposa e mães quando ia lavar roupa, eles iam para encher as bacias e banhar. (DANIELA, 29 anos).

Naquela época existia, o homem vinha colocar a água para a mulher lavar roupa. (NESTOR NETO, 39 anos)



Figura 11: Caldeirão do gado, lavadeiras e homens buscando água para atividades domésticas.
Fonte: Claudia Levy, 2006.

Com os relatos descritos, percebe-se que para as mulheres, especialmente as mais velhas, os caldeirões eram principalmente um local de trabalho, sendo a gama de atividades e obrigações impostas a elas muito grande, como reconhecem alguns dos homens que entrevistamos:

Para as mulheres era mais pesado, porque elas buscavam água para a casa e quando chegava ia lavar a louça, limpar a casa e depois iam e depois iam lavar roupa e os homens iam só buscar água e ficavam livre (JOSÉ JUNIOR, 28 anos).

Só as mulheres que lavavam, nesse tempo os homens não prestavam para nada, era só na roça. Eu era besta, as vezes eu ia ajudar a botar água no lavador que ela tava (ELIAS, 71 anos).

Quando as mulheres iam lavar as roupas lá, a gente ia ajudar também porque era muito trabalhosa, muita roupa, aí tinha as mulheres sozinhas lavando roupa, eu mesmo ajudei muitas e muitas outras mulheres que ficavam naquele sacrifício, eu ia pra lá e não tinha paciência, aí eu ajudava elas tudim. (PEDRO, 54 anos)

A colaboradora Cleiciane, 31 anos relata que todas as tarde as mulheres da sua família, mãe e tias, combinavam sempre um horário no final da tarde para irem buscar água, as mais velhas colocavam a “rudia¹⁷” para forrar o balde em suas cabeças, no entanto os baldes não tinham tampas e para que a água não derramasse as mulheres colocavam folhas em cima da água para que cobrisse o balde e não derramasse a água, porém, ela ia de bicicleta e trazia uma moringa. Ao narrar essa lembrança, a mesma solta gargalhadas dizendo que “Não sei que ciência é essa, só sei que não derramava uma gota de água” (CLEICIANE, 31 anos), e comenta que seu avô Manoel também colocava as folhas em suas latas de zinco que carregava em seu carrinho de forquilha.

Seu irmão, o colaborador Willian, 29 anos, ao se recordar de suas lembranças, que descreve como sendo engraçadas, relata suas memórias com um sorriso no rosto, deixando explicito o quanto é prazeroso falar das memórias da sua infância e adolescência quando cotidianamente frequentava os caldeirões. “A gente andava nos caldeirões com uma bicicletinha, você colocava uma moringa na garupa da bicicleta e outra na frente, aí você vinha naquele tropelo” (WILLIAN, 29 anos). O mesmo também relembra cenas do seu avô Manoel, que segundo ele, era mestre em construir “carrinho de forquilha” para carregar água, e sempre podia ser visto pelas ruas do povoado com o seu carrinho apoiado no ombro.

No decorrer das entrevistas observamos que os nossos colaboradores falaram algumas vezes de um carrinho de forquilha para transportar água.

Fazia duas rodas de pau e botava outro no meio que chamava eixo aí colocava a forquilha, aí colocava duas latas e ia buscar água no caldeirão (PEDRO, 55 anos).

¹⁷ Rudia: Pedaco de pano, geralmente é usado um pano de prato que é enrolado em um formato de círculo para servir de almofada para colocar o pote ou balde com água na cabeça, evitando assim o atrito do recipiente com a cabeça.

Eu lembro que o vovô ia buscar água lá com o carrinho de mão, tinha a lata e o vovô tirava o fundo e colocava uma madeira para durar mais, ele tinha bem uns dois, aquele tempo era difícil bicicleta, o tio Edneide um tempo fez até um carrinho pequenininho para o Rodrigo buscar água, tinha que ter equilíbrio igual as meninas que carregava água na cabeça, porque a roda era solta e ia só empurrando. (JOSÉ JUNIOR, 28 anos)

Cheguei no ponto de ir buscar água nos caldeirões com aqueles carrinhos de forquilha, além de buscar para minha mãe ainda buscava para minhas duas avós que são irmãs, aquele carrinho que põe, aí foi se modernizando também, quando a gente podia ter uma bicicleta, buscava com a bicicleta com dois muringão para minha mãe e minhas duas avós. (NESTOR NETO, 39 anos)

Durante a entrevista a senhora Maria Socorra, 80 anos afirmou com um sorriso no rosto que quem gostava de fazer esses carrinhos de forquilha era meu avô Francisco e seu esposo. Ambos sempre tinham, ou construía, um carrinho de buscar água, eles eram primos e iam buscar água juntos, no entanto muitas vezes paravam em uma bodega para beber uma cachaça “Faltava era não chegar nunca com essa água” (MARIA SOCORRA, 80 anos). As figuras 12, 13 e 14 ilustram como seriam esses “carrinhos” e representam a forma que as pessoas buscavam água.

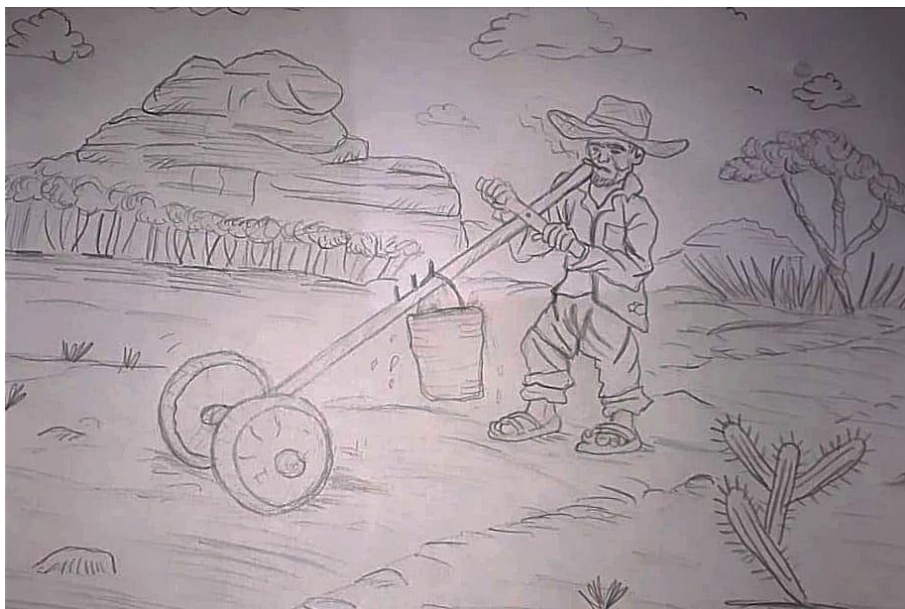


Figura 12: Desenho ilustrando o sertanejo buscando água em um carrinho de forquilha.

Fonte: Gilderlindo Paes Landim Sousa, 2021.

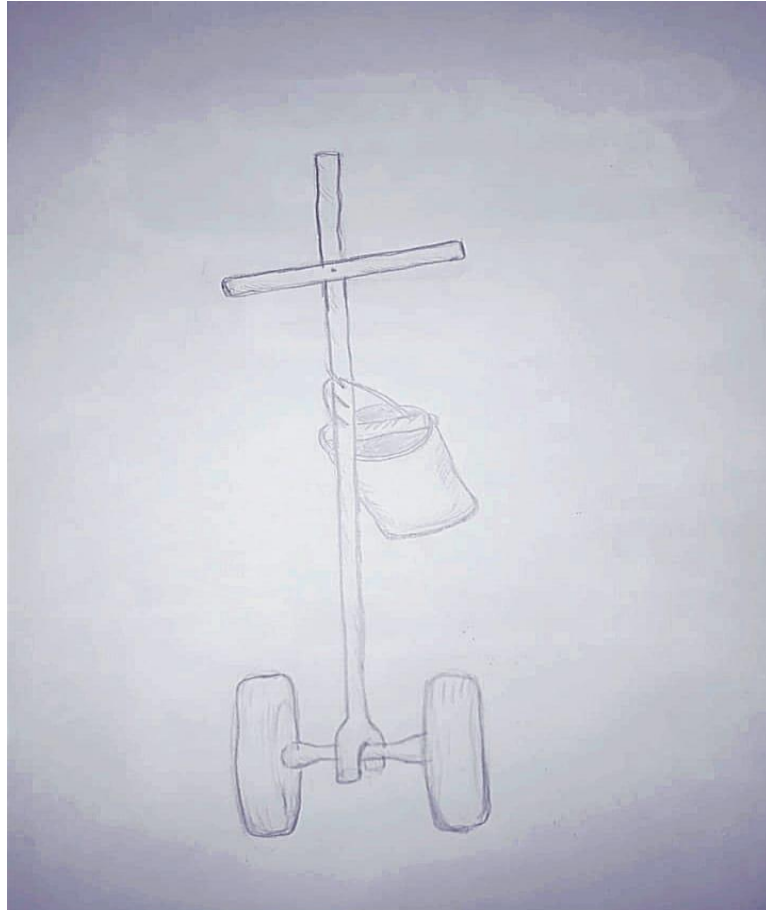


Figura 13: Desenho ilustrando o carrinho de forquilha.
Fonte: Gilderlindo Paes Landim, 2021.



Figura 13: Sertanejo buscando água em um carrinho de forquilha.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2003.

Na sua fala, a Nilva, 34 anos relata com alegria que mesmo passando por tempos difíceis, ela sente falta da época em que buscava água e lavava roupa nos caldeirões, pois era ao mesmo tempo divertido e necessário. Visto que naqueles locais ela vivenciou tanto momentos de lazer e alegria com seus amigos, quando não estava ajudando a sua mãe a lavar roupa para fora, quanto percebia ao ver e auxiliar sua mãe que os caldeirões eram fundamentais para conseguir o sustento da sua casa.

No decorrer das entrevistas, foi questionado se havia alguma manutenção em relação aos caldeirões, e mais uma vez percebemos com as respostas, o carinho e cuidado que as pessoas da comunidade tinham com esses caldeirões, pois todos os anos no período de seca, a comunidade se reunia em mutirão para fazer a limpeza ao redor e dentro de todos os caldeirões.

Montava o grupo de pessoas e iam limpar (DORALUCE, 51 anos).

Todo ano eram limpos (ELIAS, 71 anos).

Antes da chuva vir, nós iam tudo alimpar os caldeirões, pra receber a água limpinha, que nós precisava (ELENIA, 77 anos).

Quando era pra começar o inverno ajuntava nós tudo e limpava os caldeirões, ia limpar o caldeirão do Gado, Grande, do Aniceto, sei que nos alimpava os caldeirões tudim pra quando o inverno chegar os caldeirões ta limpo (ANATIVIDADE, 62 anos).

Todo ano quando secava a gente fazia toda a limpeza que fosse necessária para a água ficar limpa, a gente limpava bem limpim, ficava no casco mesmo, as mulheres levavam café, lanche pra nós lanchar lá no trabalho pra limpar. O caldeirão do Gado dava muito trabalho para limpar, por que a correnteza dele pega muito aterro aí todo ano ficava muito aterro dentro dele, era homem era mulher era comunidade todinha para ajudar a limpava. (PEDRO, 54 anos).

Quando o pessoal podia utilizar lá, todo ano se reuniam um monte de pessoas para fazer a limpeza, tirar a lama de dentro para quando chover caber mais água e não está com tanta sujeira dentro (DANIELA, 29 anos).

A manutenção era a população mesmo, tinha o cuidado da limpeza, recolhia o lixo, era toda a população que fazia essa limpeza no roço das estradas e ao redor dos caldeirões (NILVA, 34 anos).

Tinha manutenção, eu me lembro a gente limpando lá umas 2 ou três vezes quando secava as pessoas tiravam lama da área e ia rapando tirando o lodo, até a pedra ficar toda limpa (WILLIAN, 29 anos).

Eu lembro que sim algumas vezes, quando eu criança tinha um dia do ano antes de começar o inverno a comunidade se reunia como um mutirão mesmo para fazer a limpeza dos caldeirões para quando a chuva vir acumular água um pouco mais limpa (MARISA, 26 anos).

Havia na época por parte população, nas minhas lembranças o pessoal se reunia pra fazer a limpeza lá fora, tinha a capina e por dentro tirava a sujeira que as águas traziam as terras com pedaços de plantas que caíam dentro do caldeirão, trazidas pela chuva (CLEICIANE, 31 anos).

O Nestor Neto, 39 anos, durante a entrevista, deixa transparecer suas emoções ao lembrar da união da comunidade em relação a limpeza dos caldeirões, relata que achava incrível e “muito boa” a união da comunidade quando os caldeirões secavam e as pessoas faziam mutirões para fazer a limpeza dos caldeirões para quando chover a água ser limpa para que fosse utilizada.

Foi algo que o marcou bastante, pois havia uma necessidade de água e a comunidade tinha a união (...) Uma coisa muito boa que a comunidade fazia também, quando faltava água que você usava, só tinha aquilo, as águas dos cacimbões e dos caldeirões aí quando secava. Uma coisa que eu achei muito interessante é que desde aquele tempo o pessoal tinha a união de fazer o mutirão de ir limpar os caldeirões. Ô vamos limpar os caldeirões, tá perto da chuva, pra quando chover a água ser limpinha pra gente (NESTOR NETO, 39 anos).

Pode-se perceber na fala dos colaboradores que o cuidado era constante com todos os caldeirões, pois todos entendiam a importância que tinham em suas vidas, tanto para as atividades domésticas como para a convivência e lazer.

Percebemos que mesmo sendo proibida a entrada sem autorização nesses locais de memória, as pessoas da comunidade ao entrarem na área dos caldeirões, tinham o cuidado e zelo de pegar apenas a água necessária para suprir suas necessidades

Uma certa inquietude ficou evidente sobre a proibição dos moradores do Sítio do Mocó frequentarem os caldeirões naturais que a partir de 1979 passaram a integrar a área do PARNA Serra da Capivara. Em quase todas as falas, com exceção dos colaboradores adolescentes, as pessoas lamentam a impossibilidade de poderem frequentar esses ambientes que para elas são lugares de memória e afeto. Muitos dos moradores relatam que sentem falta de ir nesses locais, todavia, devido a burocracia exigida para se ter acesso a área do Parque, e o custo elevado para se contratar um guia essas pessoas acabam por não irem mais a esses locais que para eles são importantes para a história da comunidade e de suas famílias.

Depois que a doutora tomou de conta, precisa de guia pra andar nesses caldeirões e aí a gente não tem dinheiro para pagar, aí não vai, um guia custa 150 conto, quem é que vai dar 150 conto pra guia pra quem já conhece né! (ELIAS, 71 anos).

Acho que a comunidade ficou meio iludida porque a Dra. chegou aqui e expôs o projeto e o pessoal daqui por ser um pouco cabeça fechada... A Dra. foi a “grande salvadora daqui”, porque de fato ela teve o papel dela e sua importância no parque, mas quando ela chegou aqui o pessoal ficou muito cativado porque ela sabia falar e expôs as ideias e propôs cercar o caldeirão aí todo mundo achou bom, mas depois que cercou e colocou o portão a comunidade sentiu as consequências porque tirou a liberdade da comunidade, mas isso foi importante para manter o patrimônio dos caldeirões, mas acho que roubou um pouquinho da liberdade da comunidade. As vezes acabada as águas das cacimbas, dos poços aí o pessoal tinha a necessidade de pegar água lá e muitas vezes as pessoas tinham que pular a cerca e roubar aquilo que era da comunidade, era da comunidade, mas a comunidade se sentia como um invasor de entrar lá e pegar água pra fazer suas necessidades. O pessoal ficou muito revoltante por causa disso, porque se o povo não precisasse da água não entravam lá, mas o povo precisava da água. Ai o que era um bem público, um bem comunitário se tornou assim clandestino, por que a comunidade tinha que ir escondido sem ninguém saber, as vezes um que trabalhava lá dedurava o outro pra segurar seu trabalho, mas era uma necessidade da comunidade. É um patrimônio bem bonito da comunidade. (JOSÉ JUNIOR, 28 anos).

Nossos colaboradores Iolene, 49 anos e Pedro, 54 anos, ambos moradores da comunidade Sítio do Mocó, afirmam que atualmente as pessoas não costumam mais frequentar a área dos caldeirões.

Porque veio o parque aí foi proibido a entrada das pessoas porque os caldeirões ficam na área do parque. Teve resistência porque muitas vezes as pessoas não tinham água para consumo e as vezes até entravam escondido, porque estavam necessitando da água. Sinto falta, não é nem por necessidade, mas era um local que a gente frequentava muito e sinto falta, saudade de ir visitar. (IOLENE, 49 anos)

Se for é até escondido, porque fica dentro do parque aí é proibido andar, banhar dentro. (...) Teve resistência, porque era o pote que a gente tinha, aí a gente achou que nunca ia proibir a gente de entrar lá e de fazer o que a gente sempre fazia, mas foi colocado dentro do parque e acabou o conhecimento deles, por que eu tou com uns pouco de anos que andei nesses caldeirões, não vou porque é proibido, só pode se for com um guia. (PEDRO, 54 anos)

A nossa colaboradora Anatividade (2021, 62 anos) ao ser questionada se ainda sente falta de visitar esses locais relata que acabou por se conformar em não poder frequentar os caldeirões, pelo fato que para ela o custo de contratar um guia ser inviável.

Pra ser sincera, não, tanto mato, tanta coisa, por que a gente já sabe que a gente não pode entrar, porque fica dentro do parque, só visita mesmo gente de fora e a gente que tiver vontade de ver, de dar uma voltinha lá, tem que ir com guia por que não pode ir sem guia aí fica difícil, aí acaba à vontade, o guia é caro né! Caríssimo. (ANATIVIDADE, 62 anos)

O incomodo em não poder frequentar livremente os caldeirões ficou nítido nas falas das jovens Cleiciane, 31 anos, filha do Sr. Pedro, 54 anos e neta da Sra. Maria Socorra, 80 anos, e da Marisa, 26 anos, filha da Sra. Iolene, 49 anos e neta do Sr. Elias, 71 anos. Ao serem questionadas se as pessoas da comunidade ainda frequentam esses locais, mesmo sabendo da importância do PARNA e o quanto o PARNA contribuiu para o crescimento econômico da comunidade, nossas colaboradoras expressaram com palavras e gestos o quanto é triste e “frustrante” (CLEICIANE, 31 anos), não poder frequentar esses locais, que para elas e para muitas pessoas da comunidade tem muito valor sentimental, visto que fizeram parte da sua infância e adolescência (Figura 15).

Não, porque a comunidade não tem mais acesso como tinha antes e é proibido entrar porque virou área de preservação. Sinto falta de ir lá, porque acho injusto com a comunidade por ser um local que era da comunidade mesmo, aquilo ali não tinha dono, ali era de todo mundo e todo mundo cuidava e todo mundo zelava, eu acho que esse sentimento de não poder ir é bem frustrante porque a gente nasceu lá, sabendo que você podia ir a qualquer momento e hoje em dia tem que

ter uma permissão, tem que ir em busca de um guia, uma autorização pra nós da comunidade que nascemos lá. (CLEICIANE, 31 anos)

Eu me lembro muito pouco, mas ainda lembro que houve uma resistência. Foi tido uma conversa entre Niéde Guidon com a comunidade, ela explicou o motivo pelo qual as pessoas não poderiam mais andar lá e iria fazer a lavanderia e passando assim cadeado no portão e assim foi feito, porém as vezes havia problemas com a encanação que entupia ou quebrava, aí ficava aquela situação que a pessoa precisava de água e estava trancado, então as pessoas entravam para pegar água apenas água para consumo, pois não tinha o que fazer. (MARISA, 26 anos)



Figura 14: Placa de proibição para entrar na área dos caldeirões.
Fonte: Claudia Levy, 2006.

Durante as entrevistas, fica evidente que para além da frustração há também momentos e/ou ações de resistência à proibição do livre acesso dos moradores locais aos caldeirões. Deste modo, mesmo após a criação do PARNA, algumas pessoas continuaram a frequentar esses espaços por diferentes motivos

A população entrava sem ordem mesmo, porque precisava buscar água e não tinha outro meio de água (DANIELA, 29 anos).

Ela (Niéde) fez reunião e disse que daquele dia por diante nós não íamos mais lavar lá, não era pra entrar, então nós não ia ateimar, mas ela (Neide) facilitou para nós, ainda fez a lavanderia, pra não ir mais para o caldeirão. Tinha gente que entrava escondido, gente não é gente, os jovens sempre vão, ainda hoje vão. Não tem quem possa com gente. (ELENITA, 77 anos)

Por sua vez, o Willian, 29 anos, filho do Sr. Pedro, 54 anos e neto da Sra. Maria Socorra, 80 anos, fala da conscientização da população nos dias atuais de não entrar no parque sem autorização. Todavia, o mesmo demonstra uma inquietude quando lembra do momento que a comunidade foi proibida de frequentar os caldeirões, pois segundo ele a comunidade não prejudicava a natureza, muito pelo contrário, os moradores do sítio do Mocó cuidavam dos caldeirões e tinham uma preocupação com sua limpeza e organização:

Eu vi muito as pessoas levando garrafas de refrigerante e até mesmo de bebida e depois quando terminada, eles pegavam para não deixar a sujeira. (...)

Acho que as pessoas ainda vão só visitar pra lazer porque as vezes ouço os meninos comentando que vão lá e dão um mergulho e saem, mas acredito que seja poucos por causa que as pessoas se conscientizaram que ali é uma área de preservação. Graças a Deus nossa comunidade é conscientizada na questão desses caldeirões. Na verdade, esses caldeirões são da comunidade, as pessoas querem que não seja (os responsáveis do PARNA), já ouvi o painho mais a mainha falarem várias vezes que tiveram de beber água dos caldeirões, até mesmo a do Gado. Na época que passaram aquele portão houve uma revolta na comunidade porque colocaram água encanada na lavanderia comunitária impedindo que o povo entrasse para o caldeirão, aí cresceu uma revolta porque as pessoas sabiam que os caldeirões eram da comunidade e agora não ter mais acesso, as pessoas quebravam os cadeados várias vezes. (JOSÉ JUNIOR, 29 anos)

4.2. Caldeirões do Sítio do Mocó

Durante as entrevistas pudemos identificar 22 caldeirões que, de algum modo, eram utilizados ou lembrados pelos moradores do Sítio do Mocó.

Deste total, nove tiveram apenas o seu nome mencionado (Caldeirão dos Canoas; Caldeirão do Banho; Caldeirão da Pinga da Andurina; Caldeirão da Tia Antônia; Caldeirão do Rodrigues; Caldeirão do Rimualdo; Caldeirão da Tônia; Caldeirão das Bananeiras e Caldeirão do Inharé) ou foram dadas informações gerais a respeito do seu uso para coleta de água, lavagem de roupa, ou sobre seus nomes¹⁹

¹⁹ Nós ainda utilizamos do caldeirão dos Canoas, lavamos roupas lá”. (ELENITA, 77 anos). “A gente chama da tia Antônia porque era nossa tia, ficava aqui no Baixão, era o mesmo caldeirão da tia Mariana, mas primeiro era da tia Antônia” (ELIAS, 71 anos). “O caldeirão Inharé é chamado assim porque tinha uns pés de Inharé no pé do caldeirão” (ELIAS, 71 anos). “A vó

Deste modo, a seguir, focaremos na apresentação das informações orais e imagéticas referente aos 13 caldeirões mais mencionados durante as entrevistas. Sendo eles: Caldeirão do Grande ou Caldeirão da Chiquinha; Caldeirão do Gado; Caldeirão da Bernaldina ou Caldeirão do Zé Gregório; Caldeirão da Demar ou Caldeirão do Francisco; Caldeirão da Mãe Ana ou Vózinha ou Tapagem; Caldeirão da Escada; Caldeirão dos Cambambá; Caldeirão dos Claros; Caldeirão das Porteiras; Caldeirão dos Branquim; Caldeirão dos Porcos; Caldeirão do Avô ou Caldeirão do Aniceto; e Caldeirão da Porta.

Logo a baixo está a imagem de um mapa que foi elaborado com a ajuda dos nossos colaboradores a partir de suas memórias, onde podemos observar a localização aproximada dos caldeirões que a comunidade Sítio do Mocó utilizou por muito tempo (Figura 16).

Socorro relata sobre um caldeirão que tinha em uma parte bem alta da pedra, que o pessoal mais velho lá do tempo dela usavam quando faltava água no caldeirão do gado, o recurso era somente lá, era uma parte bem alta e bem perigoso que é la para os lado dos Canoas no fundo do Baixão da Pedra Furada” (WILLIAN, 29 anos).

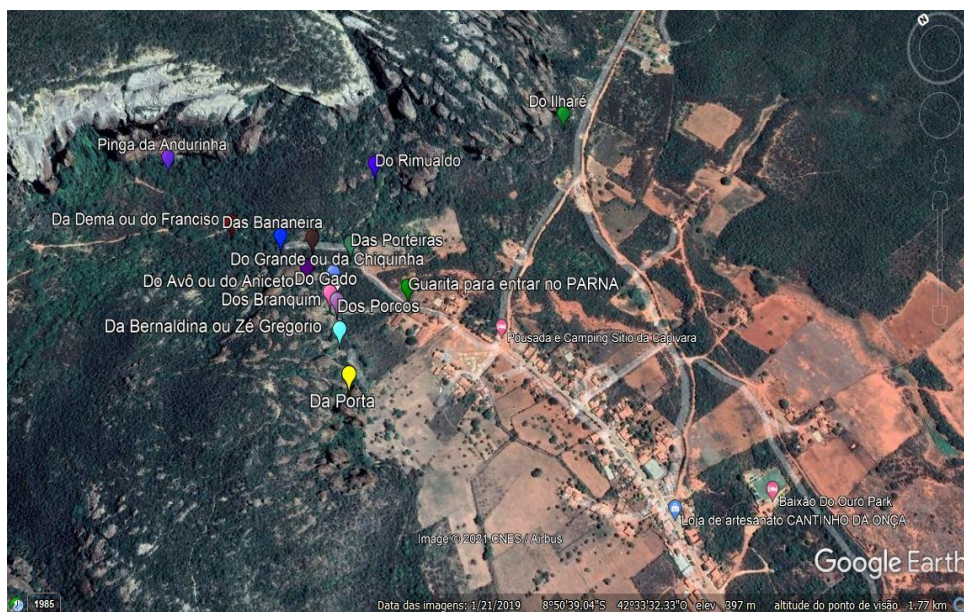


Figura 15: Google Earth, 2019.

Fonte: Adaptado pela autora.

4.2.1. Caldeirão do Gado

Este foi o caldeirão mais citado pelos colaboradores, sendo considerado “A matriz de todos” (JOSÉ JUNIOR, 28 anos), por ser o maior de todos e suas águas terem inúmeras finalidades tanto para afazeres domésticos, construções das habitações, lazer, saciar a sede dos animais e para regar as plantações de fumo que eram cultivadas nas suas proximidades.

O Caldeirão do Gado segundo os nossos colaboradores, recebeu esse nome pois devido ao fácil acesso os animais criados pelos moradores da comunidade sempre iam neste local para saciar sua sede, sendo grande a quantidade de “gado” que bebia dessa água.

O Gado o pessoal falava que era porque o pessoal que criava gado levava lá para beber água, aí ficou Caldeirão do Gado (CLEICIANE, 31 anos).

Era aberto, então era onde os gados iam beber (PEDRO, 54 anos).

Porque quando não tinha a parede, os gados iam beber água lá (NESTOR NETO, 39 anos).

Os moradores relatam que, inicialmente, a água se acumulava somente em uma parte do caldeirão (sua concavidade natural), mas que posteriormente foi construída pela comunidade, com ajuda de um vereador da época, uma “parede

de contenção” para que o caldeirão passasse a armazenar uma quantidade maior de água, aumentando também sua profundidade (Figura 17).

Foi no tempo do Expedito que era vereador (ELENITA, 77 anos).

Para fazer a parede eles puxaram o aterro pra tirar para o lado de fora e jogaram na beirada e ficou assim um uma coisa bem boa que segurasse a água, era parede de lajedo mesmo, só das pedras (ANATIVIDADE, 62 anos).



Figura 16: Parede com a placa do caldeirão do gado.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

As memórias sobre essa obra realizada para ampliação do caldeirão, também são marcadas por lembranças dolorosas, visto que um dos moradores locais teria morrido durante a execução deste trabalho.

No Caldeirão do Gado a gente vê que é o principal daquele setor, você vê a história do rapaz que ajudou a construir a parede, o Pedro era pai do Joelson, o pessoal mais velho conta que ele faleceu naquela obra da parede (WILLIAN, 29 anos).

De pedreiro era eu, Maurício e tinha outro, mas não tô lembrado, sei que o Diocleciano era o carregador de pedra, foi no ano que o Pedim morreu, morreu na apanhação de pedra lá nos Pilão (ONOFRE, 95 anos).

Devido ao seu falecimento de causas naturais durante a construção da parede do Caldeirão do Gado, a comunidade resolveu homenagear o Sr. Pedro Paes Landim colocando no local uma placa (Figura 18) com seu nome para que

as pessoas lembrassem que o mesmo foi um dos responsáveis por uma das maiores construções em benefício da comunidade naquele período.



Figura 17: Placa do caldeirão do gado com a datação de 03/02/1985.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.

Outra tragédia que aconteceu nesse local foi narrada pelo Sr. Nestor Neto, 39 anos:

Uma coisa que me marcou muito na década de 90 foi quando a gente estudava na escola da doutora aqui ainda né?! E ela liberou o caldeirão pra gente continuar a pegar água, uma coisa que me marcou muito foi que meu primo Vagner, acho que ele tinha 22 anos na época, veio de São Paulo e só veio morrer aí mesmo, no segundo dia que estava aqui no Sítio foi lavar roupa mais minha tia, caiu no caldeirão do Gado e a gente até hoje não sabe como foi isso e sumiu no caldeirão e só foi tirado depois de uma hora. Isso foi uma coisa na minha infância que me marcou muito, depois desse tempo eu não tive mais coragem de banhar no caldeirão do Gado. Só tinha ele e mais duas pessoas: a Gláucia e a tia Colô. A tia correu desesperada chamando toda a comunidade e todo mundo foi pra lá, quem estudava aqui no colégio correram pra lá. (NESTOR NETO, 39 anos)

Nas narrativas sobre o Caldeirão do Gado, percebe-se uma variação entre as falas dos colaboradores da faixa etária dos 26 aos 34 anos com as dos idosos. Os idosos utilizavam esse caldeirão exclusivamente em atividades domésticas e para sobrevivência dos animais de criação; já os mais jovens além dessas funções, viam e utilizavam esse caldeirão como local de lazer.

Quando questionamos nossos colaboradores para que o Caldeirão do Gado servia foi dito que suas águas eram utilizadas para banhar, cozinhar, lavar

a louça, limpar a casa, lavar as roupas, nadar e até mesmo para construir casas e em alguns momentos era utilizada para beber. O nosso colaborador Pedro, 54 anos afirma que no seu tempo a água não tinha outra função a não ser para realizar atividades domésticas, para saciar sua sede e para construção:

Quando a gente trabalhava nos morros, quando chegava de tardezinha a gente pegava um carrinho de forquilha e ia buscar água... Essa casa minha aqui eu fiz mais essa mulher buscando água lá do caldeirão do Gado, para construir, eu ia com o carrinho com duas latas e ela com uma lata na cabeça, aí construímos essa casa desse jeito (PEDRO, 54 anos).

Já a Marisa, 26 anos relata que não se recorda muito bem quais as outras atividades que faziam nos caldeirões, porém acredita que não chegou a beber água do Caldeirão do Gado, pois já havia poços de água doce “usavam para lazer, tomar banho nas águas do Caldeirão do Gado, nos outros não tinham esse habito porque tinha um caldeirão que servia para beber água”.

Nossa colaboradora Anatividade, 62 anos solta gargalhadas ao relatar que as pessoas pegavam água para construção o que, segundo ela, gerava “ciúme” em alguns moradores da localidade que acreditavam que o uso do caldeirão deveria ser apenas para as atividades domésticas e temiam que aquela fonte de água se esgotasse.

Lá apanhava para construção, porque as cacimbas eram longe, aí quando começava a construir alguma casa ou alguma coisa, aí largava apanhar a água do Gado e o povo ciuando porque o povo ia ficar sem água. (ANATIVIDADE, 62 anos)

Além disso, o Caldeirão do Gado se destaca por ser a fonte de água onde as lavadeiras iam lavar as roupas dos seus familiares e até mesmo para outras pessoas

Nossa colaboradora Miranda, 49 anos, nora do Sr. Elias, 71 anos e mãe da Sousa, 26 anos, relata que na sua época, não era comum ter momentos de lazer nos caldeirões e que sua finalidade era apenas para suprir as necessidades da comunidade, como por exemplo, lavar roupas: “as mulheres iam lavar roupa acocadas e os homens iam ajudar pegando água e colocando água nas bacias para as mulheres lavar roupa” (IOLENE, 49 anos). No entanto, ela afirma que

Muitas vezes as pessoas se divertiam no final de semana que as pessoas não iam lavar roupa, no domingo tinha gente que ia subir na serra, tomar banho, levavam bebida, conversavam, contavam história, porque não tinha local para as pessoas sair e se divertir (IOLENE, 49 anos).

Já o Sr. Elias, 71 anos, afirma que no seu tempo a sua diversão era banhar no Caldeirão do Gado após o serviço, enfatizando que no seu tempo não levavam bebida, porém anos mais tarde os jovens começaram a levar bebidas para se divertir; sua filha (DORALUCE, 51 anos) afirma que na época que era jovem além de ajudar seus pais buscando água e lavando roupa, o Caldeirão do Gado era utilizado como lazer para nadar e banhar apenas nos finais de semana, ela relata que as vezes as pessoas levavam comida e bebida “As pessoas pulavam das pedras para nadar”

No tempo dos rapaizim, eles subiam lá em cima da parede do caldeirão do Gado e timbugava dentro do caldeirão, aí todo mundo ficava nervoso, com medo de fazer um dano (um acidente), caldeirão aí cheio, isso depois que fizeram a reforma, eles faziam essas armadas, banhavam lá. (ANATIVIDADE, 62 anos)

A Doraluce, 51 anos relata que apesar de ser muito jovem naquela época, ela recorda ter vivenciado o período em que algumas pessoas cultivavam plantação de fumo nas proximidades dos caldeirões para utilizar daquelas águas para regar suas plantações.

Teve uma época que eu e meu irmão quando pequenos, não sei quantos anos eu tinha, eu me lembro dos canteiros de fumo que minha mãe plantava e outras pessoal que labutava com fumo, próximo aos caldeirões tinha os canteiros de cada pessoa aí eram aguados com a água dos caldeirões do gado e dos porcos (DORALUCE, 51 anos).

Podemos notar uma variação nos relatos dos nossos colaboradores da faixa etária dos 26 anos aos 34 anos em relação as pessoas mais velhas, pois como dito anteriormente, os jovens acostumavam ajudar seus pais buscando água para suas necessidades diárias, no entanto, os significados dos caldeirões para esse grupo vão para além das necessidades diárias, o Caldeirão do Gado, por exemplo, era visto como um local de lazer e convívio social.

Caldeirão do Gado foi o oásis da comunidade no tempo da seca, lá era o nosso lugar, era o lugar de nos tomarmos banho, buscar água para lavar a louça, lavar a roupa e além dos trabalhos era o nosso

lugar de lazer também, o que nós não tínhamos de celular, música lá no caldeirão do Gado completava tudo, era alegria, os risos era as aventuras, era tudo. A nossa praça, internet tudo se englobava lá (JOSÉ JUNIOR, 28 anos).

Nossa colaboradora Nilva, 34 anos relata que quando nova, as moças combinavam de se reunir com os rapazes, tomar banho e se divertir, muitas vezes as pessoas levavam bebida e disputavam para ver quem chegava primeiro nadando de um lado até o outro do caldeirão ou quem pulava do ponto mais alto das rochas para dentro do caldeirão.

Diante das falas pode-se perceber muita emoção e prazer ao recordar dos momentos vividos no Caldeirão do Gado: “Quando eu ia lá era sinônimo de alegria, as vezes encontrava alguma amiga” (MARISA, 26 anos).

Vários colaboradores relataram que também aprenderam a nadar no Caldeirão do Gado: “Foi lá que eu aprendi a nadar quando eu era pequena. A mãe da gente ia lavar roupas, aí eu aprendi a nadar lá nas lamas, nos lugares razim, até que aprendi” (IOLENE, 49 anos). Entre sorrisos, nossa colaboradora Maria Socorra, 80 anos também relata que aprendeu a nadar no caldeirão do Gado “Mais era bom, eu nadei foi muito”. A Daniela, 29 anos solta gargalhas simulando o barulho das batidas dos braços e pernas aprendendo a nadar.

Pá, pá, pá. Aprendi a nadar lá, mas era bom. Quando secava ficava água só no bojo e na grunga do caldeirão do Gado aí aprendi a nadar lá quando a grunga estava com pouca água, aí eu aprendi a nadar lá mais meus primos, só a lama, engoli muita lama (DANIELA, 29 ANOS).

Nossa colaboradora Marisa, 26 anos relata com sorriso no rosto que quase sempre ia escondido nadar no caldeirão do Gado, pois sua mãe não deixava ir sem ela, por se preocupar, pois, os caldeirões poderiam ser perigosos para as crianças, “Aprendi a nadar lá, levava barbante e garrafa pet fechada só com ar e servia de boia” (MARISA, 26 anos).

Muitos dos nossos colaboradores falam com alegria e jocosidade dos “castigos” ou “peias” (surras) que recebiam, pois, quando crianças fugiam para nadar com outras crianças no Caldeirão do Gado e aquilo para elas era seu momento de diversão; todavia, suas mães temiam, pois havia muita água e pedras perigosas, então o risco de acontecer um acidente era grande, e assim, proibiam tal prática.

Eu ainda até apanhei da mamãe, porque eu ia nadar e ela não queria que nós fosse nadar (ELENITA, 77 anos).

Eu lembro que quando eu ia buscar água de bicicleta eu ia com uma muringuinha aí já aproveitava pra banhar logo, as mães brigavam com a gente com medo de se afogar, eu ficava era horas me secando lá, chegava com as pernas tudo emburraído. A tia Lô e a Lídia que se afogaram lá e quase morreram, as duas quase morreram, o Alvaro e o filho da Colô, até eu já me afoguei (JOSÉ JUNIOR, 28 anos).

As crianças iam escondido dos pais quando tinha muita água era perigoso, mas quando a gente achava uma brechinha a gente corria pra lá, menino era terrível, aquele caldeirão tinha muita aventura que as pessoas faziam nele (WILLIAN, 29 anos).

A Daniela, 29 anos filha da Sra. Doraluce, 51 anos e neta do Sr. Elias, 71 anos, relata que ia escondido de sua mãe nadar no caldeirão do Gado, segundo sua lembrança, sua mãe não deixava ir nadar nos caldeirões, porque era proibido a entrada e suas mães tinham medo de desafiar da Dra. Niéde Guidon. Esta colaboradora contou ainda que diante da consciência que as águas ficavam “mexidas”, levantando assim a sujeira do fundo do caldeirão, então os jovens iam nadar apenas no período da tarde, para que não atrapalhassem a lavagem das roupas das senhoras. Segundo o José Junior, 28 anos, “depois da lavagem de roupa o pessoal ia tomar banho e se divertir um pouquinho, aí já vinha banhado do caldeirão”. Em meio a gargalhadas ele contou como algumas pessoas da comunidade passavam grande parte do seu tempo livre se divertindo naquele local: “Teve um tempo que eu ia buscar água lá de bicicleta e toda hora que a gente chegasse lá a Daniela tava lá, a Daniela era morta e viva no caldeirão do Gado” (JOSÉ JUNIOR, 28 anos).

Marcou muito a minha adolescência, a gente se reunia um bucadão de gente, aí ia para lá de tarde uma maloca de menino, ia escondido de nossas mães porque elas não deixavam não, a gente apanhava quando chegava, tinha que esperar se secar o corpo, a roupa. (DANIELA, 29 anos)

No período de chuva, o Willian, 29 anos relata que ia juntamente com outras crianças para O Caldeirão do Gado (Figura 19), pois quando chovia, uma cachoeira se formava e eles aproveitavam aquele momento para “curtir” a cachoeira. “Era uma infância bem saudável que graças a Deus nós conseguimos ter”. Willian (29 anos) faz uma observação sobre as crianças do passado e as crianças da atualidade “Hoje a infância das crianças é só celular e internet, só

besteira, mas aquela infância que tivemos lá atrás não existe mais. Podemos observar que nosso avô tem 95 anos e tem saúde”. Com tom saudosista ele explica que as pessoas estão modificando seus hábitos, as crianças de hoje em dia, praticamente não fazem atividades físicas como: brincar, correr, subir em árvores, ter contato com a terra e a natureza, gerando assim um estado de sedentarismo e afetando diretamente em sua saúde.



Figura 18: Crianças socializando no caldeirão do gado.
Fonte: Acervo pessoal da colaboradora Marisa, 26 anos. 2006.

A Cleiciane, 31 anos, seu irmão Willian, 29 anos, e seu primo José Junior, 28 anos contam com alegria e admiração de suas aventuras vividas no Caldeirão do Gado na infância e na adolescência, destacando como sendo o ponto de encontro de toda a comunidade (Figura 20).

Quando eu era mais molequinha 12 para 13 anos quando a gente começa a querer aprender a nadar, ficava lá nadando na sujeirinha dos bojim, levei muita lapada por que ficava lá até tarde. Falava que ia buscar água e ficava lá nadando e chegava com a lata seca, e as vezes a gente combinava de ir e levar uma bebida para ficar lá no final de semana, nosso lazer era esse. Eu ia escondida da mainha, pelo fato do período que estava muito cheio eles ficavam com receio porque estava muito cheio e poderia se afogar ou acontecer alguma coisa, aí a gente ia sem dizer e chegava toda molhada. (CLEICIANE, 31 anos)

Tinha lazer aos finais de semana, as vezes até no meio da semana os jovens costumavam ir para tomar banho e se divertir, conversar, isso servia como um lazer também, os jovens se reuniam alí e isso vem desde o começo. Mas hoje em dia já se perdeu praticamente todo esse costume, pode até observar que muitas coisas da nossa adolescência e infância já se perdera, Eu me lembro quando

aprendi a nadar, era eu, a Cleicinha, Daniela, Jordel e o Júnior, não sei se você conhece, mas no fundo tem aquela grunga e ficava só um pouquinho de água, tipo uma lama, aí ficava lá os meninos no lamaceirão mais terrível do mundo, aí a gente aprendeu a nadar assim. (WILLIAN, 29 anos)

Íamos muito lá, até chovendo a gente ia pra lá, os jovens sentiam falta daquele lugar, até porque aqui não tinha piscina, não tinha nada disso e lá era de todo mundo, eu creio que quase 100% dos que sabem nadar aprenderam lá (...) O Caldeirão do gado tem muitas coisas boas, hoje a gente dá valor aquele tempo, como falei no início nós não tínhamos celular, não tínhamos outra vida social pra sair para outros lugares, não tínhamos moto, pegávamos nossa bicicleta ou íamos a pé e lá mesmo éramos felizes, levávamos alguma coisa para beber, tirávamos fotos, brincávamos e era o dia todo assim, era o centro da diversão da comunidade, lá era o sustento da comunidade, o movimento maior da comunidade era na fonte que era chamado. As mulheres buscando água, os jovens nadando era outras lavando roupa. (JOSÉ JUNIOR, 28 anos)



Figura 19: Pessoas aproveitando o dia de lazer no caldeirão do gado.
Fonte: Acervo pessoal da colaboradora Marisa, 26 anos, 2016.

Nossa colaboradora a Marisa (26 anos) também fala da importância do Caldeirão do Gado como espaço de lazer para a comunidade do Sítio do Mocó (Figuras 21 e 22), bem como das brincadeiras que eram realizadas no local:

As pessoas gostavam de se reunir, principalmente os adolescentes, pra brincar, nadar, tomar banho de tardezinha ou final de semana para se divertir mesmo, porque aqui na comunidade não tinha muitas opções ou nenhuma opção de lazer ou era os caldeirões ou era ficar brincando em casa mesmo, porém essa atividade era só no Caldeirão do Gado mesmo. Lembro que havia disputa de nado de quem chegava de uma parede para outra e tinha outra que enchia a garrafa, eu não brincava porque não sabia mergulhar, mas os meninos

enchiam uma garrafa de 2 litros de água e jogava no fundo e quem conseguisse pegar primeiro ganhava a brincadeira (MARISA, 26 anos).



Figura 20: Jovens socializando no caldeirão do gado.

Fonte: acervo pessoal da colaboradora Marisa, 26 anos, 2014.



de lazer

Figura 21: Colaboradoras Cleiciane e Marisa em um dia

no caldeirão do gado, 2014.

Fonte: Acervo pessoal da colaboradora Marisa , 26 anos.

Questionado como os jovens socializavam no Caldeirão do Gado o nosso colaborador Willian , 29 anos responde que os jovens brincavam de encher as garrafas pet de 2 litros e jogavam no fundo do caldeirão do Gado “para quem achasse primeiro fosse o vitorioso”. Também havia desafios pra ver quem atravessava de um lado ao outro mergulhando “de vez enquanto um tacava a testa na pedra e ficava roxa”; e “disputas para saber quem tinha coragem de pular do ponto mais alto que seria o chamado “Biquinho” (Figura 23). Ele explicou que quando o caldeirão secava dava para saber qual era a parte mais funda, então na hora de pular tinha todo um cálculo e dependendo da altura a pessoa tinha que saber se naquela altura poderia ou não pegar impulso, pois poderia acabar batendo nas rochas.

Me lembro de duas vezes, o Júnior pulou do biquinho e deu um impulso grande e chegou a encostar na pedra, nesse dia ficamos com medo e outra vez foi o Joelson que pulou bêbado de uma parte lá e só fez se soltar aí tinha a pedra e ele desceu triscando na pedra, ficou todo machucado, bateu o peito na água e ficou vários dias doente. (WILLIAN, 29 anos)



Figura 22: Jovem pulando do biquinho, ponto mais alto do caldeirão do Gado.
Fonte: Acervo pessoal da colaboradora Marisa, 26 anos, 2020.

Os colaboradores Cleiciane, 31 anos; Willian, 29 anos; Daniela, 29 anos; José Junior, 28 anos e Marisa, 26 anos afirmam que havia ainda competições de travessia de um lado para o outro para ver quem nadava melhor e mais rápido, quem mergulhava mais fundo, quem pulava dos locais mais altos, porém Daniela, 29 anos afirma que não tinha coragem de pular, pois era muito alto e perigoso. “Havia competição de quem chegava na parede ou quem chegava no fundo de um lado para o outro, tinha aquela da garrafa que jogava a garrafa seca uma para o outro como se fosse time” (CLEICIANE, 31 anos).

Ao longo da conversa o Willian, 29 anos confidenciou que durante seu período de adolescência os jovens da sua idade organizavam piqueniques com cestas recheada de alimentos, frutas e bebidas alcoólicas para passar o dia,

aproveitando assim o “lazer²¹” nos caldeirões “eu particularmente já cheguei a levar muita bebida”. Este cenário também foi descrito por outros entrevistados:

Algumas pessoas levavam bebidas para beber lá, refrigerante, cachaça mesmo, eu não levava não porque eu ia pra lá era só pra nadar mesmo. As pessoas gostavam muito de ir pra lá tirar foto também, juntava um monte de gente pra tirar foto nas pedras. (DANIELA, 29 anos).

Além de ser um espaço de lazer e para a realização de atividades domésticas, em certos momentos, o Caldeirão do Gado foi o cenário para a celebração de atos/rituais religiosos. Ali, segundo o Willian, 29 anos, foram realizados dois ou três batismos da igreja evangélica Assembleia de Deus Missões (Figuras 24 e 25), na época foi pedido a autorização para que fosse possível realizar o evento do batismo nas águas do Caldeirão do Gado “Conversamos com a dona Bete e ela concedeu o espaço, acredito que a Bete seria a responsável pela manutenção do parque” (WILLIAN, 29 anos).

Ao longo da entrevista foi possível perceber que esse caldeirão foi muito importante para Willian, 29 anos, sendo um cenário constante de lembranças de diferentes momentos da sua vida. Na infância o mesmo brincava nesses locais com seus primos, na sua adolescência fez parte dos grupos de jovens que iam confraternizar levando comida e bebida alcoólica e, como ele fez questão de ressaltar, já na sua vida adulta mudou seus hábitos sociais e teve o “privilégio de se batizar no Caldeirão do Gado” e se tornar um membro oficial do grupo evangélico da comunidade Sítio do Mocó.

²¹ Além dos caldeirões, o Willian, 29 anos citou a Toca do Cruzeiro, que está localizada atualmente no interior do PARNA como um outro local de lazer, no qual os jovens iam com suas cestas recheadas de alimento e bebida para fazer piqueniques “Era interessante aquilo”. Para mais informações sobre a Toca do Cruzeiro ver o trabalho de Sousa (2019).



Figura 23: Batizado evangélico no caldeirão do gado.
Fonte: Acervo pessoal do colaborador willian, 29 anos, 2019.



Figura 24: Batizado evangélico no caldeirão do gado.
Fonte: Acervo pessoal do colaborador Willian, 29 anos, 2019.

Já para o grupo de adolescentes e crianças percebesse que ao decorrer das gerações e modernização da comunidade e a proibição de acesso a esses locais devido a criação do PARNA, as histórias e memórias sobre os caldeirões são menos frequentes, todavia, sua importância ainda pode ser percebida nas falas das colaboradoras Sara, 16 anos; Gabriela, 14 anos e Evilly, 12 anos.

A jovem Gabriela, 14 anos, filha da colaboradora Nilva, 34 anos, relata com uma certa timidez que conhece alguns caldeirões como o do Gado, Grande, Porcos e Do Avô, e assegura que foi uma vez com sua tia que na época era guariteira do PARNA para que a jovem pudesse conhecer e tirar foto, no entanto a jovem já ouviu histórias de sua mãe de quando a mesma lavava roupa nos

caldeirões. Quando questionada se os caldeirões tinham importância para a história da comunidade, a mesma respondeu,

Eu acho que os caldeirões são importantes pra saber a história dos mais velhos” (GABRIELA, 14 anos).

Já a colaboradora Evilly, 12 anos, neta dos colaboradores Elias, 71 anos; Anatividade, 62 anos e bisneta do Sr. Onofre, 95 anos, afirma conhecer apenas o Caldeirão do Gado, porém já ouviu falar de outros caldeirões, no entanto não se recorda dos seus respectivos nomes. Ela afirma que atualmente não costuma frequentar esses locais pois é proibido pela direção do PARNA, porém já visitou duas vezes, apenas para conhecer visitar e tirar foto, na primeira vez: “Eu fui com a mãe e as tias, na segunda vez eu fui mais meus primos” (EVILLY, 12 anos). Quando levantamos a questão de importância dos caldeirões a jovem afirma não entender se tem ou não importância para a história da comunidade.

Na conversa com a jovem Sara, 16 anos, foi possível perceber o interesse em ir visitar e saber como são esses locais de memória, porém a tradição de frequentar esses locais vem se perdendo ao decorrer das gerações, pois devido a criação e proibição da entrada “irregular” sem o acompanhamento de um guia de turismo das pessoas em áreas que estão localizadas no interior do PARNA, os moradores das áreas limítrofes ao parque acabam por não mais frequentando locais que eram importantes para eles ou para seus familiares, o que gera não apenas tristeza e frustração em alguns (especialmente pessoas mais velhas e adultos), como também a impossibilidade de manutenção de laços de vivência e construção de novas experiências com esses locais (adolescentes e crianças).

Assim, a Sara, 16 anos relata que nunca frequentou os caldeirões, apenas ouviu falar das suas existências, porém não se recorda quais são os seus respectivos nomes. “Não tive oportunidade de ir lá, e não tem acompanhante, só vi na internet ou por foto, que lá é um lugar lindo e extraordinário para tirar foto e é uma paisagem cultural” (SARRA, 16 anos). Apesar de não os conhecer pessoalmente, acredita que esses locais “São importante, da história para a comunidade, porque é um lugar histórico e lindo” (SARRA, 16 anos).

4.2.2. Caldeirão do Grande ou Caldeirão da Chiquinha

Segundo nossos colaboradores, o nome desse caldeirão se deve ao seu tamanho avantajado, pois “Se você for ver é tipo um marmitão geológico, é um caldeirão grande” (NESTOR NETO, 39 anos). Esse mesmo lugar também é designado por algumas pessoas como Caldeirão da Chiquinha. Durante as entrevistas, o nome Chiquinha apareceu algumas vezes sendo ela a primeira dona do caldeirão que hoje conhecemos como o Grande, porém quando perguntávamos quem seria essa Chiquinha as pessoas não souberam explicar, apenas ouviram falar “Chamam ele de Caldeirão Grande, Caldeirão da véia Chiquinha, essa Chiquinha eu não sei quem é não” (ONOFRE, 95 anos).

Atualmente este caldeirão se encontra nas terras que pertencem ao PARNA Serra da Capivara, que fica nas proximidades da comunidade Sítio do Mocó. No entanto o caldeirão está em área protegida e preservada, a visitação a esse caldeirão só pode ser feita com o acompanhamento de um guia responsável.

Nossos colaboradores destacaram que as características geomorfológicas deste caldeirão e do seu entorno dificultavam o trabalho de coleta da água, entretanto, apesar disso esse era um local muito utilizado pelos moradores do Sítio do Mocó:

O caldeirão Grande era na forma de um caldeirão mesmo, o acesso a água era mais difícil mesmo porque tinha que colocar a corda pra jogar lá, no Gado tinha uma parede pra locomoção e no Grande não tinha tanta facilidade e a água era mais clarinha, eu nunca consegui saber porque aquela água era sempre branquinha (CLEICIANE, 31 anos).

Não consigo entender aquele tempo porque o pessoal não tinha uma ideia de fazer uma escada, colocava era um tronco e descia, enchia o balde e entregava para o outro lá em cima, o caldeirão do Grande fica entre o caldeirão do Gado e do Avô e dos caldeirões do Branquim, fica em uma reta geológica (NESTOR NETO, 39 anos).

De acordo com os moradores mais velhos a água desse reservatório natural era utilizada exclusivamente para “o consumo de beber”:

Porque era mais reservado, era mais difícil de entrar animal. As pessoas pegavam para beber, a gente bebia água dele porque não tinha reservatório de água em casa pra ajuntar água da chuva (IOLENE, 49 anos).

Esse da Chiquinha mesmo era muito movimentado, povo descia ali com a lata na cabeça. Era igual a esse museu aí, era gente

toda hora, esses outros que falei ficavam nas roças, aí quando ia pra roça, já tinha água lá dele cozinhar, beber. (ELIAS, 71 anos)

Os termos pote e filtro foram bastante utilizados para se referir a este caldeirão durante as entrevistas, pois aquele era o local onde as pessoas tiravam água para beber:

Era sempre uma água mais limpa, era o pote da gente, era a água que tinha, o caldeirão era mais limpo (PEDRO, 59 anos).

O caldeirão Grande pra nós era como se fosse um filtro, era a água melhor que nós bebíamos era do caldeirão Grande, nós consideramos como se fosse um filtro” (ELENITA, 77 anos).

Ao longo das conversas com nossos colaboradores, percebemos o cuidado que havia com esse caldeirão, por ser uma fonte muito limpa capaz de saciar a sede da população:

Em consciência a comunidade deixava só para beber e cozinhar e ninguém podia pular dentro, porque sabia que os outros caldeirões estavam sujeitos a criançada a brincar e banhar dentro (NESTOR NETO, 39 anos).

Se a gente visse outra pessoa que apanhava água do Grande que não fosse para beber, a gente já reclamava, qualquer um podia reclamar, porque esse era só pra beber (PEDRO, 54 anos).

Alguns dos nossos colaboradores mais jovens, que nasceram após o Sítio do Mocó já contar com o sistema de água encanada, falam de outros usos do Caldeirão Grande: “O Grande a água era mais limpa e o pessoal pegava pra labutar assim na casa, no meu tempo não lembro de buscar água lá pra beber” (DANIELA, 29 anos).

Apesar de todos os entrevistados ressaltarem que a água deste caldeirão era a mais limpa, e a mais utilizada para o consumo humano, um dos entrevistados mais jovens sugeriu que talvez o consumo destas águas possa ter causado problemas de saúde nas pessoas da comunidade:

Eu acho que hoje o pessoal mais velho principalmente, tem até muito mais problemas nos rins e na vesícula devido essa água ter muito ferro, além de sujeita, xixi de mocó. A rocha concentra muito ferro, então devido a água ficar acumulada muito tempo ali ela vai absorvendo muito ferro. (NESTOR NETO, 39 anos).

Através das entrevistas realizadas fica evidente que, diferente do Caldeirão do Gado, o uso do Caldeirão grande era mais especializado, ou seja, as pessoas

recorriam aquele local majoritariamente para a coleta de água destinada, principalmente para o consumo humano. Sendo que, tanto a dificuldade de acesso à área, quanto os acordos estabelecidos, ainda que de modo não formal, comunitariamente transformaram aquele local em uma das principais fontes de água para as pessoas do Sítio do Mocó, antes da criação do PARNA Serra da Capivara.

4.2.3. Caldeirão da Bernaldina ou Caldeirão do Zé Gregório

O Caldeirão da Bernaldina ou como muitos chamam caldeirão do Zé Gregório, também é um caldeirão muito importante para a comunidade, sendo um dos mais utilizados.

Os caldeirões mais usados era o da Bernaldina, da Porta, Gado e da Chiquinha (ELIAS, 71 anos).

Geralmente o Caldeirão do Gado, dos Porcos, da Bernaldina, do Avô eram os mais utilizados (NESTOR NETO, 39 anos).

Nossos colaboradores afirmam que a designação, ou a duplicidade de nomes, desse caldeirão faz referência a um casal que morou em uma “toca” (abrigo sob rocha) localizada ao lado desta fonte de água antes da criação do PARNA. Sendo que ainda hoje é possível averiguar vestígios da época em que eles habitaram a toca (Figura 26).

Foi descoberto por ela e por isso seu nome, era em suas terras. O Zé Gregório morava lá de junto do caldeirão na toca. (ANATIVIDADE, 62 anos).



Figura 25: Caldeirão da Bernaldina ou do Zé Gregório.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.

Nossa colaboradora Nilva, 34 anos, relata que esse caldeirão era da sua bisavó, a quem ela se refere como “mãezinha Bernaldina”. Ela também afirma que o local recebeu esse nome devido sua avó ter morado em uma toca próximo ao caldeirão. O colaborador Nestor Neto, 39 anos, também afirma que tinha laços de parentesco com a antiga dona deste caldeirão, explica como esses locais eram nomeados e fala das estruturas que haviam no local quando ele era habitado (Figura 27):

Geralmente o que eu me lembro que minha mãe foi passando pra gente, os nomes dos caldeirões tinham haver com a pessoa que seria o dono, por exemplo caldeirão da Bernaldina ali, pra quem não sabe é minha bisavó, chegou a morar aqui no caldeirão, tem uma estrutura como se fosse uma parte do forno, devido está no lado usufruindo como posse aí deram o nome Bernaldina, os nomes geralmente tem a ver com alguma coisa, história do local (NESTOR NETO, 39 anos).



Figura 26: Toca com vestígios da residência da Bernaldina.
Fonte: Acervo particular da autora, 2019.

Segundo os relatos colhidos o caldeirão da Bernaldina ou Caldeirão do Zé Gregório era utilizado para “beber”, lavar a louça, tomar banho e lavar roupa nas suas próprias pedras, sendo utilizado tanto pelo Sr. Bernaldina e Zé Gregório como também pelas outras pessoas da comunidade Sítio do Mocó.

O caldeirão do Gado era pra banhar e lavar roupa e fazer as outras coisas e o da Bernaldina era para beber e o Grande também para beber e os Branquim para lavar roupa (DORALUCE, 51 anos).

A gente também bebia água de lá. (SANTOS, 2021, 62 anos)

Nosso colaborador mais velho, o senhor Onofre, 95 anos, gargalhava ao lembrar que:

O caldeirão Grande e do Zé Gregório era pra beber e lavar roupa, agora hoje em dia eu quero ver quem quer beber água desses caldeirões de pedra, não quer de jeito nenhum. Esse a água vem de longe, lá de cima da serra e ainda eles tinham o trabalho de vir endireitar as grotas todos os anos pra águas vir e encher o caldeirão, chega a água fica por cima (ONOFRE, 95 anos).

Como fica evidente no relato acima, o trabalho coletivo dos moradores do Sítio do Mocó para “endireitar as grotas” era fundamental para aumentar a capacidade de armazenamento deste caldeirão. Garantindo assim uma fonte importante de água para o período de seca, e ao mesmo tempo reforçando os laços de solidariedade entre as pessoas da comunidade.

Para além de sua importância como fonte de recursos, o José Junior, 28 anos informa sobre a importância simbólica deste caldeirão, e também do

Caldeirão do Gado. Segundo ele, pessoas da comunidade comentam que aquela é “uma área espiritual”, pois em suas rochas há duas marcas do pé de Jesus Cristo, um no caldeirão da Bernaldina de quando Jesus Cristo era mais jovem e outro no caldeirão do Gado quando o mesmo era criança. Uma informação semelhante foi dada pela colaboradora Maria Socorra, 80 anos, que também menciona outras áreas que também teriam essas marcas:

Alguns dizem que era de Jesus e outros dizem que foi sinal que Deus deixou dos anjos da prova que ele passou por lá. (...) Na pedra furada tem uns caldeirões e de frente tem o rastro de pé descalço bem visível na pedra (MARIA SOCORRA, 80 anos).

Infelizmente, neste momento, não foi possível irmos até esses locais e registrar as marcas indicadas por nossos colaboradores, pois como mencionado essas áreas atualmente fazem parte do Parque Nacional Serra da Capivara, e além disso, a visita ao Parque foi restrita durante a pandemia de Covid-19.

4.2.4. Caldeirão da Porta

No decorrer das entrevistas o nome Caldeirão da Porta foi citado algumas vezes por nossos colaboradores como sendo um dos únicos caldeirões que ainda hoje é utilizado por parte dos moradores do Sítio do Mocó, membros da família Sr. Elias, 71 anos que antes da criação do PARNA era dona das terras onde este caldeirão está localizado.

O Sr. Elias, 71 anos, dono do Caldeirão da Porta, nos contou que nasceu na comunidade Zabelê e com 13 anos se mudou para a comunidade Sítio do Mocó e aos 19 anos casou-se com sua esposa que também era integrante da antiga comunidade Zabelê, ele afirma que comprou a propriedade na qual o caldeirão está localizado do Sr. Tomé. O Sr. Elias, 71 anos, lembra que no período de escassez de água, quando a água dos outros caldeirões acabava, o Sr. Tomé cedia o seu antigo caldeirão para que as pessoas pegassem uma moringa de água por pessoa, no entanto quando Sr. Elias, 71 anos adquiriu essas terras com o caldeirão, já havia uma “melhoria de vida em relação a água”, e o caldeirão passou a ser usado apenas por seus familiares. Uma informação semelhante foi relatada pela colaboradora Iolene, 49 anos:

Antes do meu sogro comprar as terras com o Caldeirão da Porta o seu antigo dono cedia água para as mulheres com filhos pequenos para que os mesmos pudessem beber sua água, isso ocorria apenas quando ocorria o esvaziamento dos outros caldeirões (IOLENE, 49 anos).

Antes da década de 1970 o Sr. Elias, 71 anos era proprietário de várias terras, assim como tantos outros moradores da comunidade Sítio do Mocó, no entanto houve a desapropriação de parte suas propriedades para a criação do PARNA e o mesmo foi indenizado. Dentre as terras desapropriadas estava a área onde se encontra o Caldeirão da Porta, todavia, segundo o Sr. Elias, 71 anos, no processo de desapropriação foi feito um acordo e a doutora Niede Guidon concedeu a permissão para que fosse instalado um encanamento entre o caldeirão e a casa do o Sr. Elias, 71 anos, para que ele e sua família pudessem continuar a utilizar aquela fonte de água.

Foi feito um acordo com a Niéde por causa que ficava na área do Parque, porque de qualquer maneira ela ia botar a cerca, aí eu disse que eu ficava com meu caldeirão, aí eu queria que ela me desse um papel assinado e ela não me deu, depois ela disse que botava uma cancela e você entra e sai e tranca a cancela, a cancela é sua, ela me deu. Eu tenho acesso de alimpar e cuidar dele, encanei água pra casa, só quem usa é a família, quando era o outro dono, os outros usavam (ELIAS, 71 anos).

Assim sendo, graças a esse acordo, atualmente apenas esse caldeirão é utilizado pelos moradores da comunidade, como relatam as Sras. Iolene, 49 anos e Doraluce, 51 anos (respectivamente nora e filha do Sr. Elias, 71 anos):

Só o caldeirão da Porta [continua a ser utilizado] porque é o caldeirão da família, foi feito a encanação e só entra lá quando é pra fazer a limpeza e manutenção, quando tem um vazamento na parede meu sogro ou algum filho vai lá e concerta. (IOLENE, 49 anos)

Só o caldeirão da Porta que é utilizado, é da família, tem água encanada, quando falta água salgada aí a gente labuta com ela. Foi combinado com o papai pra gente utilizar a água que é encanada e entrar lá só para limpeza. A parede é de pedra e era furada em baixo aí papai derrubou a parede de pedra e fez de cimento para poder segurar mais água (DORALUCE, 51 anos).

Assim, o Sr. Elias, 71 anos, foi o responsável pela construção de uma parede de 2 por 2 metros de largura, que aumentou a capacidade do Caldeirão da Porta, que segundo suas informações atualmente possui 6 metros de

profundidade e 10 metros de largura, sendo que sua capacidade de armazenamento é de aproximadamente 70 mil litros de água, ou até mais (Figura 28. Deste modo, a água consumida pelo o Sr. Elias, 71 anos, e por parte da sua família, ainda provêm do “seu caldeirão” que ele e a família continuam cuidando e realizando a manutenção.

Deste modo, não por acaso, segundo nossa colaboradora Maria Socorra, 80 anos, a qualidade da água do Caldeirão da Porta era superior aos demais pois,

Água melhor que tinha era desse caldeirão, porque era guardadinha, não tinha bicho para fazer porqueira, por que nos outros pra cá tinha as cabras, os bichos (MARIA SOCORRA, 80 anos).

Quanto ao epíteto desse caldeirão, segundo Sr. Elias, 71 anos o nome foi dado devido a formação rochosa que dá acesso, e forma, a entrada do caldeirão lembrar o formato de uma porta.



Figura 27: Escada para a manutenção do caldeirão da porta.

Fonte: acervo pessoal da autora, 2021.

Em seguida descreverei alguns caldeirões que foram citados por alguns colaboradores como sendo “caldeirões reservas” ou de difícil acesso, mas que, no entanto, eram utilizados como um último recurso de água para comunidade.

4.2.5. Caldeirão do Avô ou Caldeirão do Aniceto

Como dito no capítulo anterior o Caldeirão do Avô teve como seu primeiro dono o Sr. Aniceto que foi um dos primeiros moradores da comunidade Sítio do Mocó, e como ele teve uma grande quantidade de netos que continuaram a usar aquele espaço e/ou ouviram histórias sobre ele o Caldeirão do Aniceto também passou a ser designado de Caldeirão do Avô.

Tem o caldeirão do Gado, Caldeirão Grande aí mais pra lá o do Vô Aniceto e nos fundos da escola da Dra. tem o caldeirão do Zé Gregório (ANATIVIDADE, 62 anos).

Este caldeirão era menor, e devido as suas características naturais acumularia um volume de água menor, sendo utilizado principalmente como local para se lavar roupa:

O caldeirão do véi Aniceto era de lavar roupa, fica lá por de traz do caldeirão Grande, esse caldeirão aí não sei em como entrava água para ele, o lajedo é plano e não tem goteira pra descer água pra ele (ONOFRE, 95 anos).

Eu também não sei como a água descia para ele, ele era até ruim pra encher mesmo (ANATIVIDADE, 62 anos).

Por causa do difícil acesso, o Caldeirão do Avô era utilizado apenas quando havia muitas mulheres lavando roupa no Caldeirão do Gado, então, por não haver vaga no outro caldeirão, as mulheres iam para o Caldeirão do Avô, este caldeirão também era utilizado quando as águas dos caldeirões mais próximos, como o do Gado ou da Bernaldina, acabavam, pelo uso em massa e pela falta de chuvas.

O caldeirão do Avô fica mais difícil de subir, os Claro também, a gente só consumia eles quando acabava os caldeirões mais baixos” (IOLENE, 49 anos).

Ao longo da nossa conversa com o colaborador Nestor Neto, 39 anos, ao compartilhar suas histórias, deixa transparecer as alegrias e saudades de suas vivências na infância e adolescência nos caldeirões. Dentre essas lembranças ele nos contou como além de recursos hídricos os caldeirões, em especial o Caldeirão do Avô, também eram locais importantes para garantir a alimentação, através da caça de subsistência:

Eu lembro quando eu era criança, as vezes a gente ia ajudar as nossas mães a lavar roupa e como naquela época as necessidades era muito carente para a gente, além de a gente vir ajudar colocar água para ela, durante os intervalos que a vasilha estava cheia a gente aproveitava ao redor da caatinga do lado do caldeirão pra matar as roliazinhas, pombos de baladeira, além de você estar ajudando, já podia levar alguma carne para a casa, porque saía de casa e não tinha nada para comer então era uma forma da gente sobreviver também. Chegava até ser perigoso as vezes um monte de mulher lavando roupa nas rochas e a gente atirando de baladeira e a pedra passava pertinho delas, escutava só as mulheres gritar: tu vai me matar. (...) Outra coisa interessante era que a gente utilizava os caldeirões para esperar meio dia o Popago e Juriti pra você matar e levar para casa, porque sabia que eles iam beber água. O caldeirão dos Avôs era mestre pra gente fazer isso, quando a gente era menino, a gente se escondia para esperar. (NESTOR NETO, 39 anos)

Portanto, podemos perceber como os caldeirões estão associados a diferentes esferas do modo de vida das pessoas que moram no Sítio do Mocó, e como a proibição de acesso e uso tradicional destes espaços certamente impossibilitou, e até mesmo criminalizou, a manutenção de atividades que eram importantes para a subsistência de alguns moradores locais.

4.2.6. *Caldeirão dos Porcos*

Por ser de fácil acesso, este caldeirão tinha como principal finalidade saciar a sede dos porcos e de outros animais. Era comum e frequente a presença de porcos neste caldeirão, por isso, foi denominado Caldeirão dos Porcos (Figura 29).

Às vezes a gente ia buscar água e os porcos estavam naquele caldeirão que fica na planície ali e tinham facilidade de entrar e se lamear (NESTOR NETO, 39 anos).

Era lugar dos porcos porque era baixo, os porcos iam beber e se lamear (MARIA SOCORRA, 80 anos).

Por alto eu ouvi falar quando criança que no Caldeirão do Gado era porque o gado bebia quando não havia parede, o da Bernaldina é porque tinha uma senhora que era dona do caldeirão e morava lá perto, o dos Porcos era porque os animais bebiam, os porcos eles ficavam ali por baixo no caldeirão, então eles tinham mais acesso, bebiam e se lameavam (MARISA, 26 anos).

Assim, a princípio as águas deste caldeirão não eram empregadas para o consumo humano ou para atividades domésticas, sendo, todavia, um recurso indispensável para viabilizar a criação de animais, o que se configura como um elemento fundamental da economia de subsistência que era, e ainda é praticada por muitas famílias do Sítio do Mocó.



Figura 28: Caldeirão dos porcos.
Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

4.2.7. Caldeirão dos Branquim

Os nossos colaboradores alegam que por sua água ter uma coloração branca, o mesmo ficou conhecido como o Caldeirão dos Branquim. A água tinha como finalidade a lavagem de roupa e para uso doméstico.

A água dele é bem branquinha (ANATIVIDADE, 62 anos).

É porque sua água passava por um aterro, e o aterro era um pó branco aí a água ficava leitosa, por isso esse nome (PEDRO, 54 anos).

A água era branquinha devido o sangramento do caldeirão do Gado a água ia passando para o Branquinho, vinha limpinha (ELIAS, 71 anos).

4.2.8. Caldeirão das Porteiras

Segundo nossos colaboradores, esse caldeirão recebe esse nome por estar próximo a entrada do Baixão das Mulheres próximo a uma guarita que dá acesso a entrada do Parna Serra da Capivara, e para entrar nessa área é necessário passar por uma porteira.

Segundo a colaboradora Maria Socorra, 80 anos, esse caldeirão fornecia água para consumo e atividades domésticas (lavar roupa); ao falar deste local, e rememorar todo o sofrimento encontrado em sua caminhada durante sua vida no período da lavagem de roupa nos caldeirões ela sorriu e agradeceu a Deus por ter conseguido passar por momentos difíceis, onde a escassez da água era constante:

Tem o das Porteira bem ali na entrada do Baixão, era o caldeirão da gente pegar água, lavar. Ainda bem que acabou, agora é água encanada (MARIA SOCORRA, 80 anos).

4.2.9. Caldeirão dos Claros

Como dito anteriormente, muitos dos caldeirões recebiam os nomes das pessoas que o descobriam e ou eram proprietários das terras onde essas fontes de água estavam localizadas; sendo está a justificativa para a designação deste caldeirão que, segundo nossos colaboradores, ficava na propriedade que pertencia ao Sr. Domingo Claro.

Tem o caldeirão dos Claros que é lá na roça do Domingo. Era dos nossos Avôs, que fica na roça do Domingo Claro (ELIAS, 71 anos).

Este caldeirão também era utilizado como local para a lavagem das roupas, especialmente quando os demais caldeirões estavam secos ou ocupados por um grande número de pessoas:

Nós íamos para o caldeirão do tio Domingo lavar roupa, fica lá no Baixão, era um caldeirão que fica na serra aí a gente pra pegar água é um pouco difícil, foi ele mesmo que fez, a grotta cai em cima. A corrente é forte quando vem esvazia a terra que vem, a água tira a terra. (ANATIVIDADE, 62 anos)

4.2.10. *Caldeirão dos Cambambá*

O caldeirão dos Cambambá é um caldeirão natural, ou seja, não teve nenhuma intervenção humana e está localizado no entorno da área da Pedra Furada, suas águas eram utilizadas para lavar roupas, porém, isto ocorria somente quando os outros caldeirões estavam secos.

Lá no Baixão tinha uns caldeirões que a gente lavava roupa quando as outras águas acabavam, eu lembro dos Cambambá (PEDRO, 54 anos).

Nós íamos lavar roupa no Cambambá que fica lá na Pedra Furada. A corrente é muito forte da água que vem, foi batendo, batendo, até que abriu o caldeirão (ANATIVIDADE, 62 anos).

4.2.11. *Caldeirão da Escada*

Durante os relatos dos nossos colaboradores, o nome caldeirão da Escada foi citado algumas vezes, quando questionado o porquê do seu nome, nossos colaboradores afirmaram que o caldeirão em questão está localizado no território do Parna Serra da Capivara um pouco mais longe do que os caldeirões citados anteriormente em relação a comunidade Sítio do Mocó e que para ter acesso a esse caldeirão natural as pessoas teriam que subir em uma escada.

Recebeu esse nome devido o mesmo ficar em um lugar alto e precisava de uma escada para subir, ficava nas terras do tio Sansão” (ANATIVIDADE, 2021, 62 anos).

Apesar do seu difícil acesso, as pessoas iam a este caldeirão tanto para coletar água para o consumo familiar, quanto para lavar roupa:

Nós íamos lavar roupa no caldeirão da Escada, também no Boqueirão da Pedra Furada, lá pra dentro, indo para a subida do antigo Zabelê. Era até nas terras do tio Sansão. Ali foram as águas que fizeram. Agora o que tem um caldeirão lá em cima que as águas fizeram, a grotta desse e a água enche um caldeirão e desce para um de baixo, só que o que fica em baixo é entupido, mas a gente jogava a

água de lá de cima para o de baixo, pra poder pegar água, a gente lavava pano em tanto caldeirão. (ANATIVIDADE, 62 anos)

O caldeirão do Escada não sei nem como acharam aquele caldeirão porque ele fica no meio da serra subindo em uma escadinha, eu subi muito lá pra apanhar água porque eu trabalhava lá fazendo derribada mais o Sansão e o caldeirão é grande. (ONOFRE, 95 anos)

4.2.12. *Caldeirão da Mãe Ana ou Vózinha ou Tapagem*

Durante as entrevistas nos deparamos com algumas nomenclaturas diferente, no entanto analisando as informações cedidas por nossos colaboradores, percebemos que as diferentes denominações se referiam a esse caldeirão, as pessoas o apresentavam como da Mãe Ana, Vózinha ou caldeirão da Tapagem, que está localizado na área do Parna, próximo ao boqueirão da Pedra Furada.

Tem o da Pedra Furada da Mãe Ana que chamava Tapagem, nós lavava roupa lá (ELENITA, 77 anos).

Quando perguntamos por que o nome Vózinha a nossa colaboradora Anatividade, 62 anos, afirmou:

Ela era nossa Avó e ficava na rocinha dela, caldeirão da Vózinha, fica nos mangueiros, lá não é muito pequenininho não. A correnteza de lá é boa, deve ter qualquer tanto de água (ANATIVIDADE, 62 anos).

4.2.13. *Caldeirão da Demar ou Caldeirão do Francisco*

Por pertencer a antiga roça do casal Francisco e Ildemar, seus familiares sempre se referiam com os seus respectivos nomes. O caldeirão em questão está localizado no percurso do Parna conhecido como Baixão das Mulheres, que fica próximo à comunidade Sítio do Mocó.

Tinha o caldeirão da Demar, ficava lá no final do Baixão. Quando a gente ia lavar pano a gente dizia que ia para o caldeirão da Demar, saía das roças aí entrava em um carreiro aí a gente subia no lajedo para chegar no caldeirão. (PEDRO, 54 anos).

Meu pai tinha uma rocinha lá nos fundos do Baixão, aí a gente descobriu um caldeirão bem pequeno nas terras, aí quando acabava todas as águas aqui perto, a família toda ia pra lá lavar roupa, eu, minha mãe, as irmãs dela. Quando a água acabava porque era pequeno, a

gente puxava toda a área que ficava no fundo para que juntasse novamente água. (IOLENE, 49 anos)

Lembro-me de um episódio de quando eu era bem pequena, minha mãe havia ido lavar roupa no Baixão, no entanto minha irmã Marisa e eu não sabíamos qual era o caldeirão que nossa mãe estava, então decidimos seguir suas pegadas, caminhamos bastante em direção ao Baixão das Mulheres, sempre íamos encontrando alguém vindo com suas trouxas de roupa, quando chegamos ao fim das pegadas, nos deparamos com um caldeirão de difícil acesso e perigoso, então resolvemos gritar nossa mãe Iolene e foi aí que ela respondeu falando que não era pra nós subirmos, pois era perigoso. Sempre carreguei comigo essa memória, no entanto, não sabia o nome desse caldeirão. Então foi em uma conversa com minha mãe sobre a minha monografia, e recordando essas lembranças e ao relatar que não sabia o nome do dito caldeirão, para a minha surpresa a minha mãe me revelou que aquele era o Caldeirão da Demar e do Francisco, que era o caldeirão dos meus avós.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto no primeiro capítulo, foi possível perceber como a paisagem é construída e modificada por grupos humanos para suprir suas necessidades, tornando-se assim ambientes socialmente construídos. Levando em consideração essa vertente sobre a arqueologia da paisagem, podemos perceber um dos possíveis motivos pelos quais os primeiros moradores da comunidade Sítio do Mocó optaram por se estabelecer na devida região, foi o fácil acesso para alguns caldeirões naturais que são capazes de armazenar águas da chuva no período da estiagem e assim contribuir para que as relações sociais e com o meio fossem empreendidas naquela área.

Como discutido no capítulo dois, os caldeirões foram essenciais para o processo de povoamento da comunidade Sítio do Mocó, através das narrativas de um dos nossos colaboradores é possível perceber a influência das comunidades indígenas e das fazendas no início da colonização do Piauí. E, ainda hoje, podemos perceber o protagonismo e importância desses indígenas que por muito tempo habitaram na região onde foi realizada nossa pesquisa, e deixaram suas marcas nas rochas próximo aos caldeirões naturais.

Assim, mesmo que a historiografia e as fontes oficiais não saibam ao certo como se deu o povoamento do Sítio do Mocó, com ajuda dos nossos colaboradores pudemos entender que essa comunidade começou a se formar por volta do final do século XIX e início do século XX; e também pudemos conhecer alguns personagens e eventos importantes para esse processo segundo a perspectiva de nossos colaboradores. Percebesse que o povoamento da comunidade Sítio do Mocó está intrinsecamente associado aos caldeirões. Frente a precariedade e necessidade de abastecimento de água devido aos problemas gerados diante da seca, foi graças as águas dos caldeirões que a comunidade pôde prosperar e crescer, sendo essas fontes de água sinônimo de vida e sociabilidade.

Do mesmo modo, foi através da generosidade das pessoas que se dispuseram a conversar conosco e compartilhar não apenas suas lembranças sobre os caldeirões, mas também suas dores e alegrias, que pudemos identificar

22 caldeirões que, de algum modo, eram utilizados ou lembrados pelos moradores do Sítio do Mocó, descrevendo de forma mais detalhada 13 deles. Assim, pudemos analisar a importância destes espaços para os moradores do Sítio do Mocó, compreender sua funcionalidade e problematizar como a criação do PARNA Serra da Capivara inviabilizou o acesso a esses locais e gerou uma complexa rede de relações e sentimentos compostos por melhorias e/ou novas oportunidades, mas também por restrições e frustrações.

Ao longo do trabalho apresentado, podemos perceber que apesar das restrições de acesso aos caldeirões advindas da criação do PARNA Serra da Capivara, as pessoas da comunidade Sítio do Mocó resistiram, mostrando a importância afetiva que esses espaços de memória têm para a comunidade. Podemos perceber que mesmo com a criação do PARNA Serra da Capivara em 1979, as pessoas da comunidade continuaram a frequentar e fazer a manutenção desses caldeirões naturais e em alguns momentos houve acordos entre membros da comunidade e direção do PARNA.

Perceber as formas que a comunidade dialoga com essas formações geológicas foi algo muito enriquecedor, assim como perceber a diversidade de atividades que foram exercidas nesses locais, mostrando sua grande importância social e doméstica. O cuidado e zelo que as pessoas tinham com esses caldeirões naturais, por exemplo, nos revela seu papel na promoção e consolidação de laços de solidariedade.

As narrativas foram bastante importantes e enriquecedoras, pois foi possível perceber a grande influência que os caldeirões naturais tiveram para a comunidade Sítio do Mocó, que mantém com esses locais uma relação de Topofilia²³. As falas são bastante interessantes, podemos perceber uma

²³ Entende-se que Topofilia é; “Um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero, prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada (...) são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida”. TUAN, 2012, p. 107 apud SILVA FILHO; OLIVEIRA; AMADOR, 2017.)

variação das memórias dos nossos colaboradores, principalmente quando separamos por faixa etária entre adolescentes, adultos e idosos.

Tivemos o cuidado de selecionar pessoas de várias idades para poder identificar as variações nas narrativas e memórias de pessoas com faixas etárias diferentes, o que tornou possível perceber que para o grupo de pessoas mais velhas, os caldeirões estão voltados para funções como a lavagem de roupa para ajudar no sustento da casa, buscar água para necessidades domésticas e saciar a sede dos animais. Para o grupo dos adultos de 26 aos 36 anos, o significado desses caldeirões já se expandiu para além da diversão e lazer durante o final das lavagens de roupas, aos finais de semana gerando aglomerações de jovens socializando nesses ambientes.

Portanto, percebemos que o surgimento da comunidade está diretamente correlacionado com os caldeirões naturais e apesar do distanciamento acarretado pela criação do parque, os moradores locais, principalmente os mais velhos ainda, carregam consigo um carinho, um sentimento de pertencimento em relação a esses locais. No entanto, devido a este distanciamento, o reconhecimento destes caldeirões como patrimônio cultural local está se enfraquecendo com o passar do tempo, podendo assim, em um futuro próximo, deixar de figurar como um catalizador de narrativas e sociabilidade para a comunidade local.

Nossos colaboradores Nestor Neto, 39 anos e Nilva, 34 anos acreditam que seria importante alguém da comunidade fazer algum projeto para que fosse passando para as novas gerações a história da comunidade e de como as pessoas viviam, pois, os mais jovens não acreditam que os mais velhos bebiam água salobra ou muitas vezes misturada com a urina dos animais que habitam na natureza.

O pessoal foi meio que perdendo essa cultura, mas porque foi tombado patrimônio cultural da UNESCO, até os mais novos vão deixando de ir (NESTOR NETO, 39 anos).

É importante para a gente lembrar e ensinar para nossos filhos o que a gente já passou e que não foi fácil como é agora, porque agora eles em tudo nas mãos, e até a roupa que a gente tinha, tinha

que ir lavar no caldeirão, lá era um processo terrível para nós lava (NILVA, 34 anos)

Assim sendo, esperamos que esse trabalho seja um primeiro passo que contribua para essa e outras demandas da comunidade, e que novas pesquisas possam ser realizadas e auxiliem a garantir o direito ao livre acesso dos moradores locais para fruição de espaços que estão ontologicamente vinculados não apenas com o seu passado, mas também com o seu presente e futuro, visto que patrimônio e memória não são elementos inertes e acabados e assim como as águas dos caldeirões estão sujeitos e imersos a vivências diversas e plurais.

Por fim, antes de encerrar esse trabalho, gostaria de compartilhar algumas experiências e dúvidas que emergiram nessa jornada. Escrever sobre uma pesquisa pode ser um trabalho árduo e cansativo, no entanto quando o pesquisador se identifica ou quando a pesquisa faz parte da sua história, como é o meu caso, a pesquisa fica leve e o resultado final é prazeroso. Ao longo dessa pesquisa, a cada informação colhida juntamente com nossos colaboradores, fui descobrindo coisas que mesmo morando na comunidade eu não sabia, principalmente por causa da modernidade e tecnologia que sempre vem se inovando e as pessoas com o tempo vão deixando de conversar e de ensinar sobre suas heranças culturais.

As longas conversas com os nossos colaboradores, sem dúvida foram um dos melhores momentos da pesquisa, me fazendo reviver memórias que por muito tempo ficaram esquecidas no passado juntamente com os caldeirões naturais que atualmente a comunidade não pode frequentar já que os mesmos estão em uma área de preservação e a sua visita requerer o acompanhamento de um guia autorizado. Fico me questionando como pesquisadora e membro da comunidade Sítio do Mocó

Será que se a comunidade tivesse livre acesso ou até mesmo guias gratuitos que possam fazer o acompanhamento juntamente com os integrantes da comunidade para fazer a visita a esses locais de memória, a memória continuaria viva e passada a diante? Será que se conjugarmos as memórias das pessoas mais velhas juntamente com os ensinamentos da Arqueologia Pública, o patrimônio cultural e local não seria melhor conservado e passado para as gerações futuras?

REFERÊNCIAS

- ABREU, José Guilherme. Arte pública e lugares de memória*. **Revista Da Faculdade De Letras Ciências E Técnicas Do Patrimônio**. I Série vol. IV, p. 215-234. Porto, 2005.
- ALMEIDA, Marcia Bezerra. O Público e o Patrimônio Arqueológico: Reflexões para a Arqueologia Publica no Brasil. **HABITUS**, Goiânia, v. 1, n. 2. P. 275-295, Jul/dez. 2003.
- ANSCHUETZ, Kurt F. WILSHUSEN, Richard H., SCHEICK, Cherie L. An Archæology of Landscapes: Perspectives and Directions. **Journal of Archæological Research**, vol. 9, nº 2, pp. 152-197. 2001.
- ASSIS, Rafael Da Silva. **Os índios do território Serra da Capivara: História, memória e ensino**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, 2016.
- BOADO, Felipe C. **Del Terreno al Espacio: Planteamientos y Perspectivas para la Arqueología del paisaje**. Primera Edición, abril de 1999.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Jurema. Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80
- BORGES, Síría Emerenciana Nepomuceno. **Invenção do patrimônio mundial: Parque Nacional da Serra da Capivara**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Centro De Ciências Humanas e Letras. Universidade Federal do Piauí, Piauí 2007.
- CASADEI, Eliza Bachega. Maurice Halbwachs e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva. **Revista Espaço Acadêmico**. Nº 108, p, 153-160. Maio/ 2010.
- CUNHA, Manuela Carneiro da Cunha. **Política indigenista no Século XIX in História dos Índios no Brasil**. 2ª Ed. P.132-154. Companhia das Letras. São Paulo – SP. 1998.
- DAVID, Priscila. História Oral: Metodologia do Diálogo. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v. 9, n. 1, p. 157-170, jan./jun. 2013.
- FAGUNDES, Marcelo; Piuzana, Danielle. Estudo teórico sobre o uso conceito de paisagem em pesquisas arqueológicas. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, vol. 8, núm. 1, enerojunio, 2010, pp. 205-220 Universidad de Manizales Colombia, 2010.
- FELICE, Gisele Daltrine Felice. **Contribuição Para Estudos Geoarqueológicos E Paleoambientais: Proposta Metodológica** (estudo de

caso: Maciço Calcário do Garrincho, Piauí, Brasil). Tese (doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, Recife, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; OLIVEIRA, Nanci Vieira; TAMANINI, Elizabete. Arqueologia Pública no Brasil e as novas fronteiras. **Praxis Archeologica**, v. 3, p. 131-138. 2008.

HALBWACHS. Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. 2ª. ed. São Paulo – SP: Edições Vértice, Editora Revistas dos Tribunais, 1990. p, 190. Disponível: https://www.researchgate.net/publication/317466047_Halbwachs_memoria_colativa_e_experiencia

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Bernardo Leitão (et al.). Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LEAL, Luana Aparecida Matos. Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs. Vol. 18, nº 1. 2012. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/1217/729>

LEVY, CLAUDIA. **Gestão e Usos do Território: Conflitos e práticas sócio-espaciais no Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí, Brasil**. Dissertação (mestrado em Geociências) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas – São Paulo, 2006.

MATOS, Julia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. **História Oral como fonte: problemas e métodos**. Rio Grande, 2011.

MORALES, Walter Fagundes. Um estudo de Arqueologia Regional no médio curso do rio Tocantins, TO, Planalto Central brasileiro. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 17: 69-97, 2007.

Ministério da Agricultura e Abastecimento; EMBRAPA (orgs.) **Ecologia de Paisagem: Conceitos e aplicações potenciais no Brasil**. Planaltina – DF. P, 33. Jun, 2004.

NASCIMENTO, Paulo César. Em busca do tesouro (e da história), Arqueologia Pública; **Pesquisadores da Unicamp integram o primeiro grupo de estudos de arqueologia subaquática do país**; Universidade Estadual de Campinas; 3 a 9. maio, 2004; p. 12. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp_hoje/ju/maio2004/ju250pag12.html

NEGREIROS, Rômulo Macêdo Barreto de: **As trilhas de morte no sertão das Pimenteiras-PI (1769-1815): Caracterização e reconhecimento arqueológico de um território**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2012.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos Lugares**. Proj. História, São Paulo. Dez. 1993.

OLIVEIRA, Jaime de Santana. **A educação patrimonial como estratégia de arqueologia pública na área do parque nacional serra da capivara.**

Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato -PI, 2014.

OLIVEIRA, Jaime de Santana; BORGES, Jóina Freitas. **Sociedade, Arqueologia e Patrimônio: As relações de pertencimento da Comunidade Zabelê com a área arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara (PNSC).** História Unicap, v. 2, n. 3, p. 108-119, jan./jun. de 2015.

Instituto Chico Mendes De Conservação Da Biodiversidade (Icmbio). **Plano de Manejo do Parque Nacional Serra da Capivara.** Brasília Julho de 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Relatório Parcial da Pesquisa: Mapeamento e Análise Espectro-Temporal Das Unidades de Conservação de Proteção Integral da Administração Federal no Bioma Caatinga Parque Nacional Serra Da Capivara.** Recife – PE. Agosto de 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336394207_Caracterizacao_Geomorfologica_da_Area_do_Parque_Nacional_Serra_da_Capivara_-_Piaui_Brasil

SANTOS, Janaina Carla. **O Quaternario do Parque Nacional Serra da Capivara e Entorno, Piauí Brasil: Morfoestratigrafia Sedimentologia, Geocronologia e Paleoambientes.** Tese (doutorado em Geociências) - Centro De Tecnologia e Geociências Pós-Graduação em Geociências. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

SANTOS, Luis Felipe F. D. O que queremos da Arqueologia de ambientes aquáticos? Reflexões para uma Arqueologia de viés integrativo e multivocal? **Cadernos do LEPAARQ.** Vol. XIV; nº27. p270-284. 2017.

SELAU, Mauricio da Silva. História Oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais. **Revista Esboços**, vol. 11, nº 11 – UFSC. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/486>

SILVA FILHO, Jeovanes. L; OLIVEIRA, Leticia. F. D; AMADOR, Maria Betânia. M. Paisagem, lugar e patrimônio natural sob a ótica sistêmica: os Caldeirões de Lajedo (PE). **Os Desafios da Geografia Física na Fronteira do Conhecimento**, Instituto de Geociências – UNICAMP, Campinas – SP, p. 3304-3308, Jun. 2017.

SILVA, Bruno Sanches Ranzani. **Das ostras, só as pérolas Arqueologia pública e arqueologia subaquática no Brasil.** Dissertação (mestrado em Arqueologia), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Abril de 2011.

SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. **MÉTIS: história & cultura-** v.6. n. 12, p 35-44, jul./ dez. 2007. Disponível: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/835/592>.

SIQUEIRA, Claudio Marcio Barbosa. **A educação patrimonial na arqueologia brasileira: um estudo de caso no entorno do Parque Nacional Serra da**

Capivara. Monografia em Arqueologia e Preservação Patrimonial na Universidade Federal do Vale do São Francisco. São Raimundo Nonato – PI, 2014.

SOUSA, Maria Sueli. Deslocamento forçado de posseiros e pequenos proprietários do parque nacional da serra da capivara – estratégia de proteção ambiental ou violação de direitos humanos? **Revista do Mestrado em Direito**, Brasília, V. 5, nº 2, p. 410-429, Jul-Dez, 2011.

SOUSA, Marisa L. M. **Ex-voto da Toca do Cruzeiro: uma análise da memória religiosa e da materialidade da fé na comunidade Sítio do Mocó - Coronel Jose Dia - Piauí.** Monografia (Graduação em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara. São Raimundo Nonato-PI, 2019.

SOUSA. Laize Carvalho; SILVA. brahã Sanderson N. F. Arqueologia Pública: Um Olhar Sobre A Interação Social E A Preservação De Recursos Arqueológicos No Estado Do Piauí. **Revista de Arqueologia Publica.** V. 11, n. 1, p.67-86. Jun. 2017.

SOUZA. Rafael de Abreu. **Um Lugar Na Caatinga: Consumo, Mobilidade e Paisagem no Semiárido do Nordeste Brasileiro.** Tese (doutorado em Ambiente e Sociedade) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2017.

WALDHERR. Felipe Rodrigues, ARAÚJO-JÚNIOR. Hermínio Ismael & RODRIGUES. Sérgio Wilians de Oliveira: **Origem e morfologia dos tanques naturais do Nordeste do Brasil;** *Pesquisas em Geociências*, 44 (3): 467-488, set./dez. 2017; Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

[HTTPS://PT.WIKIPEDIA.ORG/WIKI/CORONEL_JOS%C3%A9_DIA](https://pt.wikipedia.org/wiki/CORONEL_JOS%C3%A9_DIA)

https://www.researchgate.net/publication/336394207_Caracterizacao_Geomorfologica_da_Area_do_Parque_Nacional_Serra_da_Capivara_-_Piaui_Brasil

ANEXOS

ANEXO 1- ENTREVISTAS

Entrevistados: Onofre Bernardo de Miranda e Anatividade dos Santos
Miranda

Marildes: Como é o nome do senhor e sua idade?

Onofre: Onofre Bernardo de Miranda, 95 anos

Marildes: Conta as histórias do Caldeirão dos caldeirões para gente.

Onofre: Ah, eu não sei contar essas histórias não, porque eu já me entendi já vendo eles velhos daquele jeito kkkkkk.

Anatividade: Mas a reforma do Caldeirão do Gado

Onofre: Eu só sei da reforma do Caldeirão do Gado que foi eu, mas um bocado que trabalhava lá, de pedreiro era eu o Vírgulino, Maurício, tinha outro, mas eu não tô lembrado quem era sei que o Dioclécio era o carregador de pedra. Foi no ano que o Pedrinho morreu nas panhação de pedra lá nos pilão.

Anatividade: Eita Tio Onofre e aquele Caldeirão Grande, que chama Caldeirão Grande que fica em cima no Caldeirão do Gado. Você sabe quem foi que fez ele?

Onofre: Não chama ele de Caldeirão Grande, Caldeirão da vea Chiquinha, esses caldeirões aí tudo tinham donos, aquele do Gado era do Antônio mocó, aquele Caldeirão Grande chamava da velha Chiquinha essa Chiquinha eu não sei quem é não e aqueles outros lá de antes é do velho Aniceto o bisavô de vocês Kkkkkkkk.

Anatividade: Nosso bisavô, foi ele que fez, viu aquelas coisas lá até errado aí foi tirando, tirando, até que fez o caldeirão.

Onofre: Tem o do Zé Gregório que é aquele ali que fica por detrás do colégio da doutora.

Anatividade: Ah aquele lá era do Zé Gregório que foi o Zé Gregório que fez.

Marildes: Quais eram os caldeirões que eram utilizados?

Anatividade: Que era utilizado para beber?

Marildes: Não, para fazer tudo, qualquer coisa!

Anatividade: O mais utilizado que os meninos banhavam era o caldeirão do Gado, mas o de beber água é o Caldeirão Grande onde a gente panhava a água para beber, ficava reservado só para beber.

Onofre: Aquele ali que chama caldeirão do Gado agora é só para os bichos bebe.

Anatividade: Até o caldeirão do vei Nicete era de lavar roupa.

Onofre: kkkkk ô do vei Nicete era de lavar roupa, ele fica lá por detrás daquele Caldeirão Grande.

Anatividade: Eu sei que tem outros caldeirões por aí, agora aqueles caldeirões que fica lá no serviço que era do tio Domingo eu não sei eu não sei se é dele, mas lá é um caldeirão muito grande que nós lavava pano lá, é um caldeirão redondo.

Onofre: Esse caldeirão não sei nem como entrava água para ele.

Anatividade: Era mesmo tio Onofre.

Onofre: Esse mesmo não sei como era, não era da serra porque o lajedo é plano, não tem goteira para descer água pra ele não.

Anatividade: Também não sei tio Onofre, eles eram até ruim para encher mesmo.

Onofre: Agora aquele Caldeirão Grande que chama, caldeirão do Gado, e caldeirão do Zé Gregório a água vem lá de cima da Serra lá do lajedo Preto.

Anatividade: Caldeirão do Gado, Caldeirão Grande aí mais para lá do Caldeirão do Vô Nicete e para cá nos fundos do serviço da doutora é que era o quê Tio Onofre? o caldeirão do Zé Gregório? Foi o Zé Gregório que fez.

Onofre: Essa água vinha lá de cima da Serra, eles tinham trabalho ir endireitar as grotas todos os anos para a água vir e encher o caldeirão.

Anatividade: Ele enchia que chega ficava por cima. Lá também eles bebiam água de lá tio Onofre, a gente também bebia água de lá.

Marildes: A senhora tem quanto?

Anatividade: Eu? 62

Marildes: Você se lembra quando esconderam os começaram a ser utilizados pela comunidade?

Onofre: Eu morava no zabelê quando eu vim para cá já existe esse caldeirão tudo, eu nasci no zabelê não fiz foi me criar todo lá. Eu vim de lá frangotim.

Marildes: O Zabelê que ficava no Parque?

Onofre: Sim, depois foi que mudou, foi a doutora que mudou para acular. eu vim para aqui parece que eu tinha 8 anos ou 9 anos, eu me criei já aqui, aqui já tinha 10 casa quando eu cheguei nessa terra.

Marildes: O senhor lembra quais eram as atividades que as pessoas faziam nos caldeirões?

Onofre: Aquele caldeirão do Gado era para lavar roupa, beber e os outros só não o do velho Aniceto, mas o Caldeirão Grande o do Zé do Gregório era para beber e lavar roupa. Agora hoje em dia eu quero ver quem quer beber água desses Caldeirão de pedra, não quer de jeito nenhum.

Marildes: As pessoas da comunidade ainda vão lá nos caldeirões?

Onofre: Não, as pessoas aqui do Sítio não andam mais nesses caldeirões.

Anatividade: Essa história aí você sabe.

Marildes: Mas por que eles não vão?

Onofre: Porque tem água encanada nas casas, em toda casa tem um Caldeirão de bica para parar água, água encanada em toda casa.

Marildes: A senhora acha que esses caldeirões são importantes para a história da Comunidade Sítio do Mocó?

Anatividade: É, é sim, foi tão utilizado eles, hoje não estão indo buscar água lá E nem utilizando eles porque, é como diz o tio Onofre tem água encanada e cada um tem sua cisterna. Agora só quem tá usufruindo são os animais, de primeiro eles cercavam tudo.

Marildes: E os jovens iam para lá se divertir ou só era para buscar água e lavar roupa?

Onofre: Ali era para banhar, lavar roupa.

Marildes: Vocês lembram de mais alguma história?

Anatividade: Só do tempo do Zé Gregório, que o Zé Gregório morava lá do lado de junto do caldeirão né tio Onofre! na toca.

Marildes: Qual era esse Caldeirão que eu ainda não entendi?

Anatividade: O do Zé Gregório? É aquele que fica naquele beco entre a igreja e o serviço da doutora.

Marildes: É o da Bernaldina? Então o Zé Gregório é marido da Bernaldina?

Anatividade: É, eles moravam naquela toca.

Marildes: só são esses caldeirões que vocês utilizavam?

Anatividade: Caldeirão do Gado, da Bernaldina e do Zé Gregório, Caldeirão Grande, Branquim, do Aniceto. A gente chamava ele de Branquim porque a água era bem branquinha.

Marildes: As pessoas utilizavam esses locais para lazer?

Anatividade: Só o caldeirão do Gado, os rapazinhos e as mocinhas iam tomar banho lá dentro, lá panhavam água para construção, por que era longe as Cacimbas quando era esse tempo que as pessoas começavam a construir casas, eles largavam o pau panhar água do Caldeirão do Gado e os outros se ciuando porque iriam ficar sem água.

Marildes: A senhora sente falta de frequentar e visitar esses locais?

Anatividade: Para ser sincera não, é tanto mato, tanta coisa. Por que a gente já que a gente não pode tá visitando também por que fica dentro do parque, só visita mesmo os visitantes de fora e a gente por exemplo se tiver vontade de ver se tiver vontade de ver se tiver vontade de ver uma horinha lá tem que ser com guia aí fica difícil ir aí acaba a vontade, o guia é caro caríssimo.

Anatividade: No tempo dos rapazinhos, dos meus meninos mesmo no tempo do Nestor eles faziam uma carreira e subiram lá em cima da parede do Caldeirão do Gado e tibungava dentro do caldeirão, aí a gente ficava todo mundo nervoso e com medo de fazer um dano, o caldeirão cheio, isso depois que fizeram reforma eles faziam essas armadas.

Marildes: Como era o caldeirão do Gado antes da reforma?

Anatividade: Era só aqueles bojos, aí fizeram uma parede de barro aí puxaram aquelas terras que quando era para começar o inverno aí juntava nós tudo e iam limpar os caldeirões, sei que nós limpavam os caldeirão tudinho para quando o inverno chegar os Caldeirão estar limpo. Tem o caldeirão do Gado, Branquim e caldeirão do Aniceto, tinha aquele depois do Gado que era emendado no Gado, sei que nos panhavam água para lavar pano, nos panhava ali dos Branquim, ele era até grandadim e juntava era muita água, mas a parede do caldeirão do Gado ele puxaram o enterro para o lado de fora e jogaram na beirada que ficou uma coisa boa que segurava mais água, parede de lagedo.

Marildes: Tem algum outro caldeirão que as pessoas usavam só como reservas?

Anatividade: Tinha, a gente ia para o caldeirão do tio Domingo (os Claro), fica lá no baixão, ele fica assim na serra e aí a gente para pegar água é um pouco

difícil, a grotta cai em cima, a corrente é forte que aí esvazia a terra do caldeirão, nos ia lavar pano nos Cambambas que fica na pedra furada que tem uma corrente muito forte e fez o caldeirão, a água foi batendo, batendo, batendo na pedra até que abriu o caldeirão, nos ia lavar pano no caldeirão da Escada lá no Boqueirão da Pedra Furada lá pra dentro, indo para a subida do Zabelê. Esse caldeirão ficava nas terras do tio Sansão né tio Onofre!

Onofre: O caldeirão do Escada não sei nem como acharam aquele caldeirão, por que ele fica no meio da serra, eu subi muito pra pegar água lá. Eu trabalhava lá fazendo uma derrubada mais o Sansão e ia panhar água em um bucado de escadinha lá no meio da serra.

Anatividade: Mas agora assim, tem esse caldeirão que as águas fizeram. Tem a grotona que a água desce e enche o caldeirão e desce para um de baixo, só que o que fica embaixo é entupido, mas a gente jogava água de lá de cima para o de baixo pra poder a gente pegar água e lavava pano lá. Tem o Caldeirão da Vozinha fica nos mangueiros lá na serra, lá também não é muito pequeno não.

Marildes: Porque ele chamava Vozinha?

Anatividade: Porque ela era nossa vó, e ficava na rocinha dela, a vó Ana.

Marildes: A senhora sabe por que foram dados esses nomes?

Anatividade: O caldeirão do Escada é porque ele ficava em um lugar alto e precisava de uma escada para subir, o da Vozinha é porque era de nossa avó.

Marildes: Vocês deixaram de frequentar esses caldeirões antes ou depois do PARNA?

Anatividade: Foi depois do Parque, porque depois que começou o parque as coisas foram facilitando mais, criou a escola da Dra. Niéde, aí foi melhorando, chegou à energia. depois do parque nós não íamos pra longe porque já era parque aí ficava só nos caldeirões de cá mesmo.

Marildes: A senhora sabe quando foi feita aquela lavanderia?

Anatividade: Mais ou menos uns 5 anos depois da criação do parque, A Dra. Niéde fez um poço Água para cá para gente não ficar entrando aí depois ela fechou todos os lados aí ela fez a lavanderia para o povo ficar só na lavanderia e não ir para os caldeirões

Marildes: Mas teve alguma resistência das pessoas?

Anatividade: Não, porque era até melhor

Marildes: E os jovens ainda resistiram?

Anatividade: Os jovens ainda ficaram persistindo.

Entrevistadas: Maria do Socorra da Silva e Elenita Salomé da Silva

Marildes: Como é o nome da senhora e sua idade?

Maria do Socorra: Maria do Socorra da Silva, 80 anos

Marildes: Como é o nome da senhora e sua idade?

Elenita: Elenita Salomé da Silva, 77 anos

Marildes: Quais eram os caldeirões que eram utilizados

Elenita: Caldeirão Grande, Zé Gregório, do Gado, do Avô Aniceto. Nós ainda utilizamos lá nos Canoas.

Maria do Socorro: Anisete bisavô de vocês

Marildes: Tem mais algum caldeirão que vocês se lembrem?

Elenita: Só da Pedra Furada que tinha o Da mãe Ana que chamava Tapaji Que nós lava a roupa lá também.

Maria do Socorro: O caldeirão dos Claro da roça do Domingo, tem o das Porteira bem ali na entrada do Baixão Tudo era Caldeirão da gente pegar água e lavar. Ainda bem que acabou, agora é água encanada Graças a Deus que essa água vai abençoar.

Marildes: Vocês se lembram quando começaram a utilizar esses caldeirões?

Maria do Socorro: Lembro não minha filha, tem muitos e muitos anos.

Elenita: Quando eu me entendi, já era caminhando, mas a mamãe puntar esses caldeirões lavando roupa.

Marildes: Vocês lembram quando foi feita aquela parede do Caldeirão do Gado?

Maria do Socorro: Aquilo ali eu não lembro muito não foi no tempo do Expedito que era vereador, eu não sei que ano foi, eu não lembro. Tem uma plaquinha lá aí tu pega lá filha a data.

Elenita: Aquilo ali foi no tempo do Expedito que era vereador. Tem uma plaquinha lá.

Marildes: Como era dado o nome dos caldeirões, o porquê dos nomes dos caldeirões?

Elenita: O do Gado era porque o gado bebia lá aí colocaram os nomes, ô dos Porcos era porque os porcos iam no caldeirão se lamear.

Maria do Socorro: Porque sem dúvida era onde o gado bebia, era o lugar dos porcos, caldeirão era baixo e os porcos ficavam lá iam para lá beber e lamear. A gente já se entendeu vendo esses nomes desses caldeirões. São antigos, minha filha ali tem anos é dos antigos eu não cheguei a alcançar o começo de nenhum.

Marildes: Quais eram as atividades que vocês faziam nesses caldeirões?

Maria do Socorro: Lavar, banhar, nadar gostava de nadar, mas era bom kkk. Eu não sei se apanhei não mais que eu nadei foi muito Kkkkkk.

Elenita: Tomar banho, eu ainda até apanhei da mamãe A Gente ia nadar e ela não queria.

Marildes: Eu aprendi a nadar lá kkk kkk.

Maria do Socorro: Pois é minha filha, nós tudinho aprendemos a nadar lá naquele caldeirão.

Elenita: Foi, eu também aprendi lá.

Marildes: Tem algum caldeirão que se destaca mais, por ter sido mais utilizado?

Maria do Socorro: O do Gado sempre foi mais utilizado e tem mais água.

Maria do Socorro: (...) A mamãe dizia que a vó dela foi pegada aqui no mato de cachorro, era Índia. A mãe da minha avó, minha bisavó, foi pegada no mato de cachorro.

Marildes: Existe uma diferenciação de trabalho entre mulheres e homens?

Maria do Socorro: Só as mulheres lavavam roupa.

Elenita: Os homens só iam se banhar

Marildes: Vocês acreditam que essas histórias dos caldeirões são importantes para a história de vocês?

Maria do Socorro: Creio que são muito importantes, fomos criadas no Baixão lavando roupa nos Caldeirão.

Elenita: É muito importante minha filha.

Marildes: Tem alguém da comunidade que lavava roupa como um meio de fonte de renda?

Elenita: Oxe, nós trabalhava era para isso. Eu lavava para Laíde, para a Zilda e para a tia Zelina.

Maria do Socorro: Eu lavei foi para tudo quanto foi de gente kkkkkkk, não sei nem dizer o quanto de gente para quem eu lavei roupa.

Elenita: Aí minha filha a gente não ganhava dinheiro não, era só uma mão cheia de farinha, uma mão cheia de milho. Era só troca por comida. Era sofrido, minha filha.

Maria do Socorro: Era só uma mão cheia de coisa, não era dinheiro não, era só troca por qualquer coisinha. Era uma mixaria, a vida foi sofrida Eu mesmo Criei um bocado de filho, mas só eu e Deus sabe o que foi que eu passei mais eles.

Elenita: Eu passei por coisas que só Deus sabe, só ele sabe E não tenho vergonha de dizer porque o que a gente passa Eu não vou esconder. Chegou o dia de eu pedir porque ouvi que se eu não pedisse aquele dia, eu iria ver até meus filhos morrer de fome. Aí eu pedi e teve quem me desse. (...) Aí minha filha eu vim consertar minha vida, mas a dos meus filhos, depois desse parque que entrou aqui, que eu vim levantar, aos poucos mais levantei. Esse Parque trouxe muitos benefícios para gente, deram fé de nós. Aí foram atrás de mim, primeiramente eu limpei um apartamento em São Raimundo Nonato Aí elas colocaram eu para limpar E eu limpei E aí gostaram do meu serviço. Aí não demoraram e chegaram lá em casa onde eu morava que era nos morros falando que foram lá porque a doutora mandou me contratar para trabalhar lá na escola, aí minha filha não deu nem para acreditar.

Maria do Socorro: Eu também criei meus filhos Só Deus sabe o tanto que eu trabalhei, mas o pai deles, naquela amargura que só Deus sabe.

Marildes: A senhora Elenita lembra qual era o ano que abriu o colégio?

Elenita: Olha eu trabalhei cinco anos aí Só que era de contrato assinado não era carteira. Eu sei que minha filha que eu trabalhei, trabalhei, trabalhei, que gostei e a doutora gostou do meu serviço. Aí um dia a doutora disse ei dona Elenita e a senhora sabe que eu vou tirar vocês? e eu disse que é mesmo doutora? Aí a doutora disse é dona Elenita o parque tá fraco e não tem dinheiro eu não posso colocar vocês para trabalhar sem dinheiro aí eu disse é doutora fazer o quê e ela falou assim é, mas agora por diante a senhora vai plantar Canteiro e vender aqui para Fundação. Mas quando eu sair eu já era outra pessoa, já tinha meu fogão. depois desse Parque foi uma benção de Deus, eu mesmo agradeço a Deus e aí esse Parque que chegou aí.

Maria do Socorro: Aqui não tinha casa não, aqui contava as casas que tinha aqui. Hoje em dia a mocidade tem o tanto de casa que aumentou aqui.

Marildes: Por que vocês pararam de frequentar os caldeirões?

Maria do Socorro: Foi por causa do Parque.

Elenita: Foi por causa do parque minha filha, porque não era para entrar e nós não ia teimar, mas ela (Niéde Guidon) facilitou para nós porque fez a lavanderia para nós lavar roupa não ir mais para o caldeirão ficar só lá, nós lavamos foi tempo na lavanderia.

Marildes: Houve resistência da comunidade quando as pessoas souberam que não poderiam mais entrar nos caldeirões?

Elenita: Teve, nós respeitamos aquilo que ela falou, ela fez reunião (Niéde Guidon) e disse que daquele dia por diante nós não iríamos mais.

Marildes: Teve alguém que entrou escondido?

Elenita: Teve, que gente não é gente, por mim eu garanto que não entrei, mas os jovens sempre vão até hoje vão kkk kkk não tem quem possa com gente, mas o que me disseram eu acatei.

Marildes: Havia manutenção dos caldeirões?

Elenita: Antes da chuva vir nós íamos todos limpar os caldeirões tudinho para que a água achasse eles limpam, porque nós precisávamos

Maria do Socorro: Tinha, toda vida foi mantida os caldeirões limpos porque era de onde a gente bebia, a gente fazia mutirão para limpar, a gente gostava de fazer um mutirão para limpar os caldeirões ponto nós se criemos tudo e criamos nossa família tudo naquele pé de Serra nos caldeirões, lavando, banhando.

Marildes: Vocês iam lavar roupas e os jovens faziam o quê?

Maria do Socorro: Às vezes a gente levava uma para colocar água para lavar roupa

Elenita: Leva para colocar água, a Betinha (sua filha) ganhou foi muito sabão do povo, colocando água kkk kkk kkk.

Maria do Socorro: A Elenita fala assim do sabão, me lembrei que eu era também assim quando eu era menina pequena, eu ia para fonte aí quando chegava lá eu ia colocar água para as mulheres , era as mulheres lavando roupa e eu colocando água , eu lembro até da Maria do Thiago, eu levava os paninhos as roupinhas nossa aí o sabão que ficava ela me dava , eu comecei minha vida foi cedo sofrimento que realidade eu nunca tive minha vida.

Marildes: Qual a importância que vocês acham que os caldeirões tiveram para a história da Comunidade?

Maria do Socorro: Foi muito importante para nós porque era de onde a gente lavava, bebia. Foi a importância maior em nossa vida porque sem a água a gente não vive. Tenho muito carinho e agradeço a Deus por ter aqueles caldeirões porque nós nos criamos e criamos a família todinha, sustentado pela água dos caldeirões Tem uma importância muito grande A vida.

Elenita: Foi bom demais, foi muito importante Por que a gente lavava, bebia, banhava A hora que queria, leva para casa. Foi importante demais, pense em um banho gostoso, tenho muito carinho por eles sustentamos todos nossa família.

Elenita: O Caldeirão Grande para nós era como se fosse o filtro, era água melhor que nós bebíamos, nós considera como um filtro.

Marildes: o Caldeirão da Porteira que a senhora falou fica aonde?

Maria do Socorro: Fica na entrada do Baixão!

Marildes: Aquele Caldeirão que é do vovô Elias (da Porta) que ficava nas terras dele vocês também os utilizavam?

Maria do Socorro: A tenho o Caldeirão da Porta, nós não falamos, nós usava também E ali era uma água melhor Porque era guardadinha E não tinha bicho para fazer porqueira, e aqueles outros caldeirões tinha as cabras e os bichos Para fazer porqueira E a da porta era uma água limpa. A água da porta quando sangrava ficava parecendo ouro

Entrevistado: Elias de Sousa Claro

Marildes: O senhor conhece os caldeirões da Serra?

Elias: Conheço

Marildes: Quais são os caldeirões que o Senhor conhece?

Elias: Caldeirão da Porta, caldeirão do Gado, da Bernaldina, Caldeirão da Chiquinha, caldeirão do Banho, das Porteiras, Pinga da Andorinha, caldeirão dos Claro, Do Domingo Claro, da tia Antônia, Caldeirão da Escada, caldeirão dos Canoas, caldeirão do Rodrigues. O pessoal usava tudinho esses caldeirantes para banhar, para lavar. tenho caldeirão do Remoaldo esses aí eram os donos de antigo os donos da terra.

Marildes: Porque as pessoas colocam esses nomes nos caldeirões?

Elias: Era por que os donos abriam cavando na serra aí abria os caldeirões e tenho Caldeirão da Porta porque eu comprei, eu comprei ele do Tomé.

Marildes: Por que o nome Porta?

Elias: Foi do primeiro dono quando eu comprei já tinha o nome,

Marildes: O senhor lembra quando começaram a utilizar esses caldeirões?

Elias: Esses caldeirões são antigos e aí eu não posso dizer porque quando eu me entendi com 14 anos esse povo já era tudo dono desses caldeirões.

Elias: tem também o Caldeirão da tunia.

Marildes: Havia manutenção nesses caldeirões?

Elias: Havia, todo ano nós limpamos.

Marildes: Quais eram os caldeirões que eram mais utilizados?

Elias: Era praticamente todos porque ficava nas roças de cada um, mas os que mais usavam era o Caldeirão da Bernaldina, Caldeirão da Porta, do Gado, Da Chiquinha, dos porcos ainda precisa falar que dos caldeirões dos porcos que chamava porcos por que os porcos banhavam lá. o Caldeirão da Chiquinha era muito utilizado, era toda hora as mulheres.

Marildes: Qual era esse da Chiquinha?

Elias: É aquele ali que sobe pelo caldeirão do Gado, o povo desse ali com a lata na cabeça, ah ainda tem os Branquim que fica ali embaixo.

Marildes: Ah o da Chiquinha é o mesmo que chamam de Grande?

Elias: É o mesmo.

Marildes: Como era feita essa manutenção?

Elias: Tirava areia nas latras, de primeiro era latras, agora é baldo, pá. mas era nas latras. enchia lá embaixo e tirava na pá, na latra e na corda.

Marildes: Existe uma diferenciação de trabalho entre homens e mulheres?

Elias: Esses caldeirões eram misturados, eram as mulheres os homens que limpavam.

Marildes: Eu quero dizer assim, as mulheres só lavam roupa ou os homens também?

Elias: Era só as mulheres que lavavam, nesse tempo os homens não prestam para nada kkkkkkkkk, nesse tempo os homens eram só explitados na roça, a mulher que se lascava no meio da serra, eu era besta que eu tinha vez que eu ia ajudar as mulheres, mas os outros aí.

Marildes: Mas era o que o senhor fazia quando ia ajudar?

Elias: Era botar água por lugar que ela estava, no lavador que ela estava aí trazia as latras de água para elas.

Elias: ainda tenho caldeirão do Inharé, era porque tinha um pé de inharé lá no pé do caldeirão.

Marildes: E esse caldeirão que é do senhor, quando a Niéde chegou que foi para colocar aquela cerca ali ela fez foi um acordo com o senhor? como foi?

Elias: Foi, fizemos um acordo, ela ia botar de qualquer maneira aí eu disse que ficava com meu Caldeirão aí eu queria que ela me desse um papel assinado e ela não me deu, depois ela disse que eu boto uma cancela e você entra e sai e tranca a cancela, a cancela é sua. ela que deu, aí eu tenho acesso de a limpar e de cuidar dele, encanei água para cá para casa, aqui tem água na torneira, na pia e até hoje tem.

Marildes: Só usava a família ou outras pessoas usavam também?

Elias: Só usava a família só, esse caldeirão foi comprado e só quem usava era minha família, lá nego não tem mais acesso de usar eles depois que eu comprei.

Marildes: As outras pessoas só usaram quando era do outro dono?

Elias: No outro dono o povo usava.

Marildes: Qual a importância desses caldeirões para a comunidade?

Elias: Eram importantes porque eles panhavam para beber, panhavam para labotar na cozinha, para banhar, lavar os panos. Era muito importante, esses caldeirões tudo. aí esses Caldeirão Como eu tô dizendo esse da Chiquinha aí, esse caldeirão lá era um movimento igual o parque e o museu de gente toda hora. era o porte da comunidade, e aí esses caldeirões que eu falei por acolá eram os das roças, o cara ia para roça tinha água dele cozinhar, beber. Agora nos enriquemos, quer água filtrada quer não sei o quê kkkkkk

Marildes: As pessoas ainda frequentam esses locais, nesses caldeirões?

Elias: Rapaz, depois que a doutora tomou de conta, anda pouco porque precisa de ir para andar nesses caldeirões aí a gente não tem dinheiro para pagar, aí não vai, um guia custa 150 conto, quem é que vai dar 150 conto para guia, para quem já conhece kkk kkk, fica difícil.

Marildes: Tinha alguma outra atividade de lazer nesses caldeirões?

Elias: Não, para lazer não tinha, era só para lavar e buscar para beber. Lazer era só no caldeirão do Gado porque a gente se juntava para banhar e bater aquele papo.

Marildes: O senhor gostava de andar lá para banhar?

Elias: Gosta, nego ia todo dia de tarde, de noite na hora que chegava do serviço, correria todo mundo para lá, era novo e caducando kkk kkk

Marildes: Vocês levavam alguma comida e bebida para lá?

Elias: Não, bebida não, nesse tempo nós não bebia bebida não, era só banhar e lavar.

Marildes: Sua mulher lavava para fora?

Elias: Não, era só a família.

Marildes: E o caldeirão da porta fizeram alguma modificação nele?

Elias: Fiz, fiz uma modificação de 2 m de altura de parede por 2 de tamanho, aí ele pega na faixa de 70 mil litros de água, daí para lá eu acho que até mais, é 6 m de altura e de largura nós vamos botar 10 m.

Marildes: Como é a manutenção que vocês fazem lá?

Elias: A manutenção nós estamos fazendo na carretilha puxando no balde, coloca a corda e puxar minha carretilha, fica 2 lá embaixo E um lá em cima recebendo.

Marildes: Ainda hoje fazem essa manutenção?

Elias: Faz, ano passado mesmo eu paguei 300 contos para fazer a manutenção dele, Só as tábuas que eu comprei para fazer o lugar de nós ficar lá foi 100 reais E tudo ficou por quatrocentos e tarará.

Entrevistado: Pedro Pereira da Silva

Marildes: Como o senhor se chama e qual a sua idade?

Pedro: Pedro Pereira da Silva, 54 anos

Marildes: O senhor sabe me dizer quais eram os caldeirões que eram utilizados pela comunidade?

Pedro: Sei, que a gente utilizava mais era o caldeirão Grande, do Gado, caldeirão da Bernaldina que chamava e mais para o outro lado pro Baixão tinha o Banho tinha o caldeirão das Porteiras que a gente labutava também.

Marildes: Quais eram os caldeirões que eram mais utilizados?

Pedro: Era o caldeirão do Gado, E o Caldeirão da Bernardina

Marildes: Quais eram as funções que as pessoas faziam nesses caldeirões?

Pedro: No tempo era para tudo, era para cozinhar, para beber, para banhar. esses caldeirões enquanto eles tivessem água, nos pegava até a derradeira, porque era a única água que tinha sabe!

Marildes: O senhor pode ficar à vontade para contar qualquer história sobre os condenados.

Pedro: Era só esses mesmos fia, a gente por exemplo a gente trabalhava indo para os morros e quando chegava de tardinha pegava um carrinho de forquilha que chamava.

Marildes: Como era esse carrinho de Forquilha?

Pedro: Minha filha era, a gente fazia duas rodas de pau e botava um outro no meio que chamava o eixo botavam uma forquilha que pega do eixo para o ombro da gente, a gente botava duas latras ia para os caldeirões, olha essa casa minha aqui eu fiz mais essa mulher buscando água no Caldeirão do Gado para construir, eu ia com carrinho com duas latras e ela com uma lata na cabeça, nós construindo essa casa desse jeito, com a água do Caldeirão do Gado.

Marildes: Esses caldeirões serviam só para atividade doméstica ou tinha outra atividade que a comunidade do Sítio Mocê fazia lá?

Pedro: Minha filha era como eu tô falando, era para tudo para construir porque era a única água que tinha e não tinha outra água. Se quisesse construir tinha

que construir de lá, aí a água do Caldeirão Grande sempre foi uma água mais limpa era água aqui a gente bebia, era o pote da gente, era água que tinha e que era limpinha porque o caldeirão era mais limpo ponto era mesmo que importa da gente.

Marildes: O senhor se lembra quando a comunidade começou a andar para esses caldeirões?

Pedro: Foi desde o começo daqui do sítio, eu sei que a única era a desses caldeirões aí, eu acho que é desde o começo do Sítio que a salvação era esses caldeirões aí.

Marildes: o senhor sabe o porquê dos nomes desses caldeirões?

Pedro: Eu não sei dizer, mas o caldeirão do Gado era porque era aberto, não tinha a parede e era o bebedouro dos gados mesmo.

Marildes: E os outros?

Pedro: O do Grande era porque era grande mesmo, era não é ainda tá lá bem chein, Ô das Porteiras era para entrar para o Baixão e aquele tempo que uma cerca aí pra gente passar pra pegar a gente tinha que passar pela porteira eu acho que por isso botaram Caldeirão das Porteiras. O da Bernaldina foi descoberto por ela aí colocaram quero caldeirão dela, tem o caldeirão dos Branquim também, os Branquim eram por quê a água dos branquinho passava pelo aterro e o aterro era um pó branco aí a água ficava leitosa por isso chamava os Branquim.

Marildes: O senhor sabe se tinha alguma manutenção desses caldeirões?

Pedro: Havia, todo ano quando secava a gente mesmo fazia toda a limpeza que fosse necessário para água ficar limpo, todo ano quando secava a gente limpa bem limpinho, ficava no casco mesmo.

Marildes: Quem era que limpava?

Pedro: De primeiro era esse povo mais velho, no meu tempo mesmo era eu, a comunidade toda , a gente arrumava uns 15 homens e num instante a gente limpava , as mulheres também irá ajudar a gente e levava café, levava lanche e a gente lanchar vou lá no trabalho para limpar ponto o caldeirão do Gado dava muito trabalho para limpar que a correnteza dele pegava muito aterro aí ele, todo ano ficava muito aterro dentro dele, limpava ele bem limpinho, era homem era mulher era comunidade todinha para limpar.

Marildes: Existia uma divisão de trabalho entre homens e mulheres em relação aos padrões?

Pedro: Fazia sabe por quê! às vezes a mulher ia lavar roupa e a gente ajudar também porque era muito trabalho lá e era muita roupa, aí aconteceu a mulher da gente lavar roupa e a gente ia ajudar também aí chegava lá por exemplo tinha as mulheres sozinha lavando roupa, eu mesmo ajudei muitas e muitas outras mulheres que ficavam naquele sacrifício e eu ia para lá não tinha paciência de tá quieto aí eu ajudava elas tudinho.

Marildes: Quais eram os caldeirões que se destacavam mais?

Pedro: Para lavar era o caldeirão do Gado, sempre foi ele, a gente não bebia de lá não era só para lavar roupa, labutar e tomar banho. O caldeirão do Grande como eu lhe disse, era tipo o Pote da gente, a gente não banhava, só pegava água só para beber e se a gente visse outra pessoa panhar água que não fosse para beber a gente já reclamava, qualquer um podia reclamar porque era tipo o Pote da gente.

Marildes: Vocês costumavam ter outro tipo de atividades de lazer lá ou era só para atividades domésticas?

Pedro: Não.

Marildes: O senhor acha que falar sobre esses caldeirões é importante para a história da Comunidade?

Pedro: É muito importante porque o começo da história é esse aí. Porque foi quem criou o pessoal aqui, foi eles aí, tudo que que foi criado aqui pode-se dizer que foi dentro desse caldeirão por que a água que tinha era deles, porque sem água ninguém vive. A água que tinha nesse tempo era só essa e quando secava as pessoas ia se bater.

Marildes: Tem algum caldeirão que vocês utilizavam como caldeirões reservas?

Pedro: Tem minha filha, lá no Baixão os caldeirões que a gente lavava, eu lembro do Pedra Furada que era os Cambambas, O Banho, Os Canoas. Lá no Baixão das mulheres Tinha um que chamava o Caldeirão da Demá, A gente chamava Bora lavar roupa no Caldeirão da Demá kkkkkkkkkkkk, que ficava lá no final o Baixão das mulheres (...) ia em um carreirinho que saiu das roças aí entrava em um carreirinho a escala no lado, a gente subia um Lajedo Para

chegar no caldeirão porque o caldeirão era em cima da serra. Tinha o caldeirão das Bananeiras também, tem o caldeirão do Avô também.

Marildes: As pessoas ainda visitam ou pegam água nesses caldeirões?

Pedro: Às vezes se for é até meio escondido porque fica no parque aí é proibido.

Marildes: quando foi proibido esse acesso aos caldeirões qual foi a reação das pessoas da Comunidade, teve resistência?

Pedro: Teve, porque assim a gente, era como eu falei para você, era o pote que a gente tinha e a gente achou que eles nunca iam proibir a gente de entrar lá e fazer o que a gente sempre fazia, mas eles foram lá e colocaram dentro do parque e acabou o conhecimento deles, porque eu mesmo estou com uns pouco de ano que andei nesses caldeirões.

Marildes: O senhor não vai nesses caldeirões porque é proibido?

Pedro: É porque é proibido e ficou dentro do parque aí não pode mais ir só se for com guia agora, porque eles são bonitos para ver, mas para ver tem que ser com guia e é caro para entrar acho que um dia é uns 200 contos. Assim às vezes eu que trabalhei muitos anos no parque, por exemplo se eu fosse passear lá se eu encontrasse com alguém por exemplo guarda, eu precisasse ir lá por exemplo só eu mesmo eu podia ir. (...) Se você tivesse falado com a Bete sobre esse estudo ela tinha liberado na hora, era só você ter falado: Bete eu moro bem pertinho, eu só vou fazer isso e isso, ela tinha lê liberado para você entrar lá.

Marildes: Vocês deixavam seus filhos irem para lá para os caldeirões?

Pedro: Deixava às vezes, olha eu mais a Cleia ia lavar roupa ia lavar roupa, eu mais ela levava meus dois meninos mais a gente, mas naquele cuidado porque era muita água e eles não podia nem encostar perto da água, sozinho a gente não deixava não.

Entrevistada: Doraluce dos Anjos Sousa Silva

Marildes: Qual o nome da senhora e sua idade?

Doraluce: Doraluce de Sousa Silva, 51 anos

Marildes: A senhora conhece os caldeirões da Serra? quais?

Doraluce: Sim, Caldeirão da Bernaldina, caldeirão dos porcos, Do Gado, Branquinho, Razim, Grande, Caldeirão da Porta, Porteira, Aniceto, Banho, Os Claro, Inharé, Cambambas.

Marildes: Esse do Aniceto é o mesmo dos Avôs?

Doraluce: É sim

Marildes: A senhora sabe o porquê desses nomes?

Doraluce: O Caldeirão da Porta eu sei, é porque a parede dele é de pedra e era furado embaixo e aí meu pai derrubou a parede de pedra aí fez de cimento para poder segurar a água até em cima.

Marildes: A senhora sabe quando a comunidade começou a fazer uso desses caldeirões?

Doraluce: Não

Marildes: Quais eram as atividades que as pessoas faziam nesses caldeirões?

Doraluce: Tinha os caldeirões de pegar água para beber, E tem o caldeirão do Gado que era para lavar roupa, banhar, os Banquim os Nicete, tinha o caldeirão da Bernaldina que era pra beber e o Grande pra beber. os Branquim era pra lavar roupa e os Rasim ele era bem rasim e criava pouquinho água aí quando chover as pessoas lavavam lá também.

Marildes: Existiam outras atividades além de atividades domésticas que as pessoas faziam nesses caldeirões, as pessoas utilizavam como área de lazer ou não?

Doraluce: Sim, O caldeirão do Gado a gente usava para tomar banho.

Marildes: As pessoas levavam comida e bebida para lá?

Doraluce: Às vezes tinha deles que levavam.

Marildes: Havia mais algum outro evento?

Doraluce: As pessoas pulavam da pedra para dentro da água.

Marildes: As atividades eram as mesmas para os homens e mulheres, lavar, buscar água era a mesma coisa?

Doraluce: Era, lavava roupa, buscava água pra limpar a casa, pra aguar canteiro. O caldeirão do Gado teve uma época que eu era criança, não sei quantos anos eu tinha não, mas o pessoal plantava fumo e aguava com as águas dos caldeirões. Quando eu era pequena eu e meu irmão Assis, eu me lembro dos canteiros que minha mãe plantava e outras pessoas que labutavam com fumo aí eles plantavam e fazia os canteiros aí cobrir por cima a quando tava no ponto eles cortavam a levavam para casa, fazia o moi para poder torcer e fazer o fumo.

Marildes: Fumo?

Doraluce: Sim, plantava cimente de fumo, aí crescia

Marildes: Era em suas casas?

Doraluce: Não, eles plantavam lá nos Canteiros de pé de fumo. era assim, usava dos caldeirões dos porcos e caldeirão do Gado do aguar os canteiros de fumo

Marildes: Existia alguma manutenção desses caldeirões?

Doraluce: Existia, a limpeza. juntava o grupo.

Marildes: As pessoas ainda utilizam esses caldeirões?

Doraluce: Não, só o Caldeirão da Porta.

Marildes: Porque as pessoas não utilizam mais?

Doraluce: Por que fica dentro do parque,

Marildes: Houve uma resistência da comunidade quando foi proibido a entrada das pessoas da comunidade na área dos caldeirões?

Doraluce: Teve uma época que ela deixou aberto para as pessoas lavar roupa e apanhar água para labutar.

Marildes: Qual é o caldeirão que é utilizado até hoje?

Doraluce: Caldeirão da porta, é da família. Quando falta água Salgada, a gente se vira com ela.

Marildes: Você é o quê do dono?

Doraluce: Filha

Marildes: Conta um pouquinho da história do Caldeirão!

Doraluce: Tem a manutenção, a água encanada e foi combinado com o papai pra a gente ter o uso da água que é encanada e a gente só entrava para fazer a limpeza.

Marildes: A senhora sabe a data que seu pai comprou essas terras?

Doraluce: Não

Marildes: A senhora acha que esses caldeirões são importantes para a história da Comunidade?

Doraluce: É porque nós utilizamos muito.

Marildes: A senhora sabe nadar?

Doraluce: Sei

Marildes: Aprendeu aqui mesmo nos caldeirões?

Doraluce: Foi no Caldeirão do Gado.

Entrevistada: Iolene Lima Miranda Sousa

Marildes: Como é o nome da senhora e quantos anos a senhora tem?

Iolene: Iolene Lima Miranda Sousa, 49 anos

Marildes: A senhora conhece os caldeirões da Serra, quais?

Iolene: Sim, Caldeirão da porta, Bernaldina, do Gado, dos Branquinho, Caldeirão Grande, do Avô.

Marildes: Você sabe o porquê desses nomes?

Iolene: Por causa das pessoas mais antigas aí colocava o nome das pessoas,

Marildes: No caso é porque era na Terra dessas pessoas?

Iolene: Era, o do Gado era porque entrava animal e o Caldeirão Grande era chamada de Grande porque ele era mais reservado, é um caldeirão mais difícil que não entrava animal, as pessoas pegavam mais para consumo de beber, muita gente bebia água dele. Naquele tempo não tinha reserva de água para juntar água da chuva em casa aí a gente bebia lá do Caldeirão Grande.

Marildes: Existe um caldeirão que se destaca mais?

Iolene: O caldeirão do Gado, porque era lá que a maioria das pessoas iam lavar roupa e tomar banho.

Marildes: Tem alguma atividade de lazer que as pessoas praticavam nesses caldeirões?

Iolene: Na minha época mesmo a gente só ia lavar roupa e tomar banho.

Marildes: Em relação às atividades que aconteceram lá nesses caldeirões existia uma diferenciação relacionada aos homens e mulheres ou as mesmas atividades eram feitas para os ambos?

Iolene: As mulheres iam lavar roupa e os homens iam pegar água, ajudando as mulheres pegando a água, as mulheres acocadas e os homens colocando água nas bacias para as mulheres lavarem roupa.

Marildes: Você acha que esses caldeirões foram importantes e são importantes para a história da Comunidade?

Iolene: Foram muito importantes porque dali a gente tirava água para lavar roupa para lavar louça e até mesmo para beber, para tudo.

Marildes: A população ainda costuma e a esses caldeirões?

Iolene: Não.

Marildes: Porque?

Iolene: Porque veio parque aí foi proibido a entrada das pessoas por conta que os caldeirões ficaram na área do Parque.

Marildes: Houve uma resistência da Comunidade Quando colocaram o portão proibido a entrada das pessoas nos caldeirões?

Iolene: Teve sim porque muitas vezes as pessoas não tinham água para consumo e às vezes até entravam escondido muitas pessoas pegavam escondido porque muitas vezes estavam precisando D'água.

Marildes: Você sente falta de ir a esses locais hoje?

Iolene: Sim, não é nem por necessidade, é mesmo porque era um local que a gente frequentava muito e sente falta e saudade de ir visitar.

Marildes: As pessoas ainda vão lá nesses caldeirões?

Iolene: Não.

Marildes: Esses locais eram utilizados apenas para o uso da água ou também eram ambientes de lazer?

Iolene: Muitas vezes as pessoas se divertiam nos finais de semana que as pessoas não iam lavar roupa no domingo aí no domingo tinha gente que ia para serra, subia a serra, tomava banho, às vezes as pessoas tomavam uma bebida lá, conversava e contava história porque não tinha muito local para as pessoas se divertirem e sair, eram mais os caldeirões e a serra. Foi lá que eu aprendi a nadar, eu era pequena e a gente fugia. As mães da gente iam lavar roupa e a gente ia, aí tinha um lugar que chamava rasilho a gente falava vou nadar aqui no rasilho aí aprendi a nadar lá na lama, nos lugares rasilho, até que aprendi a nadar.

Marildes: Por que a senhora ia escondido?

Iolene: Porque a local de água e as mães não deixava a gente ir, mas a gente nunca ia só a gente sempre ia com uma pessoa mais ajuizada.

Marildes: Tinha algum outro caldeirão que só era utilizado apenas como o caldeirão reserva?

Iolene: Tinha, o caldeirão do avô porque fica mais difícil de subir os Claro também que a gente só consumiam eles quando acabar os caldeirões mais fáceis.

Marildes: Tem algum Caldeirão E ainda é utilizado hoje?

Iolene: Tenho Caldeirão da Porta que é o Caldeirão da família E ainda é utilizado, só que a água foi feita uma encanação porque não pode mais entrar lá aí como é perto da casa foi colocado a encanação de lá para a água descer para casa pra facilitar mais e não ficar entrando lá direto.

Marildes: Você é o quê do dono?

Iolene: Sou nora.

Marildes: A manutenção desse caldeirão?

Iolene: Tem, tem a limpeza foi feito uma paredinha lá que o dono fez a paredinha aí quando tá vazando. Foi um caldeirão de muita utilidade pois quando a água dos caldeirões da comunidade acabava, as mães quando tinha um bebezinho pequeno iam pedir um balde d'água para dar para as crianças beber.

Marildes: Tem mais algum outro Caldeirão?

Iolene: Meu pai tinha uma rocinha lá nos fundos do Baixão aí lá a gente descobriu na serra um caldeirãozinho bem pequeno aí quando acabaram as águas dos caldeirões a gente ia para lá lavar roupa, toda a família, a mãe, as irmãs dela. Aí como caldeirão era pequeno a água acabava e o caldeirão era cheio de areia, uma areia bem fininha, a gente puxa a areia todinha para juntar água no fundo e aí terminava de lavar as roupas.

Marildes: Como era o nome desse caldeirão?

Iolene: Não sei o nome dele, não a gente só falava, vamos ali lavar roupa no Caldeirão da Roça do Francisco.

Entrevistado: Nestor Paes Landim Neto

Marildes: Como o senhor se chama e com a sua idade?

Nestor Neto: Nestor Paes Landim Neto, 39 anos.

Marildes: Eu gostaria de saber um pouco sobre a história dos caldeirões da serra, se você teve contato ou se ainda tem.

Nestor Neto: Quando eu era criança as vezes as a gente ajudar nossas mães lavar roupa e como aquela época as necessidade era carente para gente além da gente vir ajudar colocar água para ela ser durante o intervalo que a Juazeiro estava cheio que ela estava lavando roupa a gente aproveitava para ao redor da Caatinga ao lado do caldeirão mas para matar as rolinhazinhas, pombo de estilingue baladeira além de você tá ajudando já podia levar alguma carne para casa porque aqui em casa não tinha nada para com comer era uma forma da gente sobrevive chegar você até perigoso às vezes um monte de mulher lavando roupa nas rochas e a gente atirando de baladeira as vezes as pedras passava pertinho delas kkkkkkkkk escutar só as mulheres gritando, tu vai me matar excomungado kkkkkkk. Às vezes aproveitavam intervalo também mas ficava pulando banhando ali dentro do caldeirão e eu também além de ajudar minha mãe e às vezes as avós também eu cheguei muito bom também de buscar água muito nos caldeirões né com aqueles carrinhos de forquilha além de buscar para minha mãe eu ainda buscava para minhas duas avós. Aí foi se modernizando também quando a gente pode ter uma bicicleta eu buscava uma bicicleta, dois moringão para minha mãe e para minhas duas avós. (...) Aquele carrinho que põe no ombro.

Marildes: Quais eram os caldeirões que eram utilizados?

Nestor Neto: Geralmente o caldeirão do Gado né caldeirão dos Porcos, da Bernaldina, caldeirão dos Avós, aí o Caldeirão Grande ali geralmente o pessoal deixava muito para em consciência da população da comunidade pegar água só para beber, ninguém podia pular dentro lá, só para aquela função, beber e cozinhar. Porque sabia que os outros às vezes tava jeito da criançada, mulherada brincar e banhar. Uma coisa muito boa que a Comunidade fazia também era de quando faltava água né que você só tinha só aquilo, os cacimbões e a água dos caldeirões, e aí quando secava, aí uma coisa que eu

achei muito interessante que desde aquele tempo pessoal tinha união de algumas pessoas fazer o mutirão Grupo, ah vamos limpar os caldeirões, está perto da chuva para quando chover água ser limpinha para a gente tem, uma coisa que me marcou. O pessoal ter essa necessidade e tem essa união. (...) É porque, na verdade, as coisas vieram a melhorar Depois do primeiro governo do Lula pra cá né, até a década de 90 nós pegamos muito sofrimento.

Marildes: Limpavam todos os caldeirões?

Nestor Neto: Todos os caldeirões! Teve uma coisa que me marcou muito também foi quando a gente estudava na escola da doutora aqui ainda né aqui ainda né e ela liberou lá pra gente continuar pegando água, uma coisa que me marcou muito foi que um primo meu veio de São Paulo só morrer mesmo, no segundo dia foi lavar roupa mais minha tia, caiu no caldeirão e que até hoje a gente não sabe como foi isso, sumiu no caldeirão do Gado e só foi tirado depois de mais de uma hora, aí foi uma coisa que na minha infância me marcou muito, depois desse tempo eu não tive mais nem coragem de banhar no caldeirão. Tava duas pessoas só, a Gláucia e a tia Coló aí a Gláucia falou assim: Seu filho saber nadar aí não, sei se ele sabe nadar não, porque ele mergulhou na água e até agora não saiu aí a tia Coló entrou em desespero, chamou aqui a comunidade os alunos que estavam estudando aqui no colégio, tudo correram para lá mais os professores. Tiraram só depois de mais de uma hora.

Marildes: Como era o nome do seu primo?

Nestor Neto: Wagner, eu acho que ele tinha 22 anos na época.

Marildes: Você sabe quando a comunidade começou a utilizar esses caldeirões?

Nestor Neto: A data assim eu acho que minha mãe ou alguém vai saber passar para você eu acho assim, na minha ideia, eu não tenho certeza, mas deve ter sido com os primeiros moradores desde Antônio Mocó e Vitorino que foram os primeiros moradores.

Marildes: Você sabe por que foi dado esses nomes aos caldeirões?

Nestor Neto: Geralmente o que me lembro, que minha mãe foi passando pra gente nome dos caldeirões tinha a ver com a pessoa que seria o dono ou por exemplo: caldeirão do Gado dizem que antes da parede concluída muitas Vacas bebiam lá e por isso chamou caldeirão do Gado, é uma força de expressão, caldeirão dos Porcos porque às vezes a gente ia buscar água e os porcos

estavam naquele Caldeirão que fica na Planície que tinha facilidade dele entrar e se lamer ali, e o Caldeirão da Bernaldina Também ali, a minha Bisavó para quem não sabe chegou a morar aqui nesse Caldeirão, tem como se fosse uma parte de um forno e aí devido ela tá do lado usufruindo como posse, é dela. Os nomes geralmente tem a ver com alguma coisa com a história local. E o Caldeirão Grande Ali, sempre o que me falaram o porquê Grande, se você for ver tipo um marmitão geológico, é um caldeirão Grande, boca grande que daria para o pessoal pegar muita água durante o inverno. (...) As pessoas desciam em um tronco de árvore, eu não consigo entender é que aquele tempo Pessoal não tinha uma ideia de fazer uma escada kkkkkk, colocava um tronco e você descia enchia e entregava para o outro lá em cima, o Grande fica entre caldeirão do Gado e o dos Avós. Aí o caldeirão dos Branquim é porque a água era branquinha devido o sangramento ali do Caldeirão do Gado, ela ia passando por Branquim, aí tem o caldeirão do Gado, dos Branquim, Caldeirão Grande E depois vai os Avós, ficam em uma reta Geológica. (...) bem aqui tinha um também Marildes o pessoal subia aqui no início dessa reta que vai para o Baixão, pessoal chamava de Rimualdo, fica aqui no Baixão das mulheres esse deu esse nome Baixão das mulheres justamente por causa disso, o pessoal lavava roupa (...) Quando a Niéde Guidon chegou aqui e foi dado o nome no circuito, eles mesmos se deram a vontade de colocar Baixão das mulheres.

Marildes: Existe uma Extinção de função entre mulher e homem em relação às atividades que eram feitas nos caldeirões?

Nestor Neto: Naquela época sim, O homem vinha e ele não lavava roupa, ele colocava água para mulher lavar a roupa, ele só dava assistência.

Marildes: Para o que era utilizado as águas desses caldeirões?

Nestor Neto: Geralmente naquela época era pra lavar roupa naquele local mesmo, pegar água para tomar banho, cozinhar e beber, meu amigo era o que tinha mesmo, então tinha todas as funções praticamente o que você imaginar kkkkk. Eu acho que hoje o pessoal muitos mais velhos principalmente tem até muito problema nos rins e na vesícula devido essa água ter muito ferro sujeira e xixi de animais, mocó. A rocha ela concentra muito ferro a partir do momento que agora tá acumulado ali, escorrendo ali ela vai absorvendo muito ferro.

Marildes: Os caldeirões tem outra finalidade ou era só para utilização doméstica?

Nestor Neto: Era uma área de lazer também , seria interessante você citar aí o pessoal aproveitava os próprios caldeirões para aproveitar no sábado e um domingo , não tinha outro lazer aqui na comunidade, às vezes levavam até birita, o caldeirão do Gado ali era um piscinão kkkkkk e outra coisa bem interessante aí, às vezes a gente vai se recordando com o diálogo e com a conversa não sei se você vai se lembrar, a gente também utilizava os caldeirões para esperar também por exemplo meio-dia, 1 hora, Popagou e Juriti para você matar e levar para casa Porque sabia que eles iam beber água. O caldeirão dos Avós era mestre para a gente fazer isso quando era menino, a gente se escondia ali e de repente eles chegavam bebendo e a gente matava os bichinhos.

Marildes: Você tem alguma lembrança de histórias que seus avós contavam para você sobre esses caldeirões?

Nestor Neto: Cara, não. A minha mãe devida ela ter passado mais tempo, é arriscado ela ter mais história, a minha história mesmo foi a vivente mesmo, de sofrimento e que precisava fazer isso e tudo.

Marildes: Você acha que esses caldeirões da Serra são importantes para a comunidade?

Nestor Neto: São muito, hoje eu acho que perdeu a devida importância por que a modernidade chegou, devido essa cisterna que você consegue ter um acúmulo de água no período da chuva e aí tem essa água encanada do sistema da adutora do Garrincho, aí facilitou, não tem a necessidade, aí fica aí só para os animais.

Marildes: Você acha que esses caldeirões eram importantes apenas para o consumo de água?

Nestor Neto: É, acho que é de uma forma geral, para os animais e para a gente. Acho que de tudo tem um pouco principalmente aquele tempo que não tinha nada então eu acho que os caldeirões foram muito importantes para a finalidade do povoado, perdeu um pouco da importância devida a gente já ter outras opções. (...) eles eram voltados para a sobrevivência. A importância era muito grande porque aquele tempo, você sabe que água é vida então você vive em um lugar onde tem essa opção aí, foi muito bom para gente. A gente teve o privilégio da natureza nos proporcionar esses aí. Já imaginou se fosse só cacimbão? Eu mesmo me lembro do tempo de eu beber água salgada quando faltava, tu sabes o que é tu beber água salobra? Você bebe, bebe bebe E não mata a sede não,

e quente porque naquele tempo a gente não tinha uma geladeira, aí vai ficando menino do barrigão kkkkkkk.

Marildes: você sabe se as pessoas da comunidade ainda frequentam esses locais?

Nestor Neto: Não, até porque hoje faz parte do parque, aí hoje tá tendo a finalidade de entrar só com guia a passeio mesmo, pessoal foi que meio perdendo essa cultura, mas porquê foi tombado patrimônio cultural da UNESCO, até os mais novos vão deixando.

Marildes: Você acha que essas lembranças vêm se perdendo devido à criação do parque, as pessoas não podem mais entrar de lá sem um guia?

Nestor Neto: Acho que sim, na questão das novas gerações em saber a história e como o pessoal vivia, acho que daria de alguém, uma pessoa na comunidade fazer tipo um projeto para ir passando para os mais novo, porque hoje quando a gente vai falar para os filhos da gente, sobrinho aquele pessoal não acredita que a gente passou. Você por exemplo ainda chegou a passar por isso, mas as pessoas mais novas não têm nem noção, se eu for dizer a minha filha: minha filha bebi água salobra, água que eu bebia ali às vezes era misturada com xixi de mocó (risos) eles não acreditam não. (...) Você ainda chegou a pegar o finalzinho, teve gente que não pegou foi nada.

Entrevistada: Nilva Aparecida de Lima Ferreira

Marildes: Qual é o seu nome e sua idade?

Nilva: Nilva Aparecida de Lima Ferreira, 34 anos

Marildes: A senhora conhece os caldeirões da Serra?

Nilva: Conheço

Marildes: Quais eram os caldeirões que eram utilizados pela comunidade?

Nilva: Caldeirão do Gado, Tem da mãezinha que eu da Bernaldina, e tem o Caldeirão Grande que é lá em cima, os que eu tô lembrando são só esses.

Marildes: A Bernaldina era o que dá senhora?

Nilva: Ela era mãe da minha avó, minha bisavó.

Marildes: Qual era o caldeirão mais relevante?

Nilva: Caldeirão do Gado.

Marildes: Eu gostaria que você contasse as suas histórias e as histórias da comunidade que acontecia nos caldeirões.

Nilva: Eu gostava de ir lá com minha mãe quando eu era pequena, eu a ajudava porque ela pegava roupa para lavar para ajudar no sustento da casa, aí eu a ajudava lavando roupa, a gente ia cedo 6 horas da manhã e ficava até de tardezinha arrumando porque era muita roupa que ela pegava, eu era pequena, mas ajudava de alguma forma porque a gente ia encher a bacia de água para ela lavar as roupas.

Marildes: o que vocês recebiam em troca era dinheiro ou alimentação para lavar essas roupas.

Nilva: Era em dinheiro e em alimentar também, era uma troca.

Marildes: Quais eram as atividades que as pessoas faziam nesses caldeirões?

Nilva: Eles lavam roupa, nadavam kkkkkk na hora que a gente tava colocando as roupas para quasar aí ia nadar, pegava água para beber, tomar banho.

Marildes: Você sabe o porquê dos nomes dos caldeirões?

Nilva: O da mãezinha eu sei por que ela morou lá, parece que lá tem uma estrutura uma casinha, o do Gado eu não me recordo muito bem.

Marildes: Você falou que as pessoas iam lá tomar banho, elas iam lá banhar só quando estavam lavando roupa ou elas também utilizavam esses locais como locais de lazer também?

Nilva: Lá era, mas quando a gente ia lavar roupa, mas com tempo começaram vai sarar um aí tomar banho, lá quando a gente tava lavando roupa a gente sempre aproveitava um tempinho para se divertir um pouco kkkkk.

Marildes: As pessoas levavam comida ou bebida?

Nilva: Levava comida, tinha vez que alguém ia levar almoço que não vem almoçar, passar o dia todo e alguém ia levar.

Marildes: Havia manutenção desses caldeirões?

Nilva: A manutenção era população mesmo que tinha cuidado da limpeza, recolhia o lixo, era toda a população que fazia essa limpeza, no roço das estradas e ao redor do caldeirão.

Marildes: Sinta-se à vontade para contar suas histórias que você viveu nesses caldeirões, se tinha alguma brincadeira aos finais de semana.

Nilva: De vez em quando era nova, vinha muito rapazinho e se encontrava tudo lá o caldeirão, e se divertiam, tinham vez que levavam bebida, mas nós era novinha e não consumia, mas nós costumávamos ir brincar com os rapazes. As moças iam para lá.

Marildes: Você lembra se tinha alguma brincadeira?

Nilva: Tinha kkkkkk quem chegava primeiro de um lado para o outro e quem pulava mais alto.

Marildes: Você acha que os caldeirões são importantes para a história da Comunidade?

Nilva: É sim, é muito importante a gente relembrar e ensinaram aos nossos filhos o que a gente já passou porque não foi fácil como é agora, porque agora eles têm tudo nas mãos e a gente tinha que ir até a fonte do caldeirão lavar, agora é o tanquinho né! Lá era um processo terrível para a gente lavar roupa e agora a modernidade é fácil.

Marildes: Qual é o sentimento que você tem em relação a esses caldeirões?

Nilva: Os meus sentimentos são os melhores possíveis kkkkk tenho boas lembranças, apesar de ter sido muito difícil, é muito divertido, para mim era

divertido quando eu ajudava a mãe aí quando eu fiquei muito nova mãe e depois de mãe eu ainda frequentei lá lavando roupa, eu achava lá divertido.

Marildes: As pessoas ainda frequentam esses locais?

Nilva: Só frequentam agora como turista porque agora está preservado né!

Marildes: Você acha que teve alguma resistência na comunidade quando veio o parque?

Nilva: Acho que teve um pouco.

Marildes: Quando secavam os caldeirões, tinha algum outro caldeirão reserva?

Nilva: Tinha, mas eu não lembro dos nomes, tinha um caldeirão ali onde a doutora agora, lá embaixo, eu não lembro o nome deles. Às vezes a gente ia para lá, minha irmã tem outros caldeirões, mas eu não me recordo o nome não, eu andei em tanto caldeirão por aí, tem uns lá para o lado do Barreirinho.

Entrevistado: Cleiciane Miranda Silva

Marildes: Qual é seu nome e a sua idade?

Cleiciane: Cleiciane Miranda da Silva, 31 anos.

Marildes: Você conhece os Caldeirões da Serra?

Cleiciane: Sim

Marildes: Quais são os caldeirões que você conhece?

Cleiciane: Caldeirão do Gado, Caldeirão da Bernaldina, Caldeirão dos Porcos, Caldeirão Grande, Branquim.

Marildes: Você sabe o porquê dos nomes desses caldeirões?

Cleiciane: Não, o do Gado o que o pessoal falava era que o pessoal que criava gado levava lá para beber água, antes da parede.

Marildes: Quais eram as atividades que as pessoas faziam nesses caldeirões?

Cleiciane: Lavar roupa, buscavam água, tinha momentos de lazer que o pessoal ia para lá banhar, beber e curtir.

Marildes: Havia uma manutenção desses caldeirões?

Cleiciane: Havia na época por parte da população. Nas minhas lembranças o pessoal se reunia para fazer a limpeza lá fora, tinha Capina, lá dentro para tirar a sujeira que a água trazia as terras e os pedaços de plantas que caíram no Caldeirão trazidos pelas chuvas.

Marildes: Havia uma diferenciação de trabalho em relação homem e mulher nas atividades que aconteciam nesses caldeirões?

Cleiciane: A parte de lavagem de roupa ficava para as mulheres e às vezes os homens que iam lá acompanhar suas esposas e suas mães, faziam a parte de pegar água que elas pudessem lavar as roupas.

Marildes: Fala um pouquinho das histórias que você conhece sobre os caldeirões da Serra.

Cleiciane: A gente costumava ir lá final de semana e quando eu era mais molequinha assim, Tinha uns 12, 13 anos que você começa a querer aprender a nadar, ficar lá nadando até aquela sujeirinha, nos bojinhos kkkkkkk levei muita lapada porque ficava lá até tarde, dizia que ia buscar água lá e ia nadar. E às vezes a gente fazia também assim, combinavam de ir levar uma bebida e ficavam lá no final de semana, a nossa parte de lazer era essa.

Marildes: Havia uma brincadeira que vocês faziam nesses caldeirões no momento de lazer?

Cleiciane: Competição de quem chegava na parede ou quem chegava lá no fundo, Tinha a de garrafa que jogava a garrafa, era jogando as garrafas seca um para os outros como se fosse time, boas lembranças.

Marildes: Tem algum caldeirão que se destaca mais?

Cleiciane: Ao meu ver é o caldeirão do Gado por ele ser mais usado pela comunidade, ele era mais para lavar roupa, nadar, buscar água, mas era sempre o caldeirão do lado.

Marildes: Você se lembra de algum outro caldeirão que era tido como um caldeirão reserva que era usado apenas quando esses outros caldeirões acabavam a água?

Cleiciane: Caldeirão Grande porque ele era de difícil acesso, ele era um caldeirão mesmo na forma de um caldeirão, para acessar água era mais difícil porque tinha que colocar a corda e como no caldeirão do Gado tinha aquela parede lá para pessoa ter uma locomoção, no Grande não tinha

tanta facilidade e a água era mais clarinha, eu não consigo Saber porque a água era daquele jeito sempre branquinha. (...) O Grande é aquilo ali, não tem o caldeirão do Gado aqui? aí tem os Branquim, são três no mesmo lugar, o caldeirão no Gado, os Porcos, os Branquim e o grande são aquele que sabe uma serrinha, que a água dele é sempre clarinha, Sempre branca bem como se fosse uma água que passasse por outro lugar, sei lá, pode ser por causa da areia também que filtra água.

Marildes: Você acha que esses caldeirões são importantes para a história da comunidade?

Cleiciane: Acho que sim porque era um lugar que até a população mesmo se encontrava, em todos os sentidos porque tinha os finais de semana que as pessoas iam se divertir e no meio da semana as senhoras as mães iam lavar roupa, buscar água. A fonte de água da comunidade inteira era lá, questão de lavar roupa, buscar água para fazeres da casa, de água para os animais.

Marildes: Você ainda costuma ir nesses caldeirões?

Cleiciane: Não, porque a comunidade não tem mais acesso como tinha antes e agora proibido entrar porque virou área de preservação.

Marildes: Você sente falta?

Cleiciane: Sim.

Marildes: Qual é o sentimento que você tem de não poder ir a esses caldeirões?

Cleiciane: Eu acho que foi injusto com a comunidade por ser um local que era da comunidade mesmo não tinha um dono, de dizer aquilo ali ninguém vai vir era de todo mundo e todo mundo cuidar, todo mundo lava. Eu acho que o sentimento de não poder ir é bem frustrante, porque a gente nasceu lá, sabendo que você podia ir lá a qualquer momento, e hoje em dia tem que ter uma permissão, tem que ir em busca de um guia E uma autorização, para nós da comunidade que nascemos lá.

Marildes: Houve uma resistência da comunidade quando souberam que não poderiam mais entrar naquela área sem guia?

Cleiciane: Eu acho que nenhum momento teve resistência da comunidade, se tivesse eles poderiam ter entrado em algum acordo para facilitar a nossa ida lá.

Marildes: Você ia escondido dos seus pais para esses caldeirões?

Cleiciane: Eu fui uma vez escondida para lá, eu fui por aqui por dentro dessas roças aqui kkkkkkkkk A gente ia ser ele saber e chegava todo molhado. No período que tava muito cheio as vezes eles tenham receio dá gente ir, porque tava cheio demais e poderia se afogar e acontecer alguma coisa, e na época que lá tava com cadeado eu fui uma vez por aqui por dentro, que saía lá que saía no Caldeirão da Bernaldina. (...) as vezes que eu ia lá era mesmo para nadar, teve umas duas vezes que eu fui beber, mas eu ia mais era pra nadar ou então buscar água. eu não buscava como as mulheres daqui da Areia Branca, elas pegavam um balde para buscar água cada um pegava um balde ali grande só que eu ia era de bicicleta, as mulheres colocavam uma rodinha na cabeça e o balde, enchia o balde de folha, colocava uns 2 kg de folha kkkkkkkkkkk, Era para não derramar elas usavam como tampa, pegava o balde e um monte de folha e cobria a água. Eu sempre lembro assim, a tia Maricélia, a mainha também ia, as mulheres aqui da Areia Branca sempre iam no horário só, todo mundo junto, aí elas iam por aqui pelo o carreirinho, elas ia com o balde e a tampa que eram as folhas kkkkkkkkk, Elas quebravam o galho de canafista, não derramou nenhuma gota Sei que ciência é essa kkkkkkkkk E o vô também colocava na lata, O do vô era uma lata de zinco, ele colocava para não derramar, era uma ciência e não derramava não kkkkkkkkkkk.

Entrevistado: Daniela Sousa Silva

Marildes: Como você se chama? Qual a sua idade?

Daniela: Daniela Sousa Silva, 29 anos.

Marildes: Você conhece os caldeirões da Serra?

Daniela: Conheço sim, alguns

Marildes: Quais são os caldeirões que você conhece?

Daniela: Caldeirão da Bernaldina, Caldeirão dos Porcos, Caldeirão do Gado, os Branquim, o Grande, e o Avô.

Marildes: Você sabe por que desses nomes?

Daniela: Não, já cresci sabendo que eram os nomes deles, mas ninguém nunca me disse o porquê era não.

Marildes: **Você sabe quando a comunidade começou a utilizar esses caldeirões?**

Daniela: Sei não

Marildes: **O que as pessoas fazem nesses caldeirões?**

Daniela: Buscavam água para labutar em casa, tomar banho, lavar a louça, lavar roupa, As pessoas iam lavar roupa lá mesmo, banhar, mas era bom E nadar lá kkkkkkkkk lá na grunga, chamava de grunga quando seca fica água só no bojo e na grunga do caldeirão do Gado, aí aprendi a nadar lá quando a grunga tava com pouca água, eu aprendi a nada lá mas os meus primos, só a lama pá, pá, pá kkkkkkkkkk até que aprendemos a nadar, engoli muita lama kkkkkkk.

Marildes: **Há alguma diferenciação de trabalho entre homens e mulheres em relação a esses caldeirões?**

Daniela: Os homens só buscavam água, alguns que iam ajudar suas esposas ou suas mães, eles iam para encher suas bacias, e banhar que eles iam mandar lá também. Aí quando podia ser utilizado lá, todo ano se reunia um monte de pessoas para fazer a limpeza e tirar a lama de dentro para quando chover caber mais água e não ter tanta sujeira dentro.

Marildes: **Tem algum caldeirão que se destaca mais?**

Daniela: Na minha época o que era o mais utilizado era o caldeirão do Gado, e tinha um Grande também que era mais limpo e o pessoal pegava para labutar em casa, no meu tempo eu não lembro de beber água de lá não, eu buscava era para banhar.

Marildes: **Teve uma resistência da Comunidade Quando ficaram sabendo que não poderiam mais entrar lá nesses caldeirões?**

Daniela: Teve, a comunidade entrava sem permissão mesmo porque precisava buscar água e não tinha de onde, outro meio de água.

Marildes: **Qual a importância desses caldeirões para a comunidade?**

Daniela: Teve muita importância para o pessoal porque aqui não tinha de onde retirar a água e era os únicos reservatórios que tinha para comunidade.

Marildes: Você acha que as pessoas da comunidade ainda frequentam esses locais?

Daniela: Não, lá tá fechado agora só para visita.

Marildes: Você ainda vai nesses locais?

Daniela: Vou nada

Marildes: Por quê?

Daniela: Porque não sinto mais necessidade de ir, eu ia mais era para buscar água, quando eu era meio adolescente.

Marildes: Qual é o sentimento que você tem em relação a esses caldeirões?

Daniela: Marcou muito a minha adolescência, a gente se reunia um bocadão, ia para lá de tarde tomar banho, uma maloca de menino velho do buchão kkkkkkk escondido das nossas mães porque elas não deixavam não, a gente apanhava quando chegava e tinha que esperar se secar lá, o corpo, a roupa, as pernas ficavam cinzentas quando a água tava só lá na grunga e tinha só barro kkkkkk.

Marildes: Por que vocês iam escondido das suas mães?

Daniela: Porque foi quando proibiu quando teve as primeiras proibições aí não podia, aí elas tinham um medo de desafiar a Niéde Guidon e também porque mexia as águas e lavar as roupas, por isso a gente só ia à tarde que não tinha ninguém lavando roupa, raramente alguém lavava roupa à tarde.

Marildes: Tinha alguma brincadeira que vocês faziam nesses momentos de lazer nos caldeirões?

Daniela: Tinha A de atravessar nadando de quem chegava primeiro e quem aguentava mais debaixo da água, quem conseguia ficar submerso, subia em cima da serra de uma altura lá para pular, tinha o biquinho que é lá na parte mais alta que tinha para pular, eu já subi lá, mas não tive coragem de pular, só os afoitos que pulavam, Deus me livre.

Marildes: A comunidade levava comida e bebida para lá?

Daniela: Sim, algumas pessoas levavam bebidas para beber lá, refrigerante, cachaça mesmo, eu nunca levei não porque no tempo que eu ia para lá eu era adolescente e não mexer com essas coisas não. O pessoal gostava muito de ir para lá tirar foto também, juntava um monte de gente e

eu tirava foto lá dentro, em cima das pedras. (...) Eu lembro que tu se afogaste lá uma vez e a Lena de puxou pelos cabelos kkkkkkkkkkk.

Marildes: Você conhece algum caldeirão que era utilizado apenas como cadeirão reserva?

Daniela: Eu tenho uma vaga lembrança de quando eu era requena ainda criança que quando esses caldeirões não tinham água, aí tem uns caldeirões pequenos lá no Baixão que minha mãe e ia lavar roupa lá, eu não me recordo direito, não sei se era o banho que é em umas pedras lá no fundo do Baixão.

Entrevistado: William Lima De Miranda Silva

Marildes: Qual o seu nome e sua idade?

William: William Lima de Miranda Silva, 29 anos.

Marildes: Eu gostaria de saber se você conhece os caldeirões e se conhece eu gostaria que você citasse os seus nomes.

William: Conheço, Caldeirão do Gado, Caldeirão da Bernaldina, Caldeirão dos Porcos, Caldeirão do Avô e Caldeirão dos Claros.

Marildes: Você sabe qual era a utilização dos caldeirões?

William: O caldeirão do Gado ele era mais utilizado para lavagem de roupa, as mulheres iam lavar roupa, outros e um banhar e alguns caldeirões tipo o caldeirão dos Claro, Bernardina eram mais utilizados para beber, lavar louça E tomar banho.

Marildes: Sinta-se à vontade para contar suas vivências que você teve lá nesses caldeirões.

William: O que a gente tem em mente e em recordações sobre esses caldeirões é justamente isso a temporada que a gente passou ajudando nossos pais e nossas mães lavando roupa, buscando água para ajudar no sustento de casa né, lavar louça, limpar a casa! Até cenas engraçadas que a gente viveu, a gente andava nesses caldeirões em uma bicicletinha e colocava uma moringa na garupa da bicicleta e outra na frente e você vinha naquele tropelo kkkkkkkk, eu até lembro assim da época ainda do meu avô

que é mais velho, acho que você se lembra aquele carrinho que o pessoal fazia que colocava no ombro e colocar duas latas de água e saía.

Marildes: Eu quero encontrar esse carrinho para tirar foto!

William: Rapaz, eu acho meio difícil você achar um daquele, mas pode ser que acho, o vô Boroso que era mestre para fazer isso, e agora não tem mais nada.

Marildes: Você lembra quando a comunidade começou a utilizar esses caldeirões?

William: Eu não me lembro exatamente não.

Marildes: Mas você não se lembra de nenhuma história que seus pais ou avós te contaram?

William: Rapaz, eu me lembro daqueles caldeirões na parte do Marcondes, comentários da vó Socorra que ela relata sobre um caldeirão que fica em uma parte bem alta da pedra, o pessoal mais velho que conta que quando esses caldeirões que nós estamos falando: caldeirão no Gado, o da Bernaldina, o recurso era somente lá, era uma parte bem alta e bem perigoso que é lá para o lado dos Canoas já é lá no fundo do Baixão da Pedra Furada se não me engano. Ela relata que por vários momentos ela se viu assim em uma situação bem complicada se sujeitando com uma bacia de pano na cabeça, e aí a água acaba e elas iam procurar em outro lugar.

Marildes: Você lembra se havia uma divisão de trabalho em relação a esses caldeirões entre homens e mulheres?

William: É assim, porque desde eu criança eu ia ajudar a minha mãe que o homem tem a função de dar carregando da água, frase a água para as bacias para as mulheres lavarem, porque se a mulher ficar se movimentando e lavando aí ficava complicado, aí sempre o marido ou filho dava essa mão a esposa ou a mãe de tá trazendo a água.

Marildes: Esses caldeirões eles serviam apenas para atividades domésticas ou também tinha momentos de lazer?

William: Não, tinha lazer também aos finais de semana e até mesmo no meio da semana, ou jovens e as pessoas costumavam ir tomar banho, se divertir ali, conversar, servia como lazer também porque tinha reuniãozinha ali dos jovens e isso vem lá desde o começo, hoje em dia já se perdeu

praticamente tudo, a gente pode até observar aqui muitas coisas assim da nossa adolescência e da nossa infância seja se perderam. (...)Eu me lembro que quando eu aprendi a nadar, olha era eu, a Cleicinha, Daniela, Jordel e o Júnior aí lá não sei se você conhece, mas lá no fundo tem aquela grunga que ficava só um pouquinho de água tipo uma lama aí ficava lá os meninos lameando kkkkkkkkk aquela coisa mais terrível do mundo kkkkkkk a gente aprendeu a nadar assim dessa forma, mas só no pouquinho mesmo, quando ficava só um pouquinho mesmo. Ficava aquele bojo maior ali no fundo, mas a gente não tinha coragem de entrar por que ficavam dizendo que não pode, vai prender o pé kkkkkkkkk não sei o quê kkkkkk aí a gente ia lá para grunga no lamaceirozão, eu tenho um pouco de recordação assim nessas coisas que quando a gente ia para lá beber, nadar, tomar banho e quando dava uma chuva tinha uma cachoeira que caía ali, dava uma chuva a gente já corria para lá para poder ficar aproveitando a chuva.

Marildes: E os jovens quando iam para lá leva uma bebida ou alguma comida?

William: Eu particularmente à cheguei a levar sim bebida, eu acho que a maioria até assim as pessoas mais velhas tinha o costume naquela época, tinha uns piqueniques, os jovens organizavam uma cesta com bebida, frutas, alimentos aí passava um dia. naquele Cruzeiro ali lá em cima subia um bocado de jovens com bebida e comida. Até isso você pode perguntar a esses meninos aí eles não sabem responder, vão é mangá kkkkkkkkkk. Era interessante aquilo, eu acho que é uma infância bem saudável graças a Deus nós conseguimos ter, você vê que hoje A infância das nossas crianças é só celular e internet, só besteira. algumas pessoas assim têm consciência de buscar e aprender é bom, mas assim aquela infância que nós tivemos lá atrás não existe mais. (...) Eu acho interessante isso eu conversando aqui mais a Cleice os pais têm uma criança de 5 anos e já dão celular, um celular desse aí é uma máquina, prejudica a visão. A gente observa assim as pessoas, nossos avós, pais, e você vê que nosso avô tem 96 anos e tem saúde aí nós podemos observar que nosso avô tem uma saúde dura, nossos pais já tem outra e nós já temos outra e nossos filhos vão ter outra ou seja aos poucos ela vem enfraquecendo e graças a Deus

podemos dizer que nós estamos pegando um pouco dessa saúde justamente pela infância que nós tivemos. (...) Por exemplo essa questão de estar nos ajudando ali a nossas mães nos caldeirões, isso tudo é ensinamento, a mãe tem dois filhos um casal, ela leva filha para ajudar a lavar roupa e já leva o rapazinho para buscar água aí já tá ensinando.

Marildes: William você acredita que esses caldeirões são importantes para a história da comunidade?

William: Muito importante, esses caldeirões todos eles se nós formos observar tem uma história ali, não se dedica a buscar essa história, mas todos eles têm. O caldeirão do Gado a gente vê que é o principal daquele setor, vocês veem ali a história daquele rapaz que construiu aquela parede, pai do Joelson, é Pedro né! O pessoal mais velho conta que ele faleceu ali naquela obra da parede, porque antigamente não existia aquela parede aí foi que aumentou o caldeirão. Caldeirão tudo ali tem sua importância por exemplo o caldeirão do Gado como já dissemos ele era utilizado para lavar roupa, banhar aí aquele Caldeirão Grande lá em cima Ali já era para beber aí tinha aqueles caldeirões dos Porcos ali quase ninguém mexer com ele devido a água ser mais suja, era mais para os animais, aquele caldeirão lá da Bernaldina ele ficava lá guardadinho era assim tinha um caldeirão da Bernaldina e em cima tinha outro e eles ficavam lá guardadinho, quando as águas acabavam aí o recurso era lá. Ei tinha aquele caldeirão do seu avô também né! Caldeirão da Porta.

Marildes: Havia uma manutenção nesses caldeirões?

William: Na época eu tinha sim, eu me lembro, acho que umas duas ou três vezes assim eu me lembro da gente limpando eles lá. Quando por exemplo se passava 2 ou 3 anos de inverno e quando o caldeirão secava ali ia criando aquela lama aí ele secava e ficava aquela areia, sujeira. Aí juntava as pessoas com os baldes, um bocado de homem e de mulher raspado ele, raspando aquele lódão tirando e jogando fora até ficar só na pedra. Eu me lembro disso aí que eu participei desse Mutirão.

Marildes: As pessoas ainda frequentam esses locais?

William: Rapaz, eu acho que de vez em quando eu acredito que as pessoas ainda visitam ali, só para lazer. Os meninos aí vez em quando eu escuto por alto eles comentando se foram lá deram um mergulho e sai, mas

eu acredito que seja bem pouco porque pelo pouco que já temos visto ali a questão das pessoas se conscientizarem que ali já é uma área de preservação, o parque. Eu acho que graças a Deus a nossa comunidade tá bem conscientizada, mas na verdade esses caldeirões são da comunidade até hoje as pessoas querem que não seja, mas é da Comunidade. Eu já ouvi a mainha e o painho falando que muitas vezes eles bebiam a água dali do caldeirão, até do Caldeirão do Gado mesmo.

Marildes: Então as pessoas não vão mais visitar esses caldeirões, tomar banho, nadar por causa do Parque?

William: Sim, por causa do parque.

Marildes: Houve uma resistência quando as pessoas souberam que não poderiam mais entrar na área dos caldeirões?

William: Rapaz, esse é um ponto interessante, na época que foi passado aquela cerca ali, houve uma revolta na comunidade, você se lembra que eles fecharam a cancelinha? Daí eles trouxeram aquela lavanderia para fora encanaram água de lá para cá Como se eles não quisessem que o povo entrasse. Aí teve um pessoal que cresceu uma revolta pôr as pessoas saberem que os caldeirões é da Comunidade E agora não tem mais acesso, as pessoas quebravam os cadeados.

Marildes: Mas ali naqueles caldeirões ninguém fazia o mal!

William: Não, era só para uso mesmo, por exemplo eu vi muito assim as pessoas indo para lá e levando garrafas de refrigerante de bebida mesmo, depois terminava, eles mesmos pegavam levava de volta para não deixar ali aquela sujeira.

Marildes: William, eu vi umas fotos dos crentes sendo batizado lá, você se lembra?

William: Inclusive eu fui batizado lá, na época que a gente foi se batizar, acho que teve dois ou três batismos lá, se eu não me engano acho que foi. Na época a gente conversou se eu não me engano foi com a dona bete ela concebeu o espaço para gente, a gente explicou o que seria, o que seria o batizado nas águas para a igreja, explicou direitinho tempo aí ela cedeu e deu a permissão para gente.

Marildes: A Dona Bete é o quê do Parque?

William: Na época ela era, no caso, tipo uma chefe da manutenção.

Marildes: Você costumava ir escondido dos seus pais para os caldeirões?

William: De mais kkkkkkk principalmente quando era inverno e o caldeirão enchia, sangrava aí as pessoas já dizia menino não pode ir lá não, que tem muita água, não sei o quê kkkkkkkk aí quando a gente achava uma brechinha já correu para lá kkkkkkkkkkkk, Menino era terrível, era bom essa época. ia uma maloca de gente. Aquele caldeirão eu vejo uma certa aventura que as pessoas faziam nele, por exemplo: Aquelas partes altas, eles pulavam era nele, as partes mais alta da pedra, no biquinho lá em cima. Aí quando a gente o vivia seca aquelas partes mais funda a pessoa tinha noção de onde pular. Me lembro de duas vezes, o Júnior pulou do biquinho e deu um impulso grande e chegou a encostar na pedra, nesse dia ficamos com medo kkkkkkkk e outra vez foi o Joelson que pulou bêbado de uma parte lá, era ele e o Arlan, o Arlan pulou na água, mas ele só fez se soltar aí tinha a pedra e ele desceu triscando na pedra, ficou todo machucado, bateu o peito na água e ficou vários dias doente. Era interessante aquelas Aventura ali. Um bujão de água desses de 2 litros, de garrafa pet nós existia eles, naquela parte alta, a pedrinha lisa Aí jogava ela lá no meio e deixava ela descer, quando demorar um pouquinho que via que ela estava no fundo aí você mergulhado aí tinha que ter fôlego para chegar lá embaixo para caçar ela, quem achou essa garrafa lá no fundo era o vitorioso kkkkkkkkkkkk, Tinha a brincadeira de atravessar que você mergulhava bem da parede, vez em quando um arrumava a testa Na pedra e ficava roxa kkkkkkkk, Tinha essas disputas mesmo, a disputa de nado também de quem atravessava de um lado para o outro, tinha muita diversão ali naquele caldeirão. Por que em todas as áreas das nossas vidas, adversão aí entrou para o lado que as pessoas, não é generalizando, mas tinha umas pessoas que queriam se divertir, mas se divertir da forma errada ficavam bagunçando querendo afogar os outros, às vezes até batia no outro, brincadeira sem graça tudo isso tia, brincadeira e maldade.

Entrevistado: José Paes Landim Júnior

Marildes: Qual é o seu nome, e sua idade?

José Júnior: José Paes Landim Júnior, 28 anos

Marildes: Você sabe qual foram os caldeirões rochosos que foram utilizados pela comunidade Sítio do Mocó?

José Júnior: Alguns, sim. Caldeirão do Gado, o caldeirão do Gado é a matriz de todos kkkkkkkk, Caldeirão dos Porcos, Caldeirão do Branquim, O Grande, do Avô, Caldeirão do Zé Gregório ou Caldeirão da Bernaldina, da Porta.

Marildes: Conta um pouquinho das suas histórias, suas vivências que você teve nesses caldeirões?

José Júnior: Caldeirão do Gado foi o oásis da comunidade no tempo da seca, lá era o nosso lugar, era o lugar de nos tomarmos banho, buscar água para lavar a louça e além dos trabalhos era o nosso lugar de lazer também, lá no caldeirão do gado completava tudo, era alegria era as aventuras, era tudo. A nossa praça, a internet tudo se englobava lá. (...) A gente ia lá acompanhar as nossas mães lavando roupa aí em 98, 99 A gente já começou a ir para lá, já começar aprender a nadar.

Marildes: Você aprendeu a nadar lá?

José Júnior: Eu aprendi a nadar lá no caldeirão do Gado. Nós íamos muito lá, até chovendo

Marildes: Eu lembro que quando chovia e o caldeirão sangrava eu vi essa a gente passando para ir ver o sangramento do caldeirão.

José Júnior: Teve um tempo que eu ia buscar água na bicicleta em toda hora que eu chegasse lá a Daniela tava lá naquela água, a Daniela era morta e viva no Caldeirão do Gado kkkkkkkkk.

Marildes: Você sabe o porquê que esses caldeirões receberam esses nomes?

José Júnior: A gente ver é porque lá era o poço dos bichos beberem água, acho que foi mais ou menos isso, caldeirão do Gado.

Marildes: Sinta-se à vontade para contar suas histórias e vivências que você viveu nos caldeirões.

José Júnior: O caldeirão do Gado tem muitas coisas boas, hoje a gente dá valor aquele tempo, como falei no início nós não tínhamos celular, não

tínhamos outra vida social, pegávamos nossa bicicleta ou íamos a pé e lá mesmo éramos felizes, levávamos alguma coisa para beber, tirávamos fotos, brincávamos e era o dia todo assim, era o centro da diversão da comunidade. O sustento quase todos da comunidade era lá. O movimento da comunidade maior era na fonte, como era chamado, as mulheres buscando água, os jovens nadando, eram outros lavando roupa. depois da lavagem de roupa o pessoal ia tomar banho, se divertir um pouquinho aí já vinha banhado do caldeirão, mas amanhã eu vou lá e quando chegava em casa já dispensava o banho kkkkkkkk.

Marildes: Você acha que existia uma diferenciação de trabalho entre homens e mulheres?

José Júnior: Eu acho que não porque cada um faziam uma parte, para as mulheres era mais pesado, porque elas buscavam água para a casa e quando chegava ia lavar a louça, limpar a casa e depois iam e depois iam lavar roupa e os homens iam só buscar água e ficavam livre, podia nadar e deixava água aí para as mulheres fazerem outras coisas, eu acho que o trabalho das mulheres era mais pesado um pouquinho do que dos homens. Claro que todos trabalhavam ficam mais as mulheres se esforçavam mais.

Marildes: Você acha que esses caldeirões são importantes para a história da Comunidade?

José Júnior: Tem importância, nossas raízes estão lá, as raízes da comunidade está lá porque foi de lá que veio as primeiras águas para lavar nossas roupas quando criança, para manutenção de casa, tudo foi lá. Lá era a grande esperança da comunidade lá era o grande oásis, tenho muitas lembranças boas, faz recordar toda nossa história, quando a gente fala de lá todo mundo se empolga e começa a contar uma história, aí vem aquele turbilhão de memórias boas.

Marildes: Eu lembro que tinha um monte de gente lá na serra banhando e pulando do biquinho.

Maria do Socorro: Pulava que faltava era não sair nunca kkkkkkk

José Júnior: Eu já pulei de lá. Tem uns que para provar ia lá no fundo e pegava uma mão cheia de areia kkkkkkkkk

Maria do Socorro: Ainda trazia para mostrar kkkkkkk

José Júnior: Ei Marildes, lá tem um centro espiritual muito grande porque o pessoal dizia que lá tem o pé de Jesus, tu lembra? Lá no caldeirão da Bernaldina tem o pé de Jesus quando era jovem e lá no caldeirão do Gado tem o pezinho de Jesus quando ele era pequeno, alguns dizem que Jesus e outros dizem que foi o sinal que Deus deixou dos anjos lá, prova que ele passou por lá.

Maria do Socorro: Lá na Pedra Furada tem um caldeirãozinho e de frente o lugar que nós trabalhava tem o rastro de pé descalço bem visível lá na boca do caldeirãozinho. Lá na Pedra Furada é mais bonito.

José Júnior: É lá no Caldeirão do Gado e no Caldeirão na Bernaldina, né vó. Cravado mesmo na rocha, é um pezinho mesmo, se você tivesse oportunidade de tirar foto e ter a imagem seria bem interessante.

Marildes: Houve uma resistência da comunidade quando souberam que não poderiam mais entrar na área dos caldeirões?

José Júnior: Acho que a comunidade ficou meio iludida porque a Dra. Chegou aqui e expôs o projeto e o pessoal daqui por ser um pouco cabeça fechada. A Dra. teve o papel dela e sua importância no parque, mas quando ela chegou aqui o pessoal ficou muito cativado porque ela sabia falar e expor as ideias e todo mundo achou bom, mas depois que cercou e colocou o portão a comunidade sentiu as consequências porque tirou a liberdade da comunidade. Às vezes acabava as águas das cacimbas aí tinha a necessidade de pegar água lá e muitas vezes as pessoas tinham que pular a cerca e roubar aquilo que era da comunidade, era da comunidade, mas a comunidade se sentia como um invasor de entrar lá e pegar água pra fazer suas necessidades. O pessoal ficou muito revoltado por causa disso. É um patrimônio bem bonito da comunidade. Porque se esse povo não precisasse da água, não iam para lá, mas o pessoal precisava também, aí o que é um bem público, bem comunitário, se tornou clandestino porque a comunidade tinha que ir escondido sem ninguém saber, às vezes um de durava o outro. Alguns que trabalhavam lá, para segurar o seu trabalho às vezes dedurava.

Marildes: E os jovens continuaram indo para lá mesmo estando fechado?

José Júnior: Os jovens sentiam falta daquele lugar, até porque aqui não tinha piscina e não tinha nada, acho que quase 100% de quem sabe nadar aprendeu lá.

Maria do Socorro: Os que sabem nadar aprenderam tudo foi lá, todo mundo, toda criança kkkkkk.

Marildes: Júnior, você lembra daquelas garrafas para boiar? kkkkkk

José Júnior: Eu lembro, para boiar. às vezes a gente tirava um pouquinho da lima e colocava ali do lado e ela ia voltar kkkkk, era um tempo bom. A comunidade no começo achou bom esse cercado, mas depois sentiu falta de poder entrar e sair a hora que quiser de lá e sobre suas necessidades, lavar suas roupas, colocar as roupas para quará naquelas pedras.

Marildes: E hoje você ainda frequenta esses ambientes?

José Júnior: Hoje não, eu fui lá quando estava liberado, com os amigos. Acho que a última vez que eu fui lá já tá com um tempinho, mas faz bastante tempo acho que tá com uns quatro anos.

Marildes: Mas você não foi lá porque não quis ou porque é fechado?

José Júnior: Agora é porque é fechado, às vezes sente falta de ir para lá, ver e visitar os locais, porém não pode ir porque tem muita burocracia e, pois, só é permitido se estiver acompanhado de um guia e isso desanima. (...) O vovô também ia buscar água lá ne vó! com um carrinho de mão.

Maria do Socorro: Marildes, sabe quem gostava de fazer? era seu avô e o Boroso, O Francisco gostava de fazer esses carrinhos de carregar água KKKKK.

José Júnior: O vovô tinha latra, tirava o fundo e colocava uma madeira para durar mais. O vovô tinha bem dois.

Maria do Socorro: Ele não ficava sem o carrinho.

José Júnior: Eu lembro que aquele tempo era difícil demais bicicleta, o tio Edneide fez um tempo um carrinho pequenininho para o Rodrigo buscar água kkkkkkkkkkkk

Marildes: Você tem mais alguma memória do momento de lazer que você queira compartilhar?

José Júnior: Eu lembro de quando eu ia buscar água de bicicleta com uma moringuinha, eu já aproveitava para banhar logo, as mães brigavam com a gente com medo de se afogar aí eu me banhar bem banhadinho e ficava

me secando era horas lá, chegava aqui com as pernas tudo cinzenta
kkkkkkkk já me afoguei lá kkkkkk acho que todo mundo já se afogou lá
kkkkkkkk.

Marisa Lima Miranda Sousa

Marildes: Como você se chama e qual a sua idade?

Marisa: Marisa Lima Miranda Sousa, 26 anos.

Marildes: Você conhece os caldeirões da serra?

Marisa: Conheço.

Marildes: Quais são os caldeirões que você conhece?

Marisa: Caldeirão do Gado, Caldeirão da Bernaldina, Caldeirão Grande, Caldeirão dos Porcos, Caldeirão dos Avós e o Branquim.

Marildes: Você sabe por que foram dados esses nomes a esses caldeirões?

Marisa: Por alto eu já ouvia, quando era criança que no Gado era porque os animais bebiam, quando não tinha parede, o da Bernaldina é porque tinha uma senhora que era dona do caldeirão, morava lá perto aí dizia que era dela. O dos Porcos eles ficavam ali por baixo então os porcos tinham mais acesso, bebiam lá, se lameavam.

Marildes: Você sabe quando a comunidade começou a utilizar esses caldeirões?

Marisa: Não

Marildes: Havia manutenção desses caldeirões?

Marisa: Eu lembro que sim algumas vezes, quando eu criança tinha um dia do ano antes de começar o inverno a comunidade se reunia como um mutirão mesmo para fazer a limpeza dos caldeirões para quando a chuva vir acumular água um pouco mais limpa.

Marildes: Quais eram as atividades que a comunidade fazia nesses caldeirões?

Marisa: Os caldeirões eram mais usados para lavar roupa, pegar água para labutar em casa como por exemplo lavar a louça, limpar a casa, fazer comida, tomar banho e também o pessoal gostava de ir para se divertir, lazer, tomar banho nas águas, Só que para tomar banho mesmo era só no

caldeirão Gado, os outros caldeirões não tinham esse hábito. Tinha um caldeirão também que servia para beber água, eu não lembro muito bem assim se a gente bebia água dos caldeirões, acho que tinha poço já na minha época. Aqui já tinha poço de água doce, a gente bebia água salobra, agora de água salobra eu lembro que a gente já bebeu.

Marildes: As atividades eram as mesmas para os homens e mulheres?

Marisa: Buscar água homem e mulher buscava, mas na parte de lavagem de roupa era só as mulheres e os homens e as crianças às vezes iam para colocar água nas bacias para elas lavarem. Lembro-me quando era menor, eu ia com um baldinho só para colocar água mesmo e depois ia para cima da serra brincar e esperar, até que a mãe da gente soltava o grito, fulano, quero água a e só depois, que eu fui começar a lavar roupa.

Marildes: Esses caldeirões serviam apenas para atividades domésticas ou também serviam como locais de lazer?

Marisa: As pessoas gostavam de se reunir, principalmente os adolescentes, para brincar, nadar, tomar banho de tardezinha ou final de semana para se divertir mesmo, porque aqui na comunidade não tinha muitas opções ou nem uma opção de lazer ou era os caldeirões ou era ficar brincando em casa mesmo, porém essa atividade era só no caldeirão do Gado mesmo. Lembro que havia disputa de nado de quem chegava de uma parede para outra e tinha outra que enchia a garrafa, eu não brincava porque não sabia mergulhar, mas os meninos enchiam uma garrafa de 2 litros de água e jogava no fundo e quem conseguisse pegar primeiro ganhava a brincadeira.

Marildes: Havia algum prêmio?

Marisa: Não, era só por diversão mesmo, só para a brincadeira para distrair mesmo.

Marildes: Você acha que esses caldeirões são importantes para a história da comunidade?

Marisa: Com certeza sim porque a comunidade tinha ali uma forma de sobrevivência porque era onde se fornecia água para a comunidade. Tudo que as pessoas faziam em relação à água vinha de lá e isso fica muito marcado na história de todo mundo.

Marildes: Houve uma resistência quando a comunidade soube que não poderia mais entrar na área dos caldeirões?

Marisa: Me lembrasse muito pouco mas eu ainda lembro, eu acho que houve uma resistência, porque assim, eu ouvi uma história que foi tido uma conversa Niéde Guidon com a comunidade, ela explicou o motivo pelo qual não poderia as pessoas irem lá e que iria fazer a lavanderia isso ela fez, construiu lavanderia, só que às vezes tinha algum problema, assim ela fez a lavanderia e passou o cadeado no portão para que ninguém tivesse acesso, só que quando um cano entupia ou quebrava aí ficava com a situação, a pessoa precisava de água e tava trancado. Então as pessoas entravam lá para pegar água porque não tinha o que fazer, e até pedir permissão dela também, ninguém ia atrás dela, então entravam lá para dentro para retirar a água só mesmo para consumo, só que assim teve algumas pessoas que existiram na questão de tomar banho e continuaram indo, não muitos.

Marildes: Qual o sentimento que você tem em relação a esses caldeirões, tem um sentimento de carinho nesses caldeirões?

Marisa: Com certeza, porque sempre que eu ia lá era símbolo e sinônimo de alegria porque às vezes a gente encontrava um amigo, quando criança porque comecei a andar para lá muito cedo e enquanto a mãe da gente estava lavando roupa a gente enfia lá as bacias e ia para cima da serra espera e caçar uma sombra, ficava brincando por lá até que a mãe só tá com um grito, fulano quero água, aí a gente ia colocar água. Quando a gente percebia que o pessoal estava terminando de lavar roupa a gente aproveitar para banhar, porque quanto ficava pouco não podia banhar enquanto as mulheres tivesse lavando, por quê e a água e a água ficava suja sujeira com a sujeira do fundo então tinha que esperar o pessoal terminar para poder tomar banho, quando a mãe da gente deixava.

Marildes: Você costumava ir para lá escondido?

Marisa: Sim, às vezes. Quase sempre porque minha mãe não me deixava ir para lá sem ela kkkkkkkk aí quando a gente queria ir tinha que ser escondido, quando chegava uma olhada aí já sabia para onde era que estava kkkkkkkk.

Marildes: Mas por que sua mãe não deixava?

Marisa: Preocupação porque lá é água e a gente criança, muita água com criança é uma coisa que não dá muito certo. eu aprendi a nadar lá, a gente saiu de casa e levava um barbante, umas moringas garrafa pet aí as tampava sem água, só o ar aí amarrava o barbante em uma ponta uma garrafa e outra pronta a outra garrafa, servir como boia e a gente ia aprendendo a nadar.

Entrevistada: Sara Raquel Paes da Gama

Marildes: Qual o seu nome e sua idade?

Sara: Sara Raquel Paes da Gama, 16 anos.

Marildes: Você conhece os caldeirões da Serra?

Sara: Sim.

Marildes: Quais são os caldeirões que você conhece ou que você já ouviu falar?

Sara: kkkk não estou lembrada.

Marildes: Você não ouviu falar de nenhum Caldeirão?

Sara: Já sim.

Marildes: Você não sabe o nome, só sabe que tem?

Sara: É.

Marildes: Você já foi em algum desses caldeirões?

Sara: Não, eu só vi na internet ou por foto.

Marildes: Quais são as histórias que você já ouviu falar sobre esses caldeirões?

Sara: Que lá nos caldeirões é um lugar lindo e extraordinário para tirar fotos, uma paisagem cultural.

Marildes: Você já ouviu alguma história dos seus avós ou dos seus tios?

Sara: Não.

Marildes: Você sabe quais foram as atividades que as pessoas mais velhas faziam nesses caldeirões?

Sara: Não.

Marildes: Você tem algum interesse em conhecer, e passear nesses caldeirões?

Sara: Sim, Tenho a curiosidade de conhecer lá, mas ainda não tive a oportunidade.

Marildes: Mas porque você ainda não foi nesses caldeirões?

Sara: Porque falta acompanhante.

Marildes: Você acha que esses caldeirões são importantes?

Sara? Sim, da história a comunidade, é um lugar histórico.

ANEXO 2

Termos de Autorização para uso de Imagens e Dados Etnográficos.

TERMO 1

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PRO-REITORIA DE ENSINO - PROEN
DEPARTAMENTO DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO - DRCA
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOL

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu
Élan de Sousa Clara,
residente na rua
Zona Rural - Sítio de Maca - Camêlo José Elias,
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas
pelo discente da UNIVASF
Marilene Lima Miranda Sousa,
portador do cpf (ou rg) 061.484.493-23, e concedo autorização para
utilização dos dados, bem como de uso de imagem, para eventos relacionados
às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato, PI, dia de de 2021.

Autorizado Voluntariamente
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato - PI,
CNPJ: 05.440725/0001-14
Telefone: (89) 3582-2120 / Fax: (89) 3582-2120. Site: www.univasf.edu.br.

TERMO 2

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PRO-REITORIA DE ENSINO - PROEN
DEPARTAMENTO DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO - DRCA
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOL

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu
Erilly Vitoria dos Anjos Sousa Miranda,
residente na rua
Zona Rural - Sítio de Maca - Camêlo José Elias,
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas
pelo discente da UNIVASF
Marilene Lima Miranda Sousa,
portador do cpf (ou rg) 061.484.493-23, e concedo autorização para
utilização dos dados, bem como de uso de imagem, para eventos relacionados
às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato, PI, dia de de 2021.

Maria Aparecida dos Anjos Sousa Miranda
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato - PI,
CNPJ: 05.440725/0001-14
Telefone: (89) 3582-2120 / Fax: (89) 3582-2120. Site: www.univasf.edu.br.

TERMO 3

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PRÓ-REITORIA DE ENSINO - PROEN
DEPARTAMENTO DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO - DRCA
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOL

UNIVASF
UNIVASF
UNIVASF

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu
Onofre Bernardino de Miranda,
residente na rua
Zena Rural - Sítio do Meco - Bonnel Fox Deas,
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas
pelo discente da UNIVASF
Marilês Lima Miranda Sousa,
portador do cpf (ou rg) 061.484.493-23, e concedo autorização para
utilização dos dados, bem como de uso de imagem, para eventos relacionados
às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato, PI, dia de de2021.

Autização dada verbalmente
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVABA
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato - PI,
CNPJ: 05.440725/0001-14
Telefone: (89) 3582-2120 / Fax: (89) 3582-2120 Site: www.univasf.edu.br.

TERMO 4

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PRÓ-REITORIA DE ENSINO - PROEN
DEPARTAMENTO DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO - DRCA
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOL

UNIVASF
UNIVASF
UNIVASF

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu
Daniela de Sousa Silva,
residente na rua
Zena Rural - Sítio do Meco,
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas
pelo discente da UNIVASF
Marilês Lima Miranda Sousa,
portador do cpf (ou rg) 061.484.493-23, e concedo autorização para
utilização dos dados, bem como de uso de imagem, para eventos relacionados
às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato, PI, dia de de2021.

Daniela de Sousa Silva
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVABA
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato - PI,
CNPJ: 05.440725/0001-14
Telefone: (89) 3582-2120 / Fax: (89) 3582-2120 Site: www.univasf.edu.br.

TERMO 5

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PROFESSORIA DE ENSINO - PROEN
DEPARTAMENTO DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO - DRCA
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOL

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu
Amatizadora das Santas Mirandas,
residente na rua
Zona Rural, Sítio do Meco,
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas
pelo discente da UNIVASF
Marcelus Lima Miranda Sousa,
portador do cpf (ou rg) 061.484.493-23, e concedo autorização para
utilização dos dados, bem como de uso de imagem, para eventos relacionados
às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato, PI, dia de de 2021.

Amatizadora das Santas Mirandas
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato - PI,
CNPJ: 05.440725/0001-14
Telefone: (89) 3582-2120 / Fax: (89) 3582-2120. Site: www.univasf.edu.br.

TERMO 6

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PROFESSORIA DE ENSINO - PROEN
DEPARTAMENTO DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO - DRCA
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOL

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu
Maria do Socorro da Silva,
residente na rua
Sítio do Meco - Zona Rural,
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas
pelo discente da UNIVASF
Marcelus Lima Miranda Sousa,
portador do cpf (ou rg) 061.484.493-23, e concedo autorização para
utilização dos dados, bem como de uso de imagem, para eventos relacionados
às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato, PI, dia de de 2021.

Amatizadora das Santas Mirandas
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato - PI,
CNPJ: 05.440725/0001-14
Telefone: (89) 3582-2120 / Fax: (89) 3582-2120. Site: www.univasf.edu.br.

TERMO 7

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PRÓ-REITORIA DE ENSINO - PROEN
DEPARTAMENTO DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO - DRCA
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOL

UNIVASF

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu
Luciane Miranda Silva,
residente na rua
Zona Rural - Sítio do Meo - Leonel Foa Dias,
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas
pelo discente da UNIVASF
Marildes Lima Miranda Sousa,
portador do cpf (ou rg) 061.484.493-23, e concedo autorização para
utilização dos dados, bem como de uso de imagem, para eventos relacionados
às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato, PI, dia de de 2021.

Luciane Miranda Silva
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestrê, São Raimundo Nonato - PI,
CNPJ: 05.440725/0001-14
Telefone: (89) 3582-2120 / Fax: (89) 3582-2120. Site: www.univasf.edu.br.

TERMO 8

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PRÓ-REITORIA DE ENSINO - PROEN
DEPARTAMENTO DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO - DRCA
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOL

UNIVASF

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu
Pedro Pereira da Silva,
residente na rua
Zona Rural - Sítio do Meo - Leonel Foa Dias,
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas
pelo discente da UNIVASF
Marildes Lima Miranda Sousa,
portador do cpf (ou rg) 061.484.493-23, e concedo autorização para
utilização dos dados, bem como de uso de imagem, para eventos relacionados
às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato, PI, dia de de 2021.

Pedro Pereira da Silva
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestrê, São Raimundo Nonato - PI,
CNPJ: 05.440725/0001-14
Telefone: (89) 3582-2120 / Fax: (89) 3582-2120. Site: www.univasf.edu.br.

TERMO 9

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO – UNIVASF
PRO-REITORIA DE ENSINO – PROEN
DEPARTAMENTO DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO – DRCA
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOL

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu
Sara Raquel Paes da gama,
residente na rua
Zona Rural - Sítio do Meço - Leonel José Dias,
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas
pelo discente da UNIVASF
Marildes Alma Miranda Sousa,
portador do cpf (ou rg) 061.484.493-23, e concedo autorização para
utilização dos dados, bem como de uso de imagem, para eventos relacionados
às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato, PI, dia de de 2021.

Mariza de Fátima Paes da gama
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato - PI,
CNPJ: 05.440725/0001-14
Telefone: (89) 3582-2120 / Fax: (89) 3582-2120. Site: www.univasf.edu.br.

TERMO 10

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO – UNIVASF
PRO-REITORIA DE ENSINO – PROEN
DEPARTAMENTO DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO – DRCA
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOL

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu
Gabriela de Lima Reis Bandeira,
residente na rua
Zona rural - Sítio do Meço - Leonel José Dias,
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas
pelo discente da UNIVASF
Marildes Alma Miranda Sousa,
portador do cpf (ou rg) 061.484.493-23, e concedo autorização para
utilização dos dados, bem como de uso de imagem, para eventos relacionados
às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato, PI, dia de de 2021.

Alba Aparecida de Lima Ferreira
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato - PI,
CNPJ: 05.440725/0001-14
Telefone: (89) 3582-2120 / Fax: (89) 3582-2120. Site: www.univasf.edu.br.

TERMO 11

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PRO-REITORIA DE ENSINO - PROEN
DEPARTAMENTO DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO - DRCA
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOL

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu
Alba Aparecida de Lima Ferreira,
residente na rua
Zona rural - Sítio do meco - Leonel José Dias,
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas
pelo discente da UNIVASF
Marcelis Lima Miranda Sousa,
portador do cpf (ou rg) 061.484.493-23, e concedo autorização para
utilização dos dados, bem como de uso de imagem, para eventos relacionados
às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato, PI, dia de de 2021.

Alba Aparecida de Lima Ferreira
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato - PI,
CNPJ: 05.440725/0001-14
Telefone: (89) 3582-2120 / Fax: (89) 3582-2120. Site: www.univasf.edu.br.

TERMO 12

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PRO-REITORIA DE ENSINO - PROEN
DEPARTAMENTO DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO - DRCA
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOL

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu
Nilton Paes Landim Neto,
residente na rua
Zona rural - Sítio do meco - Leonel José Dias,
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas
pelo discente da UNIVASF
Marcelis Lima Miranda Sousa,
portador do cpf (ou rg) 061.484.493-23, e concedo autorização para
utilização dos dados, bem como de uso de imagem, para eventos relacionados
às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato, PI, dia de de 2021.

Nilton Paes Landim Neto
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato - PI,
CNPJ: 05.440725/0001-14
Telefone: (89) 3582-2120 / Fax: (89) 3582-2120. Site: www.univasf.edu.br.

TERMO 13

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PRO-REITORIA DE ENSINO - PROEN
DEPARTAMENTO DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO - DRCA
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOL

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu
Marisa Lima Miranda Sousa,
residente na rua
Zona Rural - Sítio do Maco - Leonel José Dias
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas
pelo discente da UNIVASF
Marcelus Lima Miranda Sousa,
portador do cpf (ou rg) 061.484.493-03, e concedo autorização para
utilização dos dados, bem como de uso de imagem, para eventos relacionados
às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato, PI, dia de de 2021.

Marisa Lima Miranda Sousa
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato - PI,
CNPJ: 05.440725/0001-14
Telefone: (89) 3582-2120 / Fax: (89) 3582-2120. Site: www.univasf.edu.br.

TERMO 14

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PRO-REITORIA DE ENSINO - PROEN
DEPARTAMENTO DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO - DRCA
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOL

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu
Daniel dos Santos Sousa Silva,
residente na rua
Zona Rural - Sítio do Maco - Leonel José Dias
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas
pelo discente da UNIVASF
Marcelus Lima Miranda Sousa,
portador do cpf (ou rg) 061.484.493-03, e concedo autorização para
utilização dos dados, bem como de uso de imagem, para eventos relacionados
às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato, PI, dia de de 2021.

Daniel dos Santos Sousa Silva
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato - PI,
CNPJ: 05.440725/0001-14
Telefone: (89) 3582-2120 / Fax: (89) 3582-2120. Site: www.univasf.edu.br.

TERMO 14

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PRÓ-REITORIA DE ENSINO - PROEN
DEPARTAMENTO DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO - DRCA
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOL

UNIVASF

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu
Alvina Salomé da Silva,
residente na rua
Zona rural - Sítio do Meço - Canal José Dias,
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas
pelo discente da UNIVASF
Márcio Lima Miranda Sousa,
portador do cpf (ou rg) 061.484.493-28, e concedo autorização para
utilização dos dados, bem como de uso de imagem, para eventos relacionados
às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato, PI, dia de de 2021.

Alvina Salomé da Silva
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato - PI,
CNPJ: 05.440725/0001-14
Telefone: (89) 3582-2120 / Fax: (89) 3582-2120. Site: www.univasf.edu.br.

TERMO 15

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PRÓ-REITORIA DE ENSINO - PROEN
DEPARTAMENTO DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO - DRCA
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOL

UNIVASF

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos



Por meio do presente documento eu
José Reis Bandim Junior,
residente na rua
Zona rural - Sítio do Meço - Canal José Dias,
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas
pelo discente da UNIVASF
Márcio Lima Miranda Sousa,
portador do cpf (ou rg) 061.484.493-28, e concedo autorização para
utilização dos dados, bem como de uso de imagem, para eventos relacionados
às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato, PI, dia de de 2021.

José Reis Bandim Junior
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato - PI,
CNPJ: 05.440725/0001-14
Telefone: (89) 3582-2120 / Fax: (89) 3582-2120. Site: www.univasf.edu.br.

TERMO 16

 **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PRÓ-REITORIA DE ENSINO - PROEN
DEPARTAMENTO DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO - DRCA
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOL 

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu
Juliana Lima Miranda Sousa,
residente na rua
Zona rural - Sítio de Macé - Bonifácio Dias,
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas
pelo discente da UNIVASF
Marildes Lima Miranda Sousa,
portador do cpf (ou rg) 061.484.493-23, e concedo autorização para
utilização dos dados, bem como de uso de imagem, para eventos relacionados
às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato, PI, dia de de 2021.

Juliana Lima Miranda Sousa
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato - PI,
CNPJ: 05.440725/0001-14
Telefone: (89) 3582-2120 / Fax: (89) 3582-2120. Site: www.univasf.edu.br.

TERMO 17

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PRÓ-REITORIA DE ENSINO - PROEN
DEPARTAMENTO DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO - DRCA
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOL

UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

Termo de autorização para uso de imagem e dados etnográficos

Por meio do presente documento eu
Willian Lima de Miranda Silva,
residente na rua
Zona rural - Sítio do Meo - Leonel José Dias,
reafirmo meu interesse em participar das atividades (entrevistas) realizadas
pelo discente da UNIVASF
Marcus Lima Miranda Sousa,
portador do cpf (ou rg) 061.494.493-23, e concedo autorização para
utilização dos dados, bem como de uso de imagem, para eventos relacionados
às atividades acadêmicas e científicas.

São Raimundo Nonato, PI, dia de de 2021.

Willian Lima de Miranda Silva
Assinatura

CAMPUS SERRA DA CARIVARA
Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato - PI,
CNPJ: 05.440725/0001-14
Telefone: (89) 3582-2120 / Fax: (89) 3582-2120 Site: www.univasf.edu.br